

João Damasceno Pereira

Lourenço Torres  
Bahia 24, 11, 1922

TORRENTES

12775  
*Pamasceno Vieira*

# TORRENTES

ULTIMOS VERSOS

DE

THEOPHILO BRAGA



**LIVRARIA „LOUREIRO“**  
Antiga "Solivar & Cia.,"  
12. Rua do Collegio, 12  
Telephone, 1257  
**BAHIA - Brazil**

PORTO

CARNEIRO

Torrentes, formam a ultima serie,  
concentradamente architectado.

Ultimos versos são os d'este livro, não que desaparecesse a veia occulta que os produziu, mas porque elles vem fechar o cyclo poetico da *Visão dos Tempos*. O volume das *Torrentes* remata uma obra longo tempo sentida, delineada e trabalhada; a força das circumstancias fez que saisse fragmentada, por series.

A *Visão dos Tempos*, aonde se descreveu o plano completo, foi bem accollida por seu mal: roubou o auctor á santa obscuridade em que trabalhava, expondo-o á vileza de mal fundadas invejas.

Mezes depois as *Tempestades Sonoras* abriram uma nova serie, em que o pensamento da obra se ia realisando mais amp. mente. Falou-se em ambos os hemispherios, mas os thuribularios officiaes acordaram no meio do enthusiasmo, vendo que se erguia uma soubra em volta da sua gloria. Os applausos da vespera transformaram-se em tripudio de rancor e em vergonhosas palinodias. O obreiro voltou para a sua mina, a proseguir no trabalho lento, mas não já socegado.

A terceira serie, a *Ondina do Lago*, surgiu no fragor da polemica e de calumnias de toda a ordem dos que andavam agourando um contagio no gosto e na litteratura portugueza. O livro passou incólume; não falaram, não tiveram que dizer. A poesia da historia ficou inaugurada.

Hoje as *Torrentes* formam a ultima serie, a cupula d'este edificio concentradamente architectado.

Para melhor intelligencia dos varios poemas que vão adiante, aqui se designam as origens. Os amores dos Anjos, foram cantados já por Lamartine, e superiormente por Thomax Moore. Mas o assumpto parecia intacto; o pensamento da lenda preadamitica ainda reservava uma occulta feição poetica. Quem ler o Livro de Enoch, (cap. 7 a 17,) e o Genesis, (cap. vi, 1,) conhecerá a historia d'esses anjos que se esqueceram do céu pelo amor das filhas dos homens. Samyaza é a poesia do soffrimento.

A Infancia de Homero completa o pensamento do poemeto a Velhice de Homero. É uma simples vulgarisação das ideas de Vico. Todos os povos da Grecia querem a Homero por filho; a Iliada foi obra da sua mocidade, a Odyssêa a criação da velhice; elle foi pobre e tambem cego. Vico explica: Os povos da Grecia o adoptam porque vêem n'elle representado o seu character; não se sabe quando viveu, porque elle viveu cinco seculos na tradição oral; compoz na mocidade a Iliada, porque o poema da colera foi sentido pela Grecia então nova, quando os seus heroes eram quasi deuses pela força; a Odyssêa é o poema da sua velhice, porque a Grecia de Ulysses pertence á idade da reflexão; Homero foi pobre e cego, porque elle é a alma de todos os rhapsodos dispersos pelas cidades gregas, que repetiam inconscientemente, e para viverem, as tradições antigas. (Sciencia nova, Liv. III, cap. I a VII.) O poemeto é uma noite serena do archipelago; as vozes das brisas, das cigarras, dos mares, confundem-se em um côro immenso falando de Homero. Os rios dizem: Nós o vimos nascer, e confundimos seus primeiros vagidos. — As cigarras cantam: Nós lhe embalámos o somno povoado de sonhos encantadores. — As brisas murmuram: Nós lhe andamos espalhando as suas strophes. — Os mares: Nós o levámos de Ilha em Ilha. — E as Ilhas: Accollêmol-o quando andava foragido, e lhe dêmos altares. A voz do Vesúvio, symbolizando a voz do philosopho napolitano, perturba o placido concerto fazendo ecoar: Não existiu Homero! Mas os rios,

os mares, as Ilhas, as virações, continuaram: Nós o vimos, nós o sentimos, porque elle era a alma de toda a Grecia.

O poemeto Arabesco de uma janella gothica nasceu de uma leitura da Divina Commedia. Dante foi accusado de sacrilego, pelos seus inimigos, por ter quebrado a grade do baptisterio de San João de Florença, para salvar uma criança que se afogava. O poeta allude ao facto, no Inferno:

Non mi parien meno ampi, nè maggiori,  
 Che quei, che son nel mio bel san Giovanni  
 Fatti per luogo de' battezzatori.  
 L'uno degli quali, ancor non è molt'anni,  
 Bapp'io per un, che dentro v'annegava;  
 E questo fia suggel, ch'ogni nome sganni.

CANT. XIX, 6, 7.

O Bravo de Uiraçaba, poema das antigas navegações portuguezas, é fundado sobre a Relação do Naufragio de Jorge Coelho de Albuquerque vindo do Brazil, que se pôde lêr na Historia Tragico-Maritima, o livro da prosa mais bella e verdadeira que ha na lingua portugueza. A acção dos jesuitas revolucionando os selvagens contra o governo de Portugal, ainda no Seculo XVIII foi revelada pelo Bispo do Grão Pará: «unicamente tinham indios para serem senhores das aldeias, e sel-o-hiam de tudo se pudessem.» (Mem. p. 198.)

O Auto por desaffronta, é tirado da rubrica d'aquella farça que Gil Vicente compoz para se defender dos seus detractores.

O drama Poeta por desgraça, é a vida amargurada, e a morte não vingada do poeta da Arcadia, Pedro Antonio Correia Garção, sacrificado por ter involuntariamente ferido a vaidade do Marquez de Pombal.

A Vertigem do Infinito é um episodio da vida de Goethe que toda a gente conhece; escolhêmos-o para mostrar como o culto da arte eleva acima de todos os sentimentos da vida.

Eis a disposição em que devem de ser collocados todos os poemas que formam o plano geral da *Visão dos Tempos*:

**HARPA DO ORIENTE:** Stella Matutina — Na torrente de Cédron — A Sombra do Propheta — Sémida — Ave Stella! — O Masthodonte — A perola de Ophir — A Odalisca.

**ANTIGUIDADE HEROICA:** A Bacchante — A Nayado, — O Cyclope — Infancia de Homero — Velhice de Homero — As Ceias de Nero.

**ROSA MYSTICA:** Baptismo de fogo — Arabesco de uma janella gothica — Spasimo — O Extasis do Propheta — O Rosario.

**CYCLO CAVALHEIRESCO:** A Ondina do Lago — O Bravo de Uiraçaba — A dor do leite.

**IDADE DE FERRO:** Auto por desaffronta — Poeta por desgraça — Vertigem do Infinito.

A SOMBRA DO PROPHETA

POEMA

# Damasceno Vieira

Super flumina...

O venerando ancião morrêra, vendo  
Os soldados do imperio arrebatarem  
Sua tímida filha para as noites  
Do palacio de Cyro. Emudecera.  
Como a penha lascada pelo raio  
Caiu prostrado ao instantaneo golpe!

JAHÉL! JAHÉL, a candida, a mais pura  
Das virgens de Sião, vae, como a pomba  
Nas garras do abutre, espavorida ;  
Nem sabe para onde. Só lhe lembra  
Um pae, que vê inânime, por terra.



Tão nova, e só no mundo! Ella nascera  
Embalada ao gemer do cativeiro,  
No tumulto de Babylonia. Nunca  
Vira os sitios cantados dos Prophetas,  
Nem os rios sonoros, nem as rosas  
Da campina de Sáron, os sepulchros  
Sacrosantos dos velhos Patriarchas.  
A saudade da patria fel-a triste,  
Deu-lhe aos labios a voz do vaticinio,  
Ao semblante a expressão de quem reflecte,  
Face a face com Deos, sua grandeza.  
JAHÉL! JAHÉL! a mãe que ao dia a trouxe,  
Longos annos esteril, pranteava,  
Morta de dor, por se não ver eleita,  
Nem esperar que, um dia, do seu ventre  
Visse a luz o bem vindo dos Prophetas.  
Chorou tanto!

Faltava-lhe a esperança,  
Bafejo genial, que a dor alenta,  
E rasga aos olhos um provir grandioso.  
Fôra uma vez para o deserto, attenta,  
Vêr se a sombra de Elias se mostrava!

Entrou pelas cavernas do Carmello,  
Falou a medo... E uma voz lhe disse,  
Vaga, obscura, de um modo que imitava  
O vendaval na aguda penedia:

« Quando em teu horto reflorir um lirio,  
« Grato ao Senhor será também teu fructo. »

Santa mãe! a alegria vem doirar-lhe  
A existencia de lagrimas que tinha.  
Esperança! és aurora que rutila  
Ao fim da noite tormentosa e lenta,  
Vindo n'alma acordar concerto aéreo;  
N'um lampejo furtivo tu destacas  
A fimbria azul de um céu que mal se avista.  
Ao ullular das tribus sob os ferros  
Do cativoiro crú, viera unir-se  
O vagido flebil de uma criança.  
Era JAHEL! Apresentou-a ao templo,  
No templo aberto d'esse espaço livre;  
Fez voto aí da sua virgindade.

Quem ousará tocar com mãos pollutas  
N'esta rôla do altar do sacrificio?  
Quem beberá no consagrado vaso,  
Sem que leia a sentença da ruina?

## I

Lá no palacio de marfim da Armenia,  
Tudo luzes por dentro e harmonias  
Da orchestra da loucura! Reis escravos  
Fazem o séquito ao monarcha altivo.  
Nas vastas quadras de luzente pórfido  
Chovem flores e rosas desfolhadas;  
Luz de uma cor suave se diffunde,  
Qual sonho vago que a dormir se entreabre.  
A immensidão das salas repetindo  
O murmurio dos jorros d'agua, embala  
O cansasso das horas de mais calma.  
Bandos de huris mais languidas de Tyro,  
Cingidas no húmero as roupagens brancas,  
Odor exalam de aloés e myrra.

As esphinges sustentam as columnas  
Dos balcões do festim cobertos de ouro  
E purpura de Sídon. Recostado  
Ao sceptro, cravejado de diamantes  
Que deslumbram a vista, entrára Cyro  
Na pompa da sensual magnificencia!  
Caminha e calca aos pés as flores, vindas  
Dos occultos oásis, mais mimosas,  
As mais raras, as mais aveludadas.  
Cyro se encosta nos divans dormentes  
Do mais tenue frouxel, e se repousa  
De já tanto sonhar grandeza e assombro!  
Mão delicada a chlamyde desata;  
O corpo ungem com balsamos macios,  
As donzellas o calcam docemente;  
Dedos, braços estalam com blandicia.  
Nem a serpente que as canções enleiam  
Se enrosca mais quebrada. Brando orvalho  
D'agua cheirosa a fresquidão derrama;  
Dansas, suspiros, hymnos de triumpho,  
Soltos licores, frezesim, ruido,  
Tudo embriaga o monarcha do Oriente.

## II

Mandou vir a cativa israelita  
Cyro! E quer escutar a harpa saudosa  
Da filha de Coré. Tel-a em seus braços...  
Quer a Jehová roubar a flor divina  
Que essa cativa ha consagrado. N'isto,  
Sons confusos da orchestra annunciavam  
Nos penetraes a entrada da donzella.  
Como ella vinha palida e transida!  
Cyro lhe pede que o seu véo levante,  
Vae respirando soffrego esse enlevo;  
A pureza infantil exalta o fogo.  
Ungiram-na de um oleo perfumado,  
E o rei, doido de amor, a acaricia:

« JAHEL! JAHEL, inclina-te em meus braços,  
« Como se deixa ao sol cair o bago  
« Das vinhas de Engadí na sesta ardente.  
« Vem! das formosas foste a escolhida!  
« No fulgor d'esse olhar abre-me a aurora.  
« E' rico o ouro em pó que em teus cabellos

« Espalharam aqui; rico o arminho  
« Com que quero elevar-te á realza,  
« Mas é mais bello ainda o que me escondes ! »

## III

Aproximou-se a escrava temerosa.  
Como JAHEL coroada estava linda,  
Viva, dengue, engraçada, pequenina,  
Quasi á altura de um beijo! os olhos negros  
Incendiando a paixão, nadando vagos  
Na humida pupila adormecida!  
Leve, flexivel como uma vergonhea,  
Era um pômo doirado pelas calmas  
Do céo oriental; falta colhel-o:  
Só não sabia o que era esse desejo,  
Que deixa sempre uma anciedade n'alma.  
Cyro ardia de amor diante d'ella,  
Como as brazas de sandalo e de myrra  
Que o recinto embalsamam com aromas,  
Brandos aromas que á volupia incitam.

O rei, senhor de imperios, não se atreve  
Ante o olhar de innocencia que o fascina!  
Desvairam-no mil harpas sussurrantes  
Que gemem na ala dos jardins suspensos:

« JAHÉL, JAHÉL, criança encantadora,  
« Das virgens de Israel a mais sublime!  
« Dá que te abraçe, nuvem que me foge;  
« Quero vêr-te, aspirar tuas palavras,  
« Oh, fala-me d'amor... Por que estremeces? »

Soltara-se JAHÉL d'entre os seus braços  
Como uma pomba quando bate as azas;  
Lançou mão de uma cythara caída  
No tapete das pelles de panthera,  
Que revestia o gynecen. As tranças  
Em catadupas descem pelos hombros;  
Parece a prophetisa quando clama  
Á sombra das palmeiras do dezerto  
Á consternada tribu uma sentença!  
Olhos fitos no firmamento escuro  
Assim cantava com a voz tranquilla:

# SAMYAZA

ou

## O AMOR DOS ANJOS

---

Chrenos primeiro

I

« AMOR! eterno Verbo de harmonia,  
Saudação á luz, canto de vida,  
Lei e força onde tudo principia.

Graça de quanto existe — reflectida  
Nas numerosas formas que se enlaçam;  
Unidade só na alma presentida.

Amor! Amor! por ti os orbes passam  
Falando, arrebatados na cadencia,  
Com reflexos que o infinito abraçam.



.....

Sem ti fôra impossivel a existencia,  
Chimera a vida, absurda a realidade,  
E a Substancia inerte sem a Essencia.

És torrente que inunda a immensidade;  
Melodia do universal harpejo;  
Prisma ideal da divina claridade.

Amor! Amor! teu cálido bafejo  
Faz palpitar em festa a natureza,  
Agitada de incognito desejo.

Polulla a flôr, esmero de belleza,  
As virações embalam esse goso  
Que a fecunda na edênica nudeza.

Volvem-se as aguas no ésto caloroso,  
São as nupcias motivo de alegria;  
Tu apressas o instante mysterioso  
Amor! eterno Verbo de harmonia.

## II

Foco brilhante d'esse Amor immenso,  
Que em si concentra a chamma viva e pura,  
É o Anjo, em seu cantico suspenso.

Ante o solio de Deos, por lá na altura,  
Cantam os Anjos um louvor jocundo,  
No timbre de uma célica doçura.

Outros vagam dispersos pelo mundo,  
Ouvindo cada sêr que alegre existe  
A cumprir um mysterio — o mais profundo

Do Amor e Morte! — Lei escura e triste,  
Antithese fatidica, terrivel,  
Á qual tudo o que nasce não resiste.

Revelações do Amor indefinivel,  
Cantam-no em hymnos vívidos, sonoros,  
Ascendendo na escala incomprehensivel  
Seraphins, Potestades, Thronos, Córos.

## III

Que sublime não era Samyaza!  
Elle rasgava no horisonte a aurora,  
Cortando os ares com a ponta da aza.

Typo ideal de apparencia encantadora,  
Expressão de bondade no semblante,  
Olhar de languidez que ri e chora:

Azas brancas, de um branco deslumbrante,  
Quando voava o frémito ligeiro  
Fingia uma harpa eólia distante.

Samyaza! é seu nome hymno fagueiro,  
Um perfume levado pelo vento;  
Nos labios o sorrir do amor primeiro.

Elle era o mais ditoso pensamento  
Da mente do Senhor! Deos o enviara  
Pela extensão do azul do firmamento.

Transpoz mundos, esferas, orbes! Para  
Cumprir o mando á terra se transporta;  
Vem decorar a melodia clara  
Da vida inteira que se evolve absorta.

## IV

Disse Deos áquelle Anjo de pureza;  
«Samyaza! que musicas ouviste  
«Do vivo Amor que anima a natureza?

«Trazes no rosto uma expressão tão triste?»  
— Tu, Senhor, és a fonte d'onde emana  
Amor, vida que ás cousas infundiste!

No fogo d'esse Amor a forma humana  
Arrancaste do nada; e a ti devemos  
Esta infancia que a morte não empana.

Fizeste-nos prototypos supremos  
Do puro Amor! tu déste-nos o encanto  
Da graça com que o throno te envolvemos.

Déste-nos tudo que ha de bom e santo;  
Mas do universo no grandioso côro  
Perdido som me ha revelado tanto!

São gémeos o Amor e a Morte! Imploro,  
Senhor, que me rasgueis este mysterio;  
Eu só, meu Deos, o soffrimento ignoro!

As nuvens cantam no correr aério:  
« Nós nos amâmos, e a buscar-nos vâmos,  
« Levadas de hemispherio em hemispherio;

« Mas o abraço que no espaço dâmos  
« Á luz do sol que doira nossa alvura,  
« Nos lança á terra esteril que orvalhâmos. »

As aguas cantam n'uma queixa dura:  
« Reflectimos o azul d'esses ambientes,  
« Que esmalta a luz que a jorros vem da altura.

« Revolvemo-nos sempre impacientes,  
« O Espirito de Deos sobre nós passa,  
« Mas prendem-nos os grandes continentes. »

E diz a flor n'um cantico de graça:

« Abrimos na alvorada pudibunda,

« Que aspira o doce efflúvio que esvoaça.

« Desfolha-nos o sôpro que fecunda,

« O calor que alimenta é que nos cresta,

« E assim cumprimos uma lei profunda.»

Dos insectos a queixa amarga é esta:

« Uma restea do sol nos accalenta,

« N'ella brincâmos doidejando á sésta;

« Mas quando baixa a noite somnolenta,

« Ao olvido de um somno atro, funereo,

« Fria rajada leva-nos sedenta.»

---

Senhor! Senhor, rasgae este mysterio!

Porque enlaçastes o Amor e a Morte?

Dae que eu sinta do soffrimento o imperio.

Felizes os que soffrem! Grande e forte,  
Senhor, temos a graça, a gloria infinda;  
Déste-nos quanto um immortal comporte,  
Mas falta-nos a dôr, a dôr ainda.»

## IV

Cyro, absorto, escutara a melodia  
Da dolorida voz que se calava  
No intimo do peito. Os córos de anjos  
Oh não possuem cythara mais dina!  
Eram mudas as musicas nocturnas  
Da estrepitosa festa, tudo escuta.

Nos sophás de setim Cyro se encosta,  
No langor de um desejo fatigado;  
Quer mais sons, mais palavras, mais suspiros.



JAHEL ergueu de novo o Cinnor santo,  
Que sob as mãos caíra casualmente;  
Dedilha froixa. A tunica de linho  
Desenha as formas lindas, mal sonhadas.  
Sua voz tempestúa o vaticinio  
Lançado aos ventos! Bella, n'esse instante  
Terrível como o exercito em batalha,  
Dera ao semblante uma expressão sinistra:

# SAMYAZA

08

## O AMOR DOS ANJOS

---

### Chrenos segundo

I

« Junto do Hermon, á faldá da montanha,  
Do tempo antigo nas primeiras eras,  
Vivia raça altiva, audaz, extranha.

Eram gigantes, quasi irmãos das feras,  
Vivendo solitarios pelas grutas;  
Tinham no sangue a lava das crateras.

Alimentados de continuas luctas,  
As solidões de horrores povoaram  
Só com mostrar as cataduras brutas.

Foram elles tambem os que geraram  
Aquellas formosissimas donzellas,  
Por quem, outr'ora, o céo abandonaram  
Anjos em legiões somente ao vel-as.

## II

O flagello de Deos caíu tremendo  
Da rija tribu em cima dos mais fortes;  
Fome cruel e negra! Mal horrendo

Que os desbastava com sangrentos córtes!  
Deixaram suas humidas cavernas,  
Foram seguindo aventureosos nortes.

Pasto de aves, ás virações hybernas,  
A grey d'elles, as pobres criancinhas,  
Por lá ficaram lamentando ternas,  
Ao pé dos rios a chorar sosinhas.

## III

De uma vez, Samyaza se transporta  
Ao mundo, para ouvir esse concerto  
Da vida inteira que se evolve absorta.

Logo um debil vagido ouvira ao perto,  
Misturado ao sussurro da torrente,  
Que sinuosa corre no dezerto.

Uma criança ali! Fraca, doente,  
Os abutres a cercam no abandono;  
Tão cruel desamparo o Anjo sente.

Acordara do immaculado somno,  
Ao voejar sinistro. Teve medo!  
Sem mãe que ao peito seu lhe dêsse um throno,  
Rosa, esfolham-na os vendavaes bem cedo.

## IV

Samyaza doeu-se ; n'esse instante  
Bemdisse a dôr que nos revela a vida,  
A magoa que sentiu o fez amante.

A' criatura ingenua, adormecida,  
Melhor do que ave que o seu ninho tece,  
Deu-lhe um berço de rosas por guarida.

Elle a vem acordar quando amanhece,  
Elle a vem bafejar quando é sol posto ;  
Quantas vezes dos céos tambem se esquece  
Com as azas brancas a velar-lhe o rosto!

## V

Despontava a criança ; e assim pequena  
Samyaza se achava preso a ella ;  
Como encarnar em si forina terrena?

De cada vez tornava-se mais bella,  
Virginal, de uma candida meiguice ;  
Mas como humanisar-se para tel-a ?

Desvairado do amor pela doudice,  
Poz-lhe por nome Tamiel, um nome  
Que as saudades do empyreo traduzisse.

Tamiel, Tamiel ! quem ha que dome  
A dôr que nos inspira um Anjo errante  
Na terra, pelo amor que o consomme !

A soledade entristecia a amante ;  
Samyaza falava na linguagem  
Que tinha a natureza luxuriante.

Dos dezertos sorria na miragem,  
Brandos desejos ia-lhe acordando  
No segredar das aguas com a folhagem.

Mais preso a Tamiel de quando em quando,  
A purissima e divinal Essencia  
Ia o amor da terra penetrando.

Samyaza contára a impaciencia  
De possuir a força que o fazia  
Invisível do ar na transparencia.

Sorriu-se Tamiel com alegria,  
Melindrosa, mais tímida que a rôla ;  
Chorando instou que se amostrasse um dia,  
N'essa esperança vaga se consola.

## VI

Pediú a Deos Samyaza que o terreno  
Involucro lhe dêsse, e as azas solta  
Aos pés do throno eterno ao leve aceno.

Somno mortal os olhos prende em volta,  
Cae-lhe das mãos a cythara maviosa  
Ao estridor de musica revolta.

Visões da beatitude gloriosa  
Vão-se apagando n'alma pouco a pouco ;  
Regosijo ineffavel já não gosa.

O som da sua voz é triste e rouco,  
 No semblante não tem clarão risonho,  
 Mas sente-se de amor ainda mais louco.

No sobresalto de um ditoso sonho,  
 Tamiel acordara; ella estremece  
 Vendo-o ao lado com um ar medonho.

Que dor, quando lhe disse: «Não és esse  
 « Que na visão de amor enlouquecia,  
 « Samyaza radiante me apparece.

« Que segredos Samyaza me dizia!  
 « Não tens nos labios musicas tão francas;  
 « Sobre o azulado ether ascendia,  
 « E tu não tens as suas azas brancas.»

VII

Chorava o Anjo silencioso; o rosto  
 Escondido nas mãos! A angustia mostra,  
 Que o puro amor se aviva no desgosto,  
 E a dôr que mais eleva é a que prostra.»



## V

Ficou Cyro a dormir a somno solto,  
Como serpente que não tem veneno,  
Esquecido do impeto feroso,  
Vencido pelos sons do mago plectro  
Que lhe inspirava paz, tranquillidade!  
JAHEL cantava agora mais serena,  
O canto a protegia no combate  
Da volupia fremente do monarcha.

Mais pura que Judith, em vez da espada,  
Para alongar o descuidado somno,  
Lançou mão outra vez do Nablo augusto:

# SAMYAZA

OU

## O AMOR DOS ANJOS

---

Chrenos terceiro

I

« Samyaza era triste em seu desterro;  
Perdera a Essencia de anjo; lyrio na haste,  
Ah pende exhausto no escaldado cêrro.

Oh perola caída do engaste,  
A frescura do orvalho que dá vida  
Só na vista da tua amada achaste.

Se via Tamiel adormecida,  
Vinha a medo, a distancia contemplal-a,  
Com expressões da magoa mais dorida.

Vel-a sempre, era de alma arrobo e gala,  
E as delicias do céu quasi entrevia  
Se o somno a Tamiel cantando embala.

Meio escondido os pômos lhe trazia,  
D'entre as ramas olhava pesaroso,  
A vel-a ao perto ali, não se atrevia.

No fugitivo somno de repouso  
Dava-lhe a relva uma macia alfombra;  
Já não sorria em sonho mysterioso,  
Nem tinha as azas que lhe davam sombra.

## II

Viera um dia vel-a. Um grito escuta!  
O grito a voz da amada parecia...  
Parte solícito e procura a gruta...

Não a encontra. Por entre os cedros via  
Surgirem vultos de guerreiros! Corre,  
Arrancavam-lhe a flôr que mais queria.

Volveu a funda. Eis rue como uma torre  
Um gigante! Feroz lucta se trava,  
Um desaba a seus pés, outro alem morre.

Samyaza recobra a força brava  
Que nas celestes legiões tivera:  
Rijo a horrida tribu derrubava!

Ia alto o sol. Alfim o anjo vencera.  
Tamiel, Tamiel com susto ainda,  
Reconhecida aos braços se prendera  
Com a fraqueza que a tornara linda.

## III

Fôra o combate do Hermon sobre os combros,  
De traz do monte o sol já se escondia;  
Samyaza subiu, levando aos hombros

A temerosa amada; a noite fria  
Tambem do esconso vale sóbe aziaga  
Por sobre as trevas com que o vale enchia.

Ave nocturna aqui e alem divaga  
Em roda do destroço; andam de rojos  
Feras a quem o sangue podre embriaga.

E enquanto em baixo comem os despojos,  
Samyaza subiu pela montanha,  
Os pés ensanguentados pelos tojos.

Suór em bagas sua fronte banha,  
Teme o encontro da tribu assoladora,  
Até ao cume o leva ancia tamanha.

Esquecido de si ficou. N'essa hora  
No seio de Tamiel encosta a fronte;  
Sentou-se de cansado; vinha a aurora,  
Erguendo a franja etherea do horisonte!

## IV

Abrem-se á luz do sol os olhos bellos  
Da doce amada, que sorri graciosa,  
Distraída, brincando em seus cabellos.

O sol penetra a sombra silenciosa,  
Um somno de fadiga o Anjo dorme  
Ao vago sussurrar da selva umbrosa.

Subito uma panthera ingente, informe,  
Sae terrivel da emmaranhada brenha,  
E a virgem prostra sob a garra enorme.

Despertou Samyaza e se despenha  
Qual se arremessa uma pezada barra;  
Primeiro que Taniel o acordo tenha,  
Elle nas mãos esmigalhou a garra.

## V

Que dor! De susto desmaiou a amada;  
Ergue-a nos braços. Chama, não responde;  
Estava fria, lívida, gelada.

A prantear, nas mãos o rosto esconde,  
Chorando noite e dia não descança!  
No desespero, ninguem sabe d'onde  
Nos pode vir ainda uma esperança.

A luz do sol que esplendida perpassa  
No rosiclér da nevoa matutina,  
Banhou-o todo n'um clarão de graça.

As azas de uma alvura crystalina  
Polullaram dos hombros, no transporte  
Que o remonta para a mansão divina.

Soou no ar um côro immenso e forte:  
« Oh bemvindo, bemvindo o que ha tocado  
« O alto mysterio do Amor e Morte.

« A dôr do amor que em terra te ha lançado,  
« Den-te outra vez dos Anjos a candura ;  
« Quando o dia do Filho fôr chegado  
« Irás levar-lhe o calix da amargura. »

## VI

Auréola de luz cingia o rosto  
Da candida JAHEL: — a prophetisa  
Sente o mysterio do Amor e Morte,  
O sonho incomprehensivel do Oriente.  
Cyro dormia o somno mais profundo,  
Sonho lethal occupa, agita a mente  
Do soberbo monarcha dos emporios:

Uma agnia audaciosa vem pairando  
Sobre a sua cabeça e lhe arrebatava  
A corôa de rei! — Cyro convulso  
Tenta seguil-a; como setta, fende



O espaço azul e pelo ar se libra,  
Leva nas garras a corôa de ouro!  
Para as alturas do Carmello vôa,  
Quasi a poisar nos ingremes cabeços,  
Levada no tufão. — Cyro aterrado  
Caminha á pressa, o escaldado monte  
Sóbe... o cansasso já lhe esgota as forças.  
Aguia altaneira, para o mar se arroja,  
Leva a corôa! Se ella cae no oceano!  
Contra o vento e a chuva o rei investe,  
Chegou aos visos do Carmello ingente.  
De uma gruta sombria sae terrifica  
A sombra do gigante dos Prophetas  
ELIAS — alma eterna dos dezertos!

Detem-lhe o passo mal bradou: «Acorda!»  
Do horrendo pezadello 'esperta Cyro,  
Inda a Virgem cantava n'esse plectro,  
Seu canto é como o orvalho que refresca.  
O rei interpretou o aziago sonho,  
Teme o Deos de Israel immenso e forte,  
Acceita a medo o temeroso aviso.

Já vinha clareando a viva aurora  
Pelo céo oriental; Cyro despede  
Intacta a Virgem das cativas tribus:

«Oh vae annunciar com a alvorada,  
«Ao teu povo, que chora ao pé dos rios,  
«Nova aurora feliz de liberdade.»

E as harpas mudas, tristes, penduradas  
Sobre os rios da Babylonia, expostas  
Às virações do céo que as desferiam,  
Vem aos braços cansados dos cativos  
E em côro partem a cantar saudosas:

—A Virgem de Adonai nos annuncia  
O resgate! Affigura-se isto um sonho!  
Como é que o riso e o canto de triumpho  
Irrompe em vez de queixas?

Dirão agora a gerações da terra:  
«O Senhor abençôa aquelle povo!»  
Jehová nos protege em toda a parte,  
Exultae de alegria.

Nós semeámos lagrimas amargas;  
D'ellas nos brota uma ditosa messe!  
O Senhor nos afasta o cativoiro  
Lá como outr'ora as aguas.

---

A INFANCIA DE HOMERO

POEMA

Criança ainda, mas sonhando glórias  
Amphinomo deixára o lar paterno,  
Fôra ás festas de Homero. Quiz na lyra  
Vencer das Ilhas os Aédos todos.

Com que saudade os dias lentos correm!  
Desolada e afflicta, Naïs olha  
Continuamente o mar. Sempre deserta  
A cinta azul, extensa do horisonte!  
Nem uma vela ao longe, longe alveja,  
Que lhe traga o albor de uma esperança.  
Tem alagados os magoados olhos

De tanto contemplar o mar já roxos,  
Não sabe novas de um irmão que adora!  
Inquieta, mal desponta a madrugada,  
Até que as sombras gélidas da noite  
Vem com vagar descendo, inquieta fita  
Sentada em seu eirado o mar tranquillo.  
Os rugidos da onda que se quebra  
Na rocha em baixo os ternos ais confundem.  
Leva-lhe o vento o manto e os cabellos,  
Revoltos, como vão seus pensamentos.

Naís, a loira filha de Mileto,  
Princesa encantadora! A Ama ao lado  
Procura em vão trazer-lhe algum consôlo.  
Interroga do Oraculo a sentença:  
Nada responde! Anciosa sobre a praia  
Sacrifica do mar ás divindades;  
Invoca as mais propicias. Em vão tudo!  
Naís supplica d'este modo a Antémor;

«Meu pae, meu pae! que insólita demora  
«Amphínomo sem vir. Sonha ruínas

«Presaga a mente ás vezes. E quem sabe?  
«Oh, mandae aprontar vossas galeras,  
«Quero entrar n'uma, ir pelo mar dentro,  
«Esperal-o na volta, vir com elle,  
«Que traz as palmas de immortaes triumphos.»

Singra o Baixel ufano, recamado  
De purpura por dentro. Vão cantando  
As donzellas em côro sobre a pôpa;  
Naïs mais triste olhava para as aguas,  
Que ia cortando o esporão garboso;  
Nada avista pelo ceruleo pégo.  
Enubla-lhe o desgosto o meigo rosto;  
Pergunta aos nautas a monção fagueira  
De que banda soprava? Em sua mente  
Juntam-se a medo funebres desastres.  
Julga Amphínomo errante pelos mares,  
Na borrasca levado a alheias terras;  
Perdido, morto em tenebrosas syrtes.

Como deosa que o mar com o peito corta  
Ia o Baixel sereno! Mar de leite;

Céo de anil; de feição frescos galernos!  
Eis que alycõne avistam nas alturas  
A librar-se gentil; outras em bando  
Denunciam a terra não distante,  
Na limpidez do ar leve reflexo  
Se desenha: vão-se avivando as côres,  
Vão-se erguendo as montanhas, as collinas  
Esmaltadas de magica verdura.  
As animadas virações da terra  
Vem infundir uma alegria franca.  
Era a Ilha de Chio! Naus sem conto,  
Prôa á terra deslisam mansamente;  
Vem ás festas de Homero de outras Ilhas.

Disse Naïs ao côro das donzellas:

« Vinde afinar o meu doirado plectro,  
« Meu canto virginal hade hoje ouvir-se  
« Nas sacrosantas festas que se fazem  
« Ao filho de Chryteis! Heide, por certo,  
« Descobrir meu irmão por entre a turba!  
« Só elle poderá vencer na lyra



« Os sons febris que amor em mim desfere!  
« Heide a seus pés depôr minha grinalda;  
« Ah, não quero que a pobre irmã conheça:  
« Irei como um dos vates mais crianças  
« Que às festas acudiu. Vós, oh donzellas,  
« Escondei-me estas transas de cabello  
« Sob o laço pendente da corôa.  
« Hão de julgar em mim vêr o mais lindo  
« Dos moços do Archipélago! Hoje sinto  
« Sacrosanta alegria que me inspira;  
« Levae o novo Aêdo para a terra.»

Levada pelo aceno da esperança,  
Lança a donzella os olhos desvairados  
À multidão fervente; não descobre  
Esse irmão que solícita procura!  
O tumulto redobra-lhe a tristeza.  
Attenta escuta os sonoros cantos,  
Nenhum da doce voz lhe lembra o timbre.  
Nenhum rosto o do Amphinomo parece;  
A multidão abafa-lhe os soluços!  
Estava Naïs n'esse instante linda,

Fazia delirar de amor ao vel-a:  
Pousáta a mão mimosa sobre o plectro,  
Era a estatua do marmore arrancada,  
Onde um genio divino transluzia.  
Olhos de artista a viram; tudo acclama  
A candura infantil do novo Aédo.  
Nais percorre a lyra; os leves dedos  
Um diluvio de sons no ar espalham,  
A multidão estúa para onvil-a.  
A mudez de um oraculo a escata!  
Alfim ergueu segura a voz sentida,  
Branda, tremente, arrebatada canta:

— Ouvia-se no ar vago concerto  
Que adormentava a noite do Archipélago!  
Era o susurro divinal dos rios  
Misturado ás cantigas das cigarras;  
Era o gemer das brisas mansas, doces  
Conversando co'as aguas e a folhagem!  
Eram os largos, azulados mares  
A reflectir o céo, bordados de Ilhas,  
A cantarem de ignotas maravilhas.

Tudo falava do sublime Aécdo!

Os rios, na corrente prigueirosa,  
A requebrarem-se em gentis meandros,  
Como braços que a si a amante prendem,  
Que doidos vencem, mas vencendo caem,  
Iam dizendo ás ramas dos salgueiros,  
Aos eccos longos dos sonoros valles:  
«Nós lhe demos um berço de verdura,  
«E lhe ouvimos attentos os vagidos  
«No estridor das festas confundidos.»

Tudo falava do sublime Aécdo!

As cigarras, na vagarosa noite  
Embebidas no cantico estridente,  
Cantavam todas nas confuzas vozes:  
«Nós lhe em! alámos seu primeiro somno!  
«E enquanto elle dormia, não temido  
«Pelos do Olympo vingadores numes,  
«Revelámos-lhe em sonhos o segredo  
«Que occulta mão vibrou na eterna lyra,  
«E cada geração ao passar tira.»

Tudo falava do sublime Aécdo!

E em tropel caprichoso vinham, doidas  
Como nayades indo á flor dos rios,  
Ou bacchantes que das collinas descem,  
Vinham travessas brisas murmurando:  
«Nós brincámos outr'ora em seus cabellos,  
«Nós ouvimos os sons d'aquelle plectro,  
«E espalhámos no ar o canto novo!  
«Enlevadas na languida magia  
«Andamos repetindo essa harmonia.»

Tudo falava do sublime Aécdo!

A onda azul e branca, desgrenhada  
Que vem beijar o alto promontorio,  
Que se vae a carpir de praia em praia,  
O alegre mar Egeu que abraça as Ilhas,  
O brando mar de Myrto, no ruido  
Que ás musicas da noite se harmonisa:  
«Nós tambem o levámos de Ilha em Ilha,  
«Abrimos-lhe os reconditos mysterios,  
«Primeiro os disse em canticos aérios.»

Tudo falava do sublime Aéo!

E as Ilhas, como as pérolas do manto,  
Nymphas dispersas na fluidez das aguas,  
Conchas da profundeza á luz saídas,  
Respondiam na voz do côro immenso:  
«Accolhêmol-o cego e foragido,  
«Como a viandante que se mostra nune;  
«Nós lhe démos altares! na alegria  
«Que inspirava seu canto, só de ouvil-o,  
«Ficámos templos por ter sido asyllo.

Após esta cadencia, em que os instantes  
Esquecidos da vida deslisavam,  
Seguiu-se um breve, singular silencio!  
Vem perturbal-o um subito estampido.  
Como de uma cratera que rebenta,  
No ar se espalha o sulphoroso fumo,  
Candente a lava até ao mar escorre,  
Luar incerto a labareda offusca.  
Era o Vesuvio, que exclamou n'um grito:  
«Não existiu Homero, foi um mytho.»

Mas o susurro divinal dos rios,  
E as cantigas ardentes das cigarras,  
Os gemidos das brisas mansas, loucas,  
Conversando com as aguas e a folhagem,  
O mar azul, infindo, as verdes Ilhas,  
Proseguiram no placido concerto:  
«Nós o vimos! nós todos o sentimos,  
«Disputâmol-o ainda em doce briga;  
«Nós lhe demos o ser, dentro em nós canta,  
«ALMA PARENS de toda a Grecia antiga!»

No delirio da inspiração, envolve  
Auréola divina o rosto a Naïs;  
A infancia dá-lhe a graça da poesia!  
Quando todos inquietos perguntavam  
D'onde viera? quem ensinara o canto?  
Se era um Deus? n'esse instante as transas soltas  
Em ondas caem sobre os hombros, livres;  
Eram cabellos de mulher! Sorriram  
Doidos de amor os vates, que lançaram  
A seus pés as corôas e as lyras.

ARABESCO

DE

UMA JANELLA GOTHICA

POEMA

## I

De pé, falava o Antiste ás rudes hordas,  
Envolvido na tunica alvejante,  
Da fonte do baptismo sobre as bordas:

— Oh, vinde irmãos caríssimos! Diante  
De vós abre-se um mar que dá passagem  
À terra promettida. Vinde, vinde,  
O Espirito de Deos passou nas aguas.  
É nau aventureira a Santa Egreja;  
Voltada para a ribas do Oriente,  
Sólta aos ventos do largo a vela branca,  
Ella busca o paiz do eterno dia.



A luz da fé estrella é do seu rumo,  
A cruz é leme e ancora a esperança.  
Vinde vós todos que fugís da morte,  
Para as bordas da fonte do baptismo;  
O Espírito Santo é bom piloto,  
Pomba da Arca, ditosa mensageira.—

## II

Eis do tropel da fervorosa turba  
Saíu uma mulher, e com seus passos  
O silencio interrompe e a voz perturba.

Trazia reclinada sobre os braços  
Uma criança meia adormecida;  
Vem buscar á piscina a eterna vida:

«Dae-lhe a graça nas agnas do baptismo,  
«Que ella fique tão pura como os anjos!»  
E depoz a criança aos pés do Padre.

## III

O Sacerdote ergueu ao céo os olhos,  
Com terrível, mas paternal aspecto;  
E ao mergulhar nas aguas o infante  
Das mãos se lhe escapou, e semimorto  
Caín no fundo lá do escuro poço.

## IV

Quanto affligia o vêr a mãe transida  
Da mais pungente dor, inconsolavel,  
Sobre as bordas da fonte do baptismo!  
Hirta de assombro diante das blasphemias  
Rugia a multidão feroz, turbada:

«Annuncias, Senhor, a eterna vida,  
Trouxe o meu filho aqui, e dás-lhe a morte?  
Em vez de abrir a terra promettida  
Confundiste-o nas aguas? Grande e forte,  
Meu Deus, que mal te fez uma criança?  
Impões a fé, e matas a esperança,

«Não tenho a quem cantar minhas cantigas,  
Já o sol não tem brilho!  
De que me serve agora a mim a vida,  
Se perdi esse filho?»

Eu sinto que a minha alma me abandona,  
Aos brutos me assimilho;  
Não se me dá da morte; a morte, a morte  
É perder esse filho.»

## V

Á voz do Padre a multidão derruba  
A atribulada mãe! pelos cabellos  
Arrastaram-na ao póste da fogueira:

«Desfalleço a cantar! bem haja o fogo  
Que me recorda as dôres por meu filho!  
Cedo o perdi! a chamma que devora,  
Para encontral-o me allumia o trilho.»

O BRAVO DE UIRACÁBA

POEMA

## PRELUDIO



Como se arroja em um naufragio escuro  
Ao mar a historia de asperos revezes,  
A fim de ir dar a algum porto seguro:

Do abysmo onde os imperios tantas vezes  
Baqueam, — mando ás ribas do futuro  
O poema do que foram portuguezes.

## CANTO PRIMEIRO

---

### TENTAÇÃO NO DESERTO

#### I

Na clareira escondida da floresta,  
Presas nos ramos das magnolias, pende  
A somnolenta rêde entretecida  
Do matiz variegado da plumagem  
Do canindé vistoso. Quem repousa  
Ali, na molle sesta? na frescura  
De uma aprasivel, hospedeira sombra?  
Em volta, jaz sentado com desleixo  
Um rancho indigena, aguardando o instante  
Que o maioral acorde. A rija tribu  
Soube escolher o Bravo, o destemido  
Pela certeza da ligeira flexa;

Chamavam-lhe o valente de Uiraçaba,  
Pelo nome da aljava que o acompanha.  
Elle era novo e sonhador. Ouvia  
Longe, bem longe os passos do inimigo;  
Como a panthera farejava a preza;  
Como o raio, espalhava repentino  
Castigo irremissivel! Mas ás vezes  
O granito mais duro estala, quando  
Humilde gota de agua se congella.  
Fôra assim o guerreiro. Elle era novo,  
Não o saciava essa altivez do mando,  
Nem a largueza de não vistas matas,  
Nem os recontros do congnar gigante.  
Elle anceiava pouco, ou nada, tudo:  
Tinha sêde de amor...

## II

Por entre as brenhas,  
Rompiá desvairado, ia seguindo  
Sem saber para onde; muitas vezes  
Cuidava estar ouvindo voz sentida

Chamal-o para si... Em vão buscava.  
Os canticos das aves solitarias  
Da plaga americana, segredando  
Confidencias da alegre natureza,  
Entreabriam-lhe a furto aquelle sonbo.

## III

No frenesim do amoroso instincto  
Convoca o Bravo os anciãos da tribu,  
Guardas da tradição e narradores  
Dos gloriosos feitos, que se contam  
Na vespera sedenta da batalha.  
Juntou-se o côro dos Moranduçaras,  
O chefe assim falou:

« Velhos sinceros,

« Não mancha os vossos labios a mentira!

« Tantas vezes hei visto a estrella morta

« Perder-se no horisonte ao vir do dia,

« Sem que o somno me alente das fadigas!

« E Jurema, a propicia mãe dos sonhos,



« Me seduz com aparições ridentes;  
 « Embala-me com tantas harmonias;  
 « Traz-me enleiado, desvairado, louco!  
 « Eu não sei que me falta; e o que busco  
 « Presinto que não seja d'este mundo!  
 « Falae, velhos sinceros, revelae-me  
 « Se algum maligno Anhága me combate? »

D'entre os Moranduças venerandos,  
 Dos que têm os thesouros do passado  
 Guardados na memoria, o mais antigo,  
 O prudente Abaeté prompto responde:

« Guerreiro de Uiraçába! na floresta  
 « Uma clareira occulta conhecemos;  
 « As magnolias em flor lhe prestam sombra.  
 « Mysterosa mudez ali revôa,  
 « Favoravel ás santas narrativas.  
 « Oh vem connosco! Ali nós te abriremos  
 « O deposito augusto das edades  
 « Onde o provir obscuro se esclarece.»

## IV

À sombra das magnolias, brandamente  
Balouçado na rêde entretecida  
Das plumagens do canindé vistoso,  
O terror de Uiraçaba dormitava.  
O velho Abaeté declara ao côro  
Dos narradores da soberba tribu:

«Eil-o, repousa placido, tranquillo  
«Como uma aguia nos visos do fraguado.  
«Deixemol-o dormir! A mãe risonha  
«Das visões mais queridas, mãe ditosa  
«Dos sonhos de ouro, a candida Jurema,  
«Lhe bafeje o semblante afogueado,  
«Do agitado guerreiro. Semimorto  
«N'este instante parece, mas no peito  
«Violento irrompe um sentimento novo!

«— Amor, amor! sabemel-o nós todos  
«A quem a edade revelou a vida.»  
Responde attento, a frouxa voz, o côro.

## V

Não foi tão leve o ruído das palavras  
 Que essa eterna verdade traduzia;  
 Subito acorda o Bravo de Uiraçába;

«Vozes surdas, sinistras, ominosas,  
 «Como a voz do guariba ao vir da noite,  
 «A visão fugitiva me interrompem!  
 —«Oh Bravo! — o Abaeté responde a medo,  
 «Quando se ouve ao crepusculo o guariba,  
 «Elle annuncia quasi sempre a morte!»  
 «—O indomito guerreiro de Uiraçába  
 «Não sabe o que é temor! Mando que expli-  
 «Quanto me diz esse guariba em sonhos.»

Como o cypreste se ergue sobre a campa,  
 D'entre os Moranduças se alevanta  
 O tremulo Abaeté:

«Canta o guariba...

«Nas solidões das matas elle canta,  
 «Como o padre christão quando psalmeia...

« Bem vês! A loira virgem que apparece  
« Nos teus rapidos sonhos, melindrosa,  
« É do branco das longes terras filha,  
« Isso descubro no fatal presagio.»

— « Oh! dize-me se a posso vêr um dia? »

« Como alva pomba vem, no pando vôo  
« Por magicos acenos atrahida,  
« Vinda de extranhos climas quasi toca  
« Na americana riba a virgem bella,  
« Descança! Ella virá poisar seu rosto  
« Sobre um peito de tanto amor vencido.»

## VI

Era o guerreiro sonhador e novo!  
Ficou de pé scismando, triste, quêdo,  
Igual ao cedro no alto da montanha.  
Ao côro dos Moranduçáras volve  
O Abaeté, e a cada um derrama  
No camocin o liquido sagrado,

O licôr de Jurema, que os inspira  
Para contar ao Bravo de Uiraçába  
Qual o destino, que a esse amor se prende.  
E enquanto ficam no extasi suspensos  
Assim canta o selvagem que os domina :

« Sôpro de Aracaty, brisa dos mares,  
« Dissipa a densa nevoa que inda envolve  
« O longiquo horisonte onde a contemplo.  
« Deixa mirar a aparição divina  
« Que me traz alheiado d'este mundo!  
« Eu a vejo ao clarão dos devaneios,  
« Da palida Jacy á luz serena,  
« E quanto mais me foge, mais revôam  
« Para ella em tropel tantos desejos.  
« No murmurio de incognitas torrentes,  
« No cicio das folhas do arvoredô,  
« No gorgείο das aves mais canoras,  
« Em tudo a sinto, a vejo e a respiro.  
« Nem da jaty o mel tem o perfume,  
« O gosto d'essas falas que eu escuto...  
« Lá da Mayri das longes terras, tral-a  
« Sôpro de Aracaty, brisa dos mares. »

Présto a horda do espasmo se levanta!  
Grito de frenesim rijo interrompe  
Essas palavras com que o Bravo seisma:

«Oh filho de Tupan, feliz na Aljava  
«D'onde uma flexa nunca em vão se tira!  
«Teu braço é o trophéo que representa  
«Contra os guerreiros da Mayri distante,  
«Da terra a liberdade primitiva.  
«A Virgem que amas tanto, e em sonhos miras  
«É talisman contra essa liberdade!  
«Evita o amor que a morte traz consigo.»

## VII

Por sobre a confusão aterradora  
Das ernas vozes, roucas, agourentas,  
Se eleva a voz do Bravo de Uiracába:

«Cedo me acostumei a vencer sempre!  
«Prostrei sempre o leopardo mais pujante;  
«É bem que affronte um dia o meu destino.

E a sós se embrenha pela selva dentro.

### VIII

Ficára o bando dos Moranduças  
 Assombrado da decisão tremenda;  
 Veiu a mudez sellar todas as bocas.  
 Quem se atreve a acordal-o do lethargo?  
 Ouve-se estrondo inesperado ao perto,  
 Alaridos sem fim, gritos agudos,  
 Gargalhadas satanicas, convulsas,  
 Ao som das quaes mais o tripudio cresce!  
 Era a tribu do Bravo de Uiraçába  
 Que traz ao sacrificio hoje um vencido  
 De uma raça jurada ao odio eterno:

« Em nossas bocas o boré retrôa,  
 « As cavernas mais surdas estremeceem.  
 « É forte o massurâma ! ao velho tronco  
 « Se amarre o Pytigoar envergonhado;  
 « Não mais hãode essas mãos brandir o arco;  
 « Os uivos do oitibó confundam queixas  
 « Que a dor lhe arranca na hora do trespasso.»

Vae começar o cruento sacrificio.  
Ao tronco mais robusto o prisioneiro  
Se confrange amarrado, vendo as dansas  
Que em volta d'elle atonito se enroscam.  
Do coração acode o sangue todo  
Ás faces de rancor e de vergonha.  
Corta-lhe a corda os pulsos roxeados;  
A alma não verga, e ella n'esse instante  
Está longe, bem longe, vendo a furna  
Aonde o espera a desprovida esposa,  
E o sitio aonde brinca a prole nova.  
Bem sabe o Pytigoar que a morte avança,  
De desespero canta na agonia:

«Tivesse a voz do lobo de caverna

«Quando elle urra sedento!

«O bramido do mar na quadra hyberna,

«Quando o revolve o vento!

«O conguar da brenha quando ataca,

«A descuidada preza

«De um golpe só, tenaz a vida sáca,

«Não tem esta villeza.



« Dansae, dansae, com passo bem ligeiro,  
« Que ainda mais veloz,  
« O grande dia hade chegar primeiro  
« Que me vinguem de vós. »

## IX

La cantando. Um vulto negro, negro  
Por entre as velhas arvores assomma,  
De Jesuita envolto na roupeta.  
A serpente, que perfida se enrola  
Sobre um ramo flexivel, esperando  
Colher de prompto o incauto passarinho,  
Faz lembrar a missão d'esses pilotos  
Do caminho do céo. Se o Novo Mundo  
Tem, na vida de esplendida riqueza,  
O cascavel, de sonoro silvo,  
Mandou-lhe a velha Europa dos seus antros  
Mais terrivel especie — o Jesuita.

Este, porem, que emerge do arvoreda,  
Solícito buscando o sentenciado,  
Era bom, era pobre, um santo homem,

O padre Anchieta, o Apostolo primeiro  
Que fez soar a nova do Evangelho  
Nas solidões da America. Bem haja!  
Eil-o que se aproxima do tapuya  
Emquanto dança a tribu desvairada.  
A fé dava-lhe agora o dom das linguas:

— Miseravel! a morte estende as garras,  
Não tenhas medo; ainda ha outra vida,  
E melhor, e sem fim! D'ella te falo.  
Disse o padre falando-lhe em segredo.

« Deixa-me, embora. »

— Aceita hoje o baptismo!

Na mente o sentenciado revolvia  
Sua impotente raiva, enquanto o padre  
Na cabeça febril do prisioneiro  
Espreme um lenço que embebêra na agua.  
A tribu ao vel-o em tremebundo rito,  
Ao qual attribuiria o atroz contagio  
Que a devastava, — as dansas interrompe

Contra o Jesuita pavido arremette,  
No forte e immenso massurâma o enleia.  
Promptas flexas o peito seu lhe visam :

— Senhor, Senhor ! o apóstolo fervente  
Incredulo confessa o vosso nome !  
Fazeis-me como a Saulo. A luz divina  
Me illumine no derradeiro transe.  
As brisas tropicaes, que vão levando  
Os perfumes da plaga americana  
Para o solio do altissimo, alevantem  
Minha oração humilde. Eu sou o obreiro  
Da parábola santa da Escripura,  
Vim tarde, e vós pagaes-me o eterno dia. —

## X

Sobre os dois condemnados imminente  
Montes de flexas quasi se despedem,  
Quando na umbrosa solidão do bosque  
O clangor do boré retrôa. Hirtos  
Ficam todos na cáfila ; conhecem

Do maioral o toque, e n'esse instante,  
Suspenso o golpe, o mando seu aguardam:

«Guerreiros! abaixae as vossas flexas.

«Venho saber se acaso me descobre

«O pagé, que de vós a morte espera,

«O mysterio dos sonhos do Jurema.

—Eu o sei! — acudio o padre logo.

«Como é teu nome?

— Anchieta!

«Anchieta, fala!

«Oh conta-me o que sabes d'essa Virgem

«Que nos sonhos dourados me apparece.»

— Pelo amor que tu sentes, vim de longe  
Sulcando errante os mares; e por elle,  
Como estás vendo, expuz-me a crú flagicio.

Pela sêde do amor que te devora

Eu dou por bem o ter perdido a patria;

Vim para falar d'elle n'estas plagas,

E tu és o primeiro que me escutas!

A Virgem, que nos sonhos teus se mostra

É luz do céo, revelação distincta,  
O seu amor se apura só na morte.

« Bem hajas, varão santo! » Volve o bravo  
Desprendendo-o do longo massurâma :  
« Venerando pagé de um outro nume,  
« Talvez como Tupan? mais luminoso?  
« Dize o nome da Virgem que annuncias. »

— Bravo! chama-se a Fé. Ella dá força  
Para affrontar os mais terriveis lances.

## XI

Isto dissera. No ar se reperente  
Cérebro estampido, inesperado estrondo,  
De uma salva da lusa artilheria.  
Aquellas solidões tacitas ouvem  
A voz com que outros povos vem pregar-lhe  
Da civilisação. A tribu ingente  
Dispersa-se confusa; o Chefe apenas  
Junto do padre impavido ficára:

«Anchieta! o ar é puro; rutilante  
«O vulto de Tupan alegre tudo,  
«D'onde vem pois o temeroso estrondo?»

— A Nau das Quinas chega de Lisboa;  
Oh vem commigo para ouvir as novas  
Que vem da amada e lusitana terra.

Perto era a praia, e o padre chora ouvindo  
O canto dos saudosos marinheiros.

## OS PIRATAS DO LARGO

## I

Batida das tormentas, dos combates  
Dos piratas do mar, desmantelada,  
Rôto o velâme, a mastreação partida,  
O costado arrombado por metralha,  
Entrava na Bahia a nau formosa  
Chamada a *Frol do Mar*. Mais parecia  
Arremessada á praia pelas ondas  
Como despojo de escarceu tremendo,  
Do que a altiva e gentil Capitania!  
O que passára a Nau no pégo immenso,  
Na travessia do Oceano, as fomes,  
Tempestade, abordagem de corsarios...  
Não ha palavras que descrevam tudo!

## II

Havia quasi um anno que partira  
Do patrio Tejo seu; singrando ufana  
Traz a seu bordo Jorge de Albuquerque,  
Mancebo, cavalleiro, apaixonado,  
Coração para a guerra e para amores.  
Da frota immensa a Nau apenas resta!  
Traz Jorge de Albuquerque, ao qual compete  
Vir sacudir os regulos selvagens  
Que têm cercada Olinda. Elle partira,  
Largara a vela na monção fagueira;  
Piloto era Mem Vasques, homem firme,  
N'esta volta de mar encanecido;  
Havia pouco ainda, lhe morrera  
A amada companheira da existencia.  
Lisboa para elle era um deserto;  
A orfandade e pobreza de uma filha  
As saudades do mar lhe despertaram.  
Voltou á vida das refregas, quando  
Seu o corpo almeja por descanso;  
E na carreira do Brazil procura  
Ganhar o dote da infeliz criança.



Orfão, de quinze annos, vem com elle  
Dulce, graciosa e mansa. A branca alcyone  
Que se envolve na cerração do cabo,  
Não vae mais descuidada sobre a vaga  
Do que a virgem deixando ao longe a patria.  
Ai visão com que o nauta sempre sonha!  
Jorge Coelho de Albuquerque, joven  
Mas destemido Commandante, brinca  
Descuidado com ella na viagem;  
E a cada riso pudibundo, ás falas  
Da mais encantadora ingenuidade,  
Sente que o amor lhe vence o duro peito.  
Dulce brincava e ria sem dar tino...  
Que mal tem os quinze annos quando brincam!

## III

Orfãzinha de mãe, exposta aos mares,  
Aos perigos de incognitas paragens,  
Ia sorrindo ás bordas do abysmo!  
Como zomambula em atroz voragem,  
Desconhecia a vida, o mal; alegre

Com a viva expansão da criancice,  
Á beira da Ama antiga se achegava,  
Distrahida, escutando os velhos contos,  
Historias da lareira.

« Oh não te esqueças

Hoje ao luar, na tolda da galera,  
De repetir, a noite vae serena,  
O conto de um amor em terra-alheia. »

Era ao decimo dia da viagem,  
Luar divino, magico, aprasivel  
Só feito para cantos de saudade!  
Achega-se a Ama então para a menina,  
Sentam-se á ré, e com a voz dorida  
Assim contára este solão de amores:

### Amores em terra alheia

Andava a brincar na praia,  
Andava a correr sosinho;  
Cativaram-me os piratas  
Era eu bem pequenino.

De tanto chorar cansado  
Me quedei adormecido,  
Negra galé me levava,  
Mal sabia o meu destino:  
Em Salé desembarcaram,  
Venderam-me lá cativo;  
Comprou-me cruel rei mouro,  
Que me quiz para servil-o.  
Quiz fazer-me renegado  
Da santa crença em que vivo;  
De dia dava-me tratos,  
Por não ter na cruz cuspidos!  
Passava a noite acordado,  
Pimenta e cravo moia;  
Augmentavam-se os meus males,  
Dobravam minhas fadigas,  
E para espalhar as magoas  
Cantava muitas cantigas.  
Ouvia tudo a princeza  
Por detraz da gelosia;  
Chamou-me pelo meu nome,  
E perguntou-me escondida:

— Christiano, porque te calas  
E em vez de cantar me miras?  
«É que me lembra, senhora,  
«Lembra-me, senhora minha,  
«Uma mãe que me chamava  
«Por esse nome que eu tinha.  
— Mas quando venho á janella  
Para quem é teu sorriso?  
«É que me lembra, senhora,  
«Uma irmã tão minha amiga,  
«Que tinha esses olhos negros,  
«Mais esses cabellos finos.  
— Cala-te lá, Christiano,  
Não sabes bem o que dizes;  
Sobem-te as côres ao rosto,  
Porque andas sempre tão triste?  
«Senhora, morro de amores  
«Por uma imagem tão linda;  
«Criada n'um berço de oiro  
«Não lhe posso chamar minha.  
— Não fôras nunca assim louco,  
Nem tu fôras atrevido,

Hoje serás degolado,  
Hoje terás o castigo.  
«Não me dóe a mim a morte,  
«Mas dóe-me este amor perdido!  
«Na minha terra em criança  
«Cantava-se uma cantiga  
«Que aqui me lembrou agora,  
«Para adeos, de despedida:

*Por te amar perdi a Deos,  
Por teu amor me perdi;  
Agora vejo-me só,  
Sem Deos, sem amor, sem ti.*

— Ter amor em terra albeia  
Quanta saudade alivia?  
Eu mal pensava, Christiano,  
Que havia amar-te algum dia.  
Ter amor em terra albeia  
Ninguem lhe sabe a valia,  
Que eu ia agora perdendo  
Esse amor que te pedia.

Meus olhos te cativaram,  
Meus braços são a cadeia;  
Ninguem sabe quanto custa  
Ter amor em terra alheia.

## IV

O Commandante Jorge de Albuquerque  
Lento se aproximára; esteve ouvindo.  
O clarão do luar se reflectia  
Na face virginal; palôr incerto  
Tornava Dulce apparição sublime.  
Sentia cada vez o Commandante  
Crescer mais a affeição pela criança!  
Elle era tambem novo, e só contava  
Vinte duas alegres primaveras.  
Com a idea do amor lhe revoavam  
Na mente o atro lampejo dos recontros  
Que vae ter c'os selvagens, na porfia  
Do resgate de Olinda! Na amurada  
Do navio se encosta a pensar n'ella;  
As turbulentas vagas o embalam,

O susurro adormece-lhe os sentidos,  
E deixa-se levar de mundo em mundo,  
Sem saber como confessar a Dulce  
A vehemencia da paixão que nasce!  
E quanto mais o impeto se exalta,  
Quanto mais bate o coração oppresso,  
Tanto mais a menina continua  
Absorta ouvindo a Aia que lhe conta  
A historia dos amores do Cativo:

### A princeza doente

«Que linda estava a princeza,  
Doente, assim desmaiada!  
As penas que a vão matando,  
Quem sabe? ninguem diz nada.

Fica-se a olhar desolada,  
Por essas aguas do mar,  
Pede que a deixem sosinha,  
Sosinha põe-se a chorar.

Não soube o que perguntar  
O rei mouro pensativo;  
Quer descobrir o segredo,  
Mandou cantar o cativo.

Cantou de um modo afflictivo  
Saudades o prisioneiro;  
Ao balcão vem a princeza,  
Sorri como ar presenteiro.

— Que pena! um amor primeiro,  
Filha, tão mal empregado!  
Por que escolheste um cativo?

«Meu pae! elle é desgraçado.

— O sol do amor te ha murchado  
Oh alva cecem dos valles;  
Porque escolheste o cativo?

«Ouvi-lhe contar seus males.



## V

Debalde procurava o audaz guerreiro  
Como confessaria o amor occulto.  
Sagrada timidez de uma alma pura!  
Com Mem Vasques falava, ia a dizer-lhe  
Quanto sente por Dulce, e as palavras  
Se atropellam nos labios sem sentido.  
Filho e herdeiro da mais alta linhagem,  
Tem Jorge de Albuquerque a nobre eschola  
Da corte portugueza; e bem se lembra  
Lá dos serões do paço, onde com damas  
Se fala sempre em verso. Alma poesia,  
Serve-lhe tu de meiga confidente;  
Da-lhe uma strophe, a mais apaixonada,  
Um murmurio da Fonte de Vaclusa:

— Busco-te, como aguia busca a altura,  
Como o impavido olhar o sol ardente;  
Como busca erma praia onda plangente,  
Busco-te, como o rio o mar procura.

E sigo-te de longe! em noite escura  
O Mago segue a estrella do Oriente;  
A columna de fogo, a raça crente  
Segue pelos dezertos na espessura.

Se alcançasse o teu vôo, nuvem suspensa  
No diaphano empyreo, alma cativa,  
Viveria ao calor da eterna crença.

Não languesças ingenua sensitiva,  
Não te percas pela amplidão immensa,  
Como Ophelia na onda fugitiva.—

Ouvira Dulce a enamorada trova,  
Sorrin-se a medo, e a trova lhe parece  
Mais sentida e gentil do que os romances  
Que a descuidada infancia lhe embalavam

«Cante-me outra canção, como as da corte,  
Como no tempo da Menina e Moça;  
Nunca até hoje ainda as tinha ouvido.»  
Jorge ao pé da amurada recitava:

— Morrer de amor, é vêr sempre o teu rosto  
Quando ri para todos e não córa!  
É vêr o brilho fulgido da aurora  
Toldar-se na tristeza do sol posto!

Morrer de amor é o intimo desgosto,  
Que um riso gera, e a occultas a alma chora;  
Morrer de amor, é vêr-me de hora em hora  
A novas incertezas sempre exposto!

Quem te vê, mysteriosa criatura,  
Sente-se escravo d'esse olhar traiçoeiro;  
Por toda a parte o teu olhar procura.

Por que me fazes teu prisioneiro?  
Se é só para cantar tua loucura,  
Douda, para que me matas primeiro?—

## VI

Traz a Nau a seu bordo um Jesuita  
Alvaro de Lucena; ao padre Anchieta  
Traz o diploma de geral da Ordem.

O padre ao vê risonha essa donzella  
Sentiu vontade de enluctar sua alma.  
Vendo-a sem mãe, lembrou-lhe a paz da ce  
Para acolher a descuidada Virgem.  
Quiz falar a Mem Vasques... receiava...  
Melhor seria inebriar a Dulce  
Nos effluvios do amor divino. O padre  
Descobrira que o amor se apossou de ambos  
Vê Jorge de Albuquerque mais seguro,  
E Dulce como flor que desabrocha  
Ao sol de uma manhã de primavera.  
Jura roubal-a ao decidido amante  
Para o redil de Christo. Mansa pomba  
Sacrificada na ara ensanguentada!

## VII

Lucena a cada instante volve a Dulce  
Um olhar paternal, falando sempre  
Nas delicias do céo; Jorge emmudece,  
Sem poder revelar toda a verdade  
Do sentimento que trasborda na alma.

Trava-se entre ambos um mortal combate,  
Lucta incognita, obscura, incomprehensível.  
Quem vencerá? O espirito das trevas  
Tem ás vezes recursos imprevisitos!  
A este tempo conhecera Dulce  
No olhar do Commandante uma tristeza  
Que a tornava mais branda, compassiva.  
Nos grupos do convés o procurava,  
Nos sustos da tormenta a vista d'elle  
Dava-lhe uma indizível esperança.  
Não era a mesma Dulce; demudada  
Na côr, e na expressão a via a Ama.  
Nem pedia que lhe contasse contos!

## VIII

Quiz Dulce comprazer com esse gosto  
Da carinhosa Ama, e no regaço  
A cabeça reclina, e agora pede  
Que prosiga na historia do Cativo.  
Aproxima-se Jorge; a Ama sorriu-se  
Satisfeita por vêr que estão attentos.

Quem como ella respeita as velhas lendas?  
Ou quem guarda com mais sagrado esmero  
O thesouro das tradições antigas?  
Fresca era a brisa, immensurado o esteiro  
Que o galeão transpõe; e enquanto aos gritos  
Do piloto obedece a marinhagem,  
Assim começa a boa cuvilheira:

### o milagre do cativo

Que lucto na corte havia,  
Oh que tristeza geral;  
Pois desfallece a princeza  
Unica herdeira real.  
Andava o rei tão afflicto,  
Andava o rei sem falar,  
Dava metade do reino  
Para a princeza salvar!  
Por fim um Mago do Oriente,  
Que ali passou por acaso,  
Jurou de lhe dar vida,  
Salval-a n'um breve prazo;

Comtante que lhe trouxessem  
De qualquer parte da terra,  
A rosa mais fresca e linda  
Que occulto mysterio encerra.  
Pregões se deitam ao longe,  
E mensageiros envia,  
Para ver se casualmente  
Essa linda rosa havia.

Vieram cestos de flores  
De toda a parte do imperio:  
Nenhuma rosa trazia  
Aquelle occulto mysterio.

Uma mãe trouxe nos braços  
Uma engraçada criança,  
Que tinha nas faces lindas  
Duas rosas de esperança.  
— Quanto essas rosas são bellas,  
Manchal-as seria um crime;  
Nenhuma d'ellas encerra  
Esse mysterio sublime.

Uma donzella formosa  
Toda pudor e candura,  
Mostrou na face umas rosas  
De incomparavel frescura :  
— Quanto essas rosas são puras,  
Ai que divina belleza ;  
Mas essas rosas não podem  
Dar vida á joven princeza.

Veiu tambem um guerreiro  
Da batalha ensanguentado ;  
Mostrou as suas feridas,  
Sorriu-se e esperou calado.  
— São rosas de côr tão viva,  
Brazão de subido preço ;  
D'ellas nasce a liberdade,  
Outro poder não conheço.

Andava o rei mais afflicto,  
Andava o rei sem falar,  
Já dava o seu reino todo  
Para essa filha salvar.



Entrou por fim o cativo  
Com Jesus crucificado;  
E apontou temeroso  
A viva chaga do lado.  
Ficou o Mago assombrado,  
Lançou um olhar profundo:  
— Essa é a Rosa que dá vida,  
Porque ella salvou o mundo.

## IX

Attento ouvira o Commandante. Dulce  
Suspensa, como um seraphim da altura  
Era mais bella n'esse instante; Jorge  
Jurou comsigo amal-a para sempre.  
Quer falar-lhe de amor; mas como? O padre  
Estuda-lhe os mais leves movimentos.  
— Dulce, agora me lembra de um romance  
Que aprendi em criança.

« Hade ser lindo! »

— Quer ouvir-o? Meu Deos, tenho saudades  
De um tempo que não torna! idade d'oiro.

Sorriu-se Dulce, e abriu mesmo a seu lado  
Logar para assentar-se.

— Se me lembra,

É parte d'essa historia do Cativo  
Contada por quem já o amor prendera.  
«Ouçâmos o romance entretenido.

Treme-lhe a voz. E Jorge alfin prosegue:

### Regresso do peregrino

Cativo em galé de mouros,  
Sem vêr nunca a luz do dia,  
Adormentavam-se as magoas  
Ao quebrar da maresia.  
Tão longe da minha terra,  
Tinha só por companhia  
Aquelle remo pezado  
Com que remava á porfia;  
Contava-lhe os meus pezares,  
Pois só commigo gemia;  
De dia o tinha abraçado,

De encosto á noite servia.  
Que vezes, morto de sêde  
Amargo choro bebia,  
As virações enchugavam  
No rosto a lagrima fria.  
Pensando na minha terra  
A pensar adormecia;  
O amor que me lá ficara  
Em doces sonhos o via.  
As saudades me matavam;  
Matava-me essa agonia,  
Aos ventos mandava as queixas  
Que o temporal confundia.  
E aquella mourisma perra,  
Com falsa fé entendia  
Que eu levantava a borrasca  
Se os olhos ao céu erguia.  
Quantas vezes desejara,  
Ai quantas vezes queria  
Vêr-me d'ali para fóra,  
Ir contra uma penedia.  
A Virgem Santa Maria

Quiz salvar o desgraçado,  
Desfez-se a barca veleira  
Contra um rochedo escarpado ;  
Se ali me salvei da morte,  
Não pude fugir ao fado,  
Que pobresinho me trouxe  
Á terra aonde fui nado.  
Achei minha mãe na cova,  
O meu amor já casado !  
Fez que me não conhecia,  
Vi que não era lembrado.  
Perdi o gosto da vida,  
Para o que estava guardado ?  
Andei cativo de mouros,  
Não fui assim maltratado.

## X

Mal acabára a narração, as lágrimas  
Já dos olhos de Dulce se desprendem :  
São lágrimas de uns olhos de criança,  
Mas confissão de amor não ha mais breve.

— Tel-a eu feito chorar... que pena, Dulce!  
 O que eu sinto por si, dava-me força  
 De o calar para sempre, se eu soubera  
 Que lhe trazia magoa.

«Não importa;

Como gosto de ouvil-o! agora conte  
 Historias sem pesar, contos alegres.

— Eu, soldado, a discreatear com damas?  
 «Mas na corte... lá nos serões vistosos...

— Inspiram-nos por lá beijos furtivos...  
 Disse Jorge em segredo.

«Os beijos mentem,

Senão dera-lh'os d'alma e com vontade.

Estas palavras quasi imperceptiveis  
 Inebriaram Jorge; o cavalleiro  
 Nunca encontrára distincção tamanha.  
 Quiz disfarçar a commoção profunda,  
 Quasi alheio começa uma ballada  
 Da sua infancia uma memoria linda:

## O cego amador

« Por tão mau caminho,  
Sem quem vos guiar,  
Meu pobre ceguinho  
Aonde ireis dar?  
Por uma ballada,  
No velho solar,  
Terias pousada  
Querendo ficar!  
— Ceguinho, ceguinho,  
Que vive a cantar,  
Eu busco sosinho  
As praias do mar.  
Da noite a neblina  
Cobriu o luar;  
Quizesse a menina  
Ouvir-me cantar?... »

« Cantae a ballada  
De um Conde gentil,  
Que obrou na Cruzada  
Façanhas ás mil!

Por noites escuras,  
No vosso arrabil,  
Cantae aventuras  
Do Conde gentil.  
— Dizei-me, senhora  
Da graça infantil,  
Se aqui visse agora  
O Conde gentil,  
Que dereis ao cego  
E ao seu arrabil?  
«Vae tudo em socego. . .»  
— Já rasgo o mandil.

E o cego fingido  
Largou seu bordão;  
Transpoz não sentido  
Ligeiro o balcão.  
D'aquella aventura  
De viva expansão,  
Nem mesmo murmura  
Subtil viração!  
A aurora em socego  
Reluz na amplidão,

E o Conde era cego  
Mas só de paixão.  
Por uma ballada  
Da lua ao clarão,  
Deu-lhe ella pousada  
No seu coração...

Não pôde agora Dulce ter o riso,  
Vendo um retrato da paixão occulta  
Que rebentara entre ambos. Indiscreta,  
Com a graça invencível dos quinze annos,  
No feliz abandono da innocencia,  
Colou a face aos labios do guerreiro.

## XI

Susteve-a por momentos entre os braços,  
Beijou-a descuidado d'este mundo;  
Mas subito acordou do aério sonho!  
Parecia impossivel a loucura,  
Cobre a fronte a vermelhidão do pejo,  
Dizendo para Dulce em tom confuso:



— Bocca fresca, bocca fresca,  
Bocca fresca, sim senhor?  
Nunca vi jarrinho novo  
Mais tocadinho de amor.  
É como carta fechada,  
Ou como o botão da flôr;  
Dentro se guardam segredos,  
De perfume encantador.  
Bocca fresca, aonde bebo  
Uns haustos que dão calor;  
Beijos de tanta doçura,  
Sôrvos de tanto furor.  
Se tem a gruta do bosque,  
E a veia d'agua o frescor  
Que ao pé d'ella se respira  
A qualquer hora que fôr!  
O cabritinho das brenhas  
Suspenso do alcanfôr,  
Não acha no gômo novo  
Como eu tanto sabor,  
Só em vêr que és a vergontea  
D'onde cólho o meu amor.

## XII

Vira tudo o negrento Jesuita!  
O vivo amor a maldição lhe exalta;  
Jurou cobrir de lucto aquellas almas.  
Jorge Coelho de Albuquerque, altivo,  
O mais bizarro cavalheiro, logo  
Se acercou de Mem Vasques: — A vós peço  
A mão da bella, encantadora Dulce.  
Benção celestial choveu sobre ambos.

## XIII

Na orla do horisonte o sol se afunda,  
Ríspido o vento sopra do nordeste,  
Palidas sombras vão-se amontado,  
Formando a negridão da noite feia.  
Sobre o convés a marinhagem crente  
Se perfila, e á hora do sol posto  
Resam a *Salve* com fervor piedoso.  
Era energico o som d'aquellas vozes  
Rudes, cansadas, cheias de verdade:

## A Salve dos Mercantes

Em nome do Padre e Filho,  
Do Espirito Santo, amen!  
Digam a salve Rainha,  
Em boa intenção de quem  
Seu fado mau faz andar  
Por sobre as aguas do mar.

Salve! Rainha dos Anjos,  
Senhora mãe dos afflictos,  
No meio da tempestade  
Ouvís os cançados gritos  
Dos que andam sem descansar  
Por sobre as aguas do mar.

Sois a doçura da vida,  
O porto de salvamento;  
O vosso manto azulado  
Se estende no firmamento,  
Formosa estrella polar,  
Por sobre as aguas do mar.»

Reverbero final do sol da tarde  
Reflectiu-se na vela branca, ao longe,  
De um Bergantim perdido na distancia.  
Os olhos todos para ali se fitam;  
Outras velas, mais velas descortinam.  
Que será? Desconfia o velho mestre,  
O capitão sorri. Juntos segredam...  
Cheio de raiva brada o Commandante:

— Vem piratas francezes sobre o esteiro  
Da lusa nau! Podiamos fugir-lhes  
Protegidos na escuridão da noite,  
Que faremos?

« Á capa e o combate! »

Gritaram todos em tropel medonho.

Aprestam-se os canhões e os machados,  
Alegre canta a marinhagem brava;  
Ia a Nau *Frol do Mar* singrando airosa,  
Como garça real ante a rajada.  
Lá sobre a madrugada, mal desponta  
O primeiro dilúculo, se avista

Um Bergantim francez, veleiro, ao perto;  
Falaram, mas não foram entendidos,  
E aos acenos responde-lhes metralha.

## XIV

Celérrimo o corsario se aproxima,  
E enquanto orça a bombordo, descarrega  
Trinta canhões por banda. Sacudida  
A *Frol do Mar* se afasta, como a fera  
Que se aparelha ao salto. Á nau franceza  
Vem de encontro, para metel-a a pique.  
Contra o 'sporão o cavernâme geme,  
Um rombo enorme lhe abre. Ouviu-se grita  
De infernal, sanguinario desespero.  
Redobra o fogo; o mastro de mezena  
Faz-se em estilhas vão com elle as Quinas.  
De valor os prodigios não tem conta!  
Ao mastareo real subiu á pressa  
Um gageiro a hastear nossa bandeira,  
Sobre elle os tiros ferveem, não tem medo;  
Firme sustenta no alto o estandarte

Enquanto se prolonga a atroz peleja.  
— Portuguezes! (bradára o Commandante)  
Sois dignos d'este nome!

Isto dissera,  
Quando um fumo caliginoso e espesso  
Começa a erguer-se do corsario. Ardia!  
Lavra o incendio horribil. Albuquerque  
Teme o paiol do Bergantim, e manda  
Para a nau *Frol do Mar* vir os vencidos.  
Faz-se ao largo, e não era bem distante  
Que ouviram ecco de explosão tremenda.

E a nau seguiu na mesma singradura,  
Vencidos leva os asperos sycambros.

## XV

De todo se perdera no horizonte  
O fumo do combate; o tombadilho  
Tinto de sangue e cheio de pelouros  
Do feito denodado lembra a gloria.  
Foi golpe decisivo, mas gigante,

Fez pender o combate inopinado.  
Água aberta levava a nau; de balde  
Se procura vedar.

Eis de repente

Se avista á prôa um galeão de Hollanda.  
Vem sobre a nau; mas Jorge de Albuquerque  
Manda içar o estandarte lusitano!  
Por salva, atira toda a artilheria.  
Responde-lhe de lá nova descarga;  
Um combate mortal se trava; varre  
A metralha o convés dos dois navios.

O Commandante intrepido descobre  
Que uma bala dospedaçara o leme;  
Não obedece ao mando a nau possante.  
Elle vê a catastrophe imminente,  
Teme a traição dos prisioneiros francos.  
Denodado recurso de vencido!  
Grita aos seus :

— Abordagem! abordagem! —

Ganchos de ferro atracam a galera  
Do pirata hollandez; unem-se, embatem-se

Como na arena dois gladiadores.  
Os machados pezados se despenham,  
Em vez dos bacamartes luzem facas.  
Não se ouvem gritos, só pancadas surdas!

O Commandante portuguez conhece  
A traição dos francezes prisioneiros,  
Brada aos seus, mas a embriaguez do sangue  
Não deixa ouvir.

## XVI

Na confusão sedenta,  
Alvaro de Lucena, o Jesuita  
Andava, erguido ao alto um crucifixo!  
Dulce a seus pés caíra desmaiada;  
Um sicario francez ia a roubal-a,  
Quando Jorge de um golpe o lança em terra.  
Volta a si a menina; o padre fala:

« Oh salva-nos do angustioso transe,  
« O Senhor hade ouvir a tua prece!



« De teu pae pela vida; pela sorte  
« De nós todos, um voto da tua alma!  
« Dedica a Deos a tua virgindade  
« E n'um instante nos verêmos livres. »

Deu-lhe a Cruz a beijar. Dulce profere  
Voto inconsiderado. Pouco a pouco  
A galera hollandeza se afundava;  
Houve um grito de regosijo immenso  
E alarido de concentrada raiva.  
Triumpharam mais outra vez as Quinas!  
Como se afunda a mó do Apocalypse  
O pégo sorve esse veloz corsario.

## XVII

Ao outro dia, eis que avistaram terra,  
Terras de Santa Cruz. Poucos morreram  
No combate sangrento; aquella vista  
Alegra, alenta os lassos mareantes!  
E ao raiar da vistosa madrugada,  
Na bahia de Pernambuco entraram;

Salva de artilheria os annuncia.

Desembarcam! Alguem na praia espera,

Na capella da Virgem, sobranceira

Ao mar, o padre Anchieta estava. Acenam...

O Bravo de Uiraçába fica absorto

Ao vêr Dulce, a visão encantadora!

Beijam a terra os nautas ao tocal-a,

Juntos vão render graças na ermida.

Ficou fóra o selvagem. Mudo escuta

Psalmo choroso que resôa dentro,

Alfim quebra o torpor em que jazia:

« É esta a voz suave,

A voz que me adormece!

Nenhum cantico de ave

A sua voz parece.

Trouxe-a a brisa dos mares

Da Mayri lá dos brancos;

Hãode os nossos palmares

Não se me dá que a morte  
Acompanhe seus passos;  
Ande sob os seus pés  
O meu corpo aos pedaços.»

---

## CANTO TERCEIRO

---

### DESCOLORIDA

#### I

Jaz sombranceira ao mar a fortaleza  
De Pernambuco: altiva sentinella  
Da portugueza, hoje apagada gloria.  
D'ali se alcança em baixo a capellinha  
Onde Dulce resara a ausgusta prece:  
Não tinha ainda derramado os olhos  
Pela magica e extranha perspectiva,  
Quando um sêcco ruido e vozeria  
Veiu acordal-a do agitado somno.  
Era o guerreiro de Uiraçába, o chefe  
Da tribu mais audaz, mais destemida,  
Que vem dar preito ao pendão das Quinas;

O côro dos Moranduçaras segue-o  
Executando os rapidos maneios  
Que elle n'um gesto imperioso manda:

«Tocae a maráca  
Valentes do bosque!  
A serpe das dansas  
Sedenta se enrosque.»

Que infernal confusão, que tropelia!  
O Bravo mede os passos com a vista:

«Os lobos famintos  
Saíram da toca!  
Retrõe a maráca  
Na rija itaóca.»

E cada vez com mais fragor as dansas  
Se alargavam na vasta fortaleza,  
Como a ronda da noite de Walpurgis.  
E prosseguiram, se não fôra a vinda  
De Duarte Coelho; elle é temido

Como governador, homem antigo!  
Vem Jorge, seu irmão, Dulce, Mem Vasques,  
A vêrem estes usos, estas gentes.

## II

Diz Duarte Coelho aos seus:

— É esta

A tribu mais indomita das brenhas!  
De paz com ella tem as santas Quinas  
Um perpetuo concerto. Mas eu tremo...  
(Volveu a medo e como a olhar em roda)  
Eu tremo quando vejo um Jesuita  
Andar pelo sertão; que o padre instiga  
De continuo o selvagem á revolta!

Depois volveu ao Bravo taes palavras:

— Bem vindo é o guerreiro a quem adorna  
A mais brilhante e singular plumagem!  
É feliz a alegria que me inspira  
Homenagem sincera.

## III

N'isto, o Bravo

Se lança em terra; ali depõe as armas:

« Meu arco, aljava e settas  
Deixo tudo a teus pés!  
Minha firme alliança  
É franca bem o vês.»

Eis que o governador lhe entrega as armas,  
Retribuindo o abraço com que sella  
A paz jurada. Salva a artilheria!  
E ao ribombo estridente se revolve  
Na mente do selvagem negra ideia:

« Se a tribu hoje soubesse  
Que o chefe mais altivo  
Atraioûu, fazendo-se  
Aqui mesmo cativo?

O amor, o amor só pôde  
Tornar minha alma escrava!

BRAVO DE UIRAÇÁBA 111

Que outro poder vencêra  
O Bravo de Uiraçába?»

Ergue os olhos do chão e vê ao perto  
A visão que de longe se entreabria;  
Vê Dulce, o devaneio vaporoso,  
A voz que chama sem saber de d'onde!  
Voltou-se para ella, a medo, simples  
Na sublime rudeza, na candura  
Da impolluta verdade da sua alma:

« Virgem annunciada  
Nos sonhos de Jurema!  
É o rir de tua bocca  
Alegria suprema.

Como são loiras  
As tuas tranças!  
Assim nas matas,  
Por entre as franças  
Branca Jacy  
Teus raios lanças.



Mãos delicadas  
 Feitas de neve!  
 Beija-as o lyrio  
 A furto e leve.»

La para beijar a mão tremente  
 O nú do coração; Dulce recúa!  
 Mas Jorge de Albuquerque o arremete,  
 Quasi para deitar-lhe a mão...  
 — Suspende!  
 Brada o governador — não vês que ateias,  
 Assim, cruenta e escusada guerra?

## IV

Tinham chegado os padres jesuitas,  
 Alvaro de Lucena e Padre Anchieta;  
 Perceberam de arteiros o conflicto!  
 Tudo ajuda os seus planos:  
 «Vê, repára  
 «Na paixão que inspirara Dulce ao Bravo!  
 «Oh! como elle se exalta a cada instante.»

Nem Lucena sabia este segredo.

Alfim devolve ao mestre:

— «Ella não sabe

Quanto amor o selvagem sente ao vel-a;

É bom! é bom que o amor se fortifique.» —

«Dulce trará para o redil de Christo

«Este indigena bruto! É santo o preço

«Com que paga esse amor, pois n'estas plagas

«Faz diffundir a luz do Evangelho.

— «São de Apostolo, mestre, as vossas falas;

Mas Dulce fala e ri tão distrahida .

Com Jorge de Albuquerque!» —

«Occulto plano

«Trago na mente; em breve é d'aqui longe

«O galhardo mancebo! É rifão velho,

«O amor nasce da vista. Oh não te esqueças

«Que trazemos uma alma ao christianismo.»

— «Mas como afastaremos Jorge e Dulce?» —

«Chiton!» devolve Anchieta; e vagoroso

Do Bravo de Uiraçaba se aproxima,

Falaram em segredo, longamente:

« Oh bravo de Uiraçába,  
 « Dize-me tu, se ainda  
 « A tua horda soberba  
 « Não atacou Olinda? »

Como a onça da brenha, refalsada,  
 Logo o selvagem percebendo o padre,  
 Respondera na lingua não sabida :

« Dei ordem ao assalto  
 Hoje ao alvor primeiro!  
 Um traidor pytigoar  
 Será o mensageiro. »

« Pódes estar seguro da promessa!  
 « Hade a virgem dos sonhos de Jurema  
 « Pender entre teus braços. Diz Anchieta:  
 « Abraçando-a, abraça a fé de Christo.  
 « O puro amor de Dulce ao céo eleva! »

Um frenesim de jubilo se apossa  
 Do selvagem ridente; manda á tribu  
 Começar outra vez extranhas dansas:

«Tocae a maráca  
Valentes do bosque!  
Á serpe das dansas  
Que se desenrosque.»

Ficou deserta a fortaleza. As hordas  
Vão-se embora e com ellas vão os padres,  
Os solitarios do sertão. Receia  
O bom governador da santidade;  
Quem ousará tugar? Não acabava,  
Quando ali surge, como por encanto,  
Desguarrado tapuya, annunciando  
Novas ruins, e novas de alvaroto:

«Senhor! novas trago:  
Um fero cabinda  
Cercou na alvorada  
O forte de Olinda.»

Já Duarte Coelho não se espanta  
Ouviedo a aterradora novidade;  
Por instantes deteve-se calado!

Percebeu d'onde vinha esse desastre.  
Que importa? se a coragem lhe dá força!  
Não longe estava Jorge, esbelto, airoso,  
Todo fervor e crença e patriotismo!  
Garbo e donaire inspiram confiança.

## V

«Jorge! (lhe diz o irmão) como és criança!  
Contas vinte dois annos: ninguem sabe  
Assim do mar como da terra os lances,  
Como tu meu irmão! Eu sou herdeiro  
D'esta Capitania; a cada instante  
Me sinto accommettido do gentio.  
Para o reino pedi auxilio: eu disse  
Que um só braço podia n'estas plagas  
Fazer de portuguez temido o nome:  
Era o teu. E bem hajam a Rainha  
E seu neto, que á empresa te chamaram!  
Estas Quinas imploram teu soccorro,  
Acode prompto ao cerco traiçoeiro;  
Alto serviço n'isso a Deos tu fazes,

À patria, a ti. Provar podes agora  
Alma de portuguez! Salva-me Olinda.  
— Pela Fé, pela Patria rompi mares,  
Affrontei do hollandez a catadura,  
Fomes, tormentas, mas eu quero, eu quero  
Morrer por ellas no palmar longiquo! —

Assim dissera Jorge inabalavel;  
Dulce, não longe, ouvira e entristecera,  
Baixou o rosto como um lyrio pende  
Quando se esvae ultima luz da tarde!  
Dulce, ainda na aurora da existencia  
Vê cerrarem-se á vida os horisontes,  
Rosa descolorida!

## VI

### A soldadesca

Prestes desce á bahia; vae na frente  
Por Commandante Jorge d'Albuquerque.  
O dia declinava, aziago, triste;  
A virgem sôbe anciada ao promontorio,

E contempla no vacuo que lhe fica.  
Que diriam no perturbado aceno:

«Luz e calor  
Da minha vida:  
A voz me falta  
Na despedida.

— É para ti,  
Alma d'esta alma,  
Do meu triumpho  
A verde palma.

«Não te entristeça  
Cruel distancia,  
Tu bem conheces  
Minha constancia.

— Se nos sepára  
A morte dura,  
Como eu te amára  
Na sepultura!

Esfuma-se no vago a barca bella,  
 E n'essa hora tranquilla inda se escuta  
 Com a ressaca a voz dos mareantes :

« . . . . . »

Adormentavam-se as magoas  
 Ao quebrar da marezia!  
 Tão longe da minha terra,  
 Tinha só por companhia  
 Aquelle remo pesado  
 Com que remava á porfia.  
 Contava-lhe os meus pezares  
 Pois só commigo gemia;  
 De dia o tinha abraçado,  
 De encosto á noite servia.  
 Quantas vezes morto á sêde  
 Amargo choro bebia!  
 As virações enchugavam  
 No rosto a lagrima fria.  
 Pensando na minha terra  
 A pensar adormecia;



O amor que me lá ficara  
Em doces sonhos o via.

..... »

Emquanto Dulce alonga ao mar os olhos  
Rasos de agua da amarga despedida,  
Sente ao perto um rumor. Repara: o medo  
A voz abafa, e tira o movimento!  
Era o selvagem que a adorava em terra.  
O intrepido guerreiro das florestas  
Se aproxima com susto, e brando fala,  
Toma-lhe uma das mãos, nevada, fria:

« Ouvindo a tua voz,  
Senhora, não resisto!  
Venho pedir-te a sós  
Me ensina a fé do Christo.

.....

Caem-lhe em abandono  
As tranças do cabello;  
Oh brisas, com disvello  
Vinde embalar-lhe o somno.

Assim linda, prostrada,  
Parece a sensitiva  
Se uma nuvem dourada  
Da luz do sol a priva.

Ai quem me dera agora  
Ter a voz de carinho,  
A voz que tem, senhora,  
O colibri do ninho.»

## VIII

Eis que os dois padres Jesuitas surdem.

«Venerandos pagés! oh não perturbem  
O somno d'esta virgem de Juréma!»  
Bradara o Bravo extactico de goso.  
Dulce acordára de um lethal deliquio:

«Que voz magica é esta que fascina,  
E me confrange e quebra?»

Volve Anchieta:

« Olha a teus pés a humilde creatura,  
« Bruta, como a produz a natureza,  
« Cega, como quem anda sem ter crença!  
« Infunde a luz n'aquella mente obscura.  
« Oh baixa ao limbo da sua alma ignava,  
« E fala-lhe de amor, do céo, de Christo!»

O BRAVO:

Eu acceito o baptismo,  
Se Dulce amor me jura!

ANCHIETA:

Abre-lhe o paraiso.

DULCE:

Abrem-me a sepultura.

## CANTO QUARTO

---

### NOITE ESCURA DA ALMA

#### I

Depois que Jorge fôra para a guerra,  
Não teve mais um hora de descanso  
A lastimosa Dulce. Feral sombra  
Lhe empana o rosto affavel, delicado.  
O noivo anda perdido ha tanto tempo  
Pelo sertão espesso, combatendo  
O pérfido gentio. Jorge ignora  
Do baptismo ao selvagem que detesta  
Dado por mãos de Dulce. Deos! mal haja  
Quem faz o crime á sombra da innocencia.

## II

Ouve-se um côro marcial distante,  
Ruido de atambores, vivas, hymnos  
De marcha triumphante; já se avistam  
Hasteados pendões a tremularem.  
Á frente lá vem Jorge de Albuquerque,  
Cavalleiro gentil, enamorado;  
Poucos dos seus regressam; vem ufano  
Com a gloria nas armas alcançada.  
Sae ao encontro ali Duarte Coelho,  
Abraçam-se os irmãos.

— Irmão, é salva

Tua Capitania!—

E entrega a espada.

Os que em redor estavam choram, vendo  
A honradez de tão galhardo moço.  
Com effusão de jubilo o abraçam,  
Só Dulce fica immovel, indecisa  
Como quem se recolhe a sós consigo.  
Jorge, franco e leal, moço e alegre,  
Aproxima-se, e vem sem extranhesea,  
Diz, lançando-lhe os braços, a sorrir-se:

— Não penses que a victoria,  
Dulce, é tua rival!  
Fiz respeitar o nome  
Do velho Portugal.

Eu fui e vi Olinda,  
Como Cesar, venci!  
E no combate ainda  
Nem lá eu te esqueci. —

Dulce com voz entrecortada, a medo  
Vagamente articula e balbucia:

«Que saudade cruenta  
O coração me rala!  
Parece que me alenta  
Ouvindo a tua fala.»

Ia atirar-se aos braços do amante,  
Quando ao pé, de repente, surge Anchieta,  
E vem padre Lucena apostrophando:

« Detem, Jorge, a profanação medonha!  
« Oh não toques na virgem consagrada;  
« Ella fez voto ao céu do seu futuro.»

— « Vês este crucifixo ao alto erguido?  
Este mesmo eu ergui inda mais alto,  
Lá quando o mar bramia e retumbava  
Com a metralha do hollandez pirata.  
Dulce jurou sobre este crucifixo,  
Pela vida de um pae que amava tanto,  
E pela salvação dos que se viam  
No mais horrendo transe da abordagem;  
Jurou ser pura ao céu; lembra-te de isto! » —

Aterrado recúa Jorge; Dulce  
Sentiu entrar-lhe a morte dentro d'alma,  
E o gelo do sepulchro ir extinguindo  
As affeições que o coração sentia.

A este tempo o sino das trindades  
 Soû da torre da formosa ermida,  
 O som pelas quebradas se repete.  
 A guarnição da lusa fortaleza  
 Com respeitosa crença se perfila,  
 Inspira crença a resa do soldado.  
 Com respeito e fervor intimo entôa  
 A mimosa oração que os anjos cantam:

### Ave Maria

Já na ermida solitaria  
 Bateu trindades o sino;  
 É quando nascem saudades  
 Dos tempos que era menino.

«Ave! cecem mimosa,  
 Maria, mãe de Jesus!  
 És da pureza o escudo,  
 És do mundo aurora e luz.



« Maria, nome de graça,  
Ave! eleita do Senhor;  
Com teu azulado manto  
Amparas o peccador.

« Ave! rainha das virgens,  
Flor dos valles de Judá;  
Tens no teu seio o perfume  
Dos incensos de Sabá.

« Oh, bemdita entre as mulheres,  
Firme tronco de Jessé:  
Desprendeu-se dos teus braços  
O fructo de nossa fé. »

---

Já na ermida solitaria  
O sino bateu trindades;  
É quando os anjos na terra  
Choram do céu com saudades.

## IV

Terminada a oração, Jorge procura,  
A constriada amante; quer falar-lhe,  
Afastar-lhe o terror que a vence e prostra,  
Não dá com ella, chama... em vão a busca!  
Todos ficam solícitos, não sabem  
Aonde jaz a entristecida virgem.

Um presagio de morte aziago nasce,  
Á luz de fachos pelas aguas remam  
Em busca do seu corpo!

## V

Ao outro dia,  
Pelas florestas dentro vão errando,  
Mem Vasques, Jorge, e os padres Jesuitas  
Que sabem as veredas das lalseiras.

Dulce andava albeiada, espavorida;  
Os vestidos rasgados pela sarça,

Os pés ensanguentados, sem dar tino:  
Ia falando a sós, como em segredo,  
Linguagem desconnexa, interrompida:

« Enlutaram-me a vida  
Sem remedio!  
Tornaram-m'a soturna, aborrecida,  
Com o tedio.  
Converteram meu sonho  
Em chimera!  
Sinto que me envergonho  
Do que era.  
E eu era uma criança  
Descuidada!  
Hoje é minha esperança  
Sombra, nada.  
Ando por esta brenha  
Confundida!  
Não sei se vá, nem venha  
Mais perdida.  
Perdida alva açucena  
Entre abrolhos;

Perdida a luz serena  
    Dos meus olhos,  
São lagrimas rosario  
    Na clausura!  
Tu, véo, és um sudario  
    E sepultura.  
Voto feito com medo  
    Na tempestade!  
Mataram-me tão cedo,  
    N'esta idade!

## V

De Dulce o canto dirigira o passo  
Ao namorado, e ao pae que a procuram.  
Era ás margens de um caudaloso rio,  
Cercado de salgueiros pelas margens;  
Brando arruido acompanhava o canto...  
Vão apoz a donzella. Os Jesuitas  
Por um atalho cortam, vão sair-lhe  
N'um ápice ao encontro. Aquella vista  
Inesperada assusta a fugitiva!

Vê no burel a negridão do inferno,  
Leve se furta, quasi ás mãos a tomam,  
Arqueja de fadiga, chega á margem  
Na corrente febril se precipita!  
Quando Jorge chegou, só pode vel-a  
Á flor d'agua levada, como a rosa  
De uma verde grinalda desprendida:  
Quer lançar-se á torrente! padre Anchieta  
O segura por feitos e palavras,  
Ante os olhos lhe poz um Crucifixo.  
Jorge fala com ironia acerba:

### A um Crucifixo

— Pregado em uma cruz de ebano expira!  
O alvor do corpo de marfim deslumbra  
A vista que divaga na penumbra  
Dentro da cella aonde a alma lá suspira.

Cada pisada chaga é de saphira;  
Reluz na sombra que o altar obumbra!  
São aljofres as lagrimas... Ressumbra  
Em tudo a dôr que em extasis delira.

Doce Jesus! sem conhecer a vida,  
E sem saber porquê, na flôr da idade,  
Chora a teus pés a infancia amortecida:

Vêr perder-se a alegria, a mocidade,  
E vêr-te exangue n'essa cruz erguida,  
Qual fará, bom Jesus, mais piedade? —

## VII

Assim falára, quando de repente  
Sentiu-se prompto o baque de agil corpo  
Na corrente das aguas. Olham todos  
Para verem se algum jaguar surgira!  
Viram nadando o Bravo de Uiraçába;  
N'um momento elle alcança a flor caída,  
Tral-a á margem. Mas Dulce estava morta.

Jorge abraça o selvagem. Sem fadiga  
Sustem o Bravo o corpo inda nos braços,  
Os padres o rodeiam; elle fala:

« Em vida ella era vossa,  
Esta flor delicada!  
Nas vossas mãos inertes  
Murchou-se, abandonada.

É bem que hoje na morte  
A abraçe um instante;  
Adormecida é bella,  
Não sou eu seu amante?

Oh Colibri saudoso,  
Cantas a boa nova,  
Que manda o que repousa  
Para sempre na cova.

A tarde vem descendo,  
O meu dia é finlado;  
Venha o gélido somno  
Tendo Dulce a meu lado.

E com furor o corpo aos hombros lança!  
Perto estava um outeiro; presto sóbe,

Seguem-no os outros pavidos com a vista...

Eil-o que chega ao cume, e lá do alto  
Do boré tira um penetrante silvo.  
Os eccos interrompem o silencio  
Da mais vetusta e secular floresta;  
Outro silvo agudissimo repete  
O signal de perigo, ao qual se ajunta  
Ardida tribu canibal, sangrenta.

De improviso, de cada canto saem  
Vultos sem fim de alipedes guerreiros;  
A faldá da montanha se enegrece!  
Alfim retrôa o derradeiro toque...  
Ao rumor a nudez funerea segue,  
E os maioraes da tribu perguntaram:

— Guerreiro! tu chamas,  
O que é que decretas?

« Entrego o meu arco,  
Aí estão minhas setas.



Trahi minha tribu,  
Não devo ser rei!  
Da selva as veredas  
Ao branco ensinei...

As crenças antigas  
Que ouvi de Sumé,  
Troquei-as por outras,  
De Christo é a fé.»

Isto dissera o Bravo arremessando  
O carcaz para a multidão suspensa;  
Elle immovel, de pé o peito amostra,  
Chuveiro de yatagans o atravessa!  
Ouviu-se pela immensidão das matas  
Côro horrendo, soturno, pavoroso:

— A seta que parte  
E as feras amansa,  
Do indio trahido  
Proclama a vingança.

AUTO POR DESAFFRONTA

DRAMA

## FIGURAS

GIL VICENTE. }  
UM EMBUÇADO }  
PAULA VICENTE  
AYRES ROSADO

BRITEIROS }  
MESTRE INIGO }  
A TIA BRAZIA  
FREI MENDO

Frades e Cavalleiros dos serões da Corte  
de Dom João III. No Convento  
de Thomar, em 1523.

AS NOVAS DA INDIA

Interior de uma habitação modesta; uma mesa de estudo com livros e manuscritos; máscaras e roupagens para a representação de uma farsa. Porta ao fundo, janella e porta lateraes. É noite.

SCENA I

PAULA VICENTE, pensativa; GIL VICENTE, entrando desapercebido.

GIL VICENTE, *contemplando a filha* :

Ella chora! Meu Deus, é bem profunda  
A dor que a vence, pois não deu ainda  
Pela minha chegada! Santas lagrimas  
Vão pelas faces tacitas correndo,  
Uma a uma dos scintillantes olhos.  
Eu tenho medo de acordal-a! Gusta  
Vel-a soffrer assim, e em silencio,  
N'esse espasmo da angustia! (*Aperta-a nos braços.*)

Filha, filha,

Dize o que te magôa? a despedida  
De teu irmão, de um filho para a India,  
Tem-nos custado tantas agonias...  
Para que pensas sempre n'estas cousas?  
Gil era a minha gloria, o meu orgulho;  
Fui eu só que o perdi. Ai, Deos! Não chore  
Deixa só para mim a dor tamanha!  
Não te quero perder tambem tão cedo.

PAULA, *inclinando o rosto sobre o peito do pae*

Que vale a vida para que a choremos!  
E' a gloria, meu pae, uma mentira;  
Para que andamos sempre a procural-a,  
Se é sombra do dezerto, enganadora,  
Mal se vê, logo deixa o frio vacuo  
De um mentido, frenetico desejo?  
A vida o que é, senão eterna lucta?  
Um fluxo e um refluxo interminavel;  
Descancemos de vez no anciado porto.  
Deos acolhe os que soffrem! É já tempo,

Eu quero repousar na paz do claustro,  
Cingir-me do burel da penitencia,  
Esconder-me na augusta soledade,  
De lá voar, voar para as alturas.  
Minha alma sente já a vida nova,  
Uma alegria, as musicas de dentro,  
Que na terra ninguem soube entoar-lhe.  
Oh! Deixae-me abrasar no amor divino,  
Jesus, é o esposo que tão doce chama  
Ao hymeneo do empyreo.

GIL VICENTE, *para si, espantado do delirio  
mystico da filha:*

Pobre filha...

A verdade na bocca da innocencia!  
Não encontrou sua alma, quem no mundo  
Ao menos lhe dissesse uma palavra,  
Um segredo de amor, que a arrebatasse  
A um mundo de luz, paixão e vida!  
Ella se eleva agora irradiante,  
E fuge-me n'um extasis celeste!

*(Depois de alguns instantes de silencio; alto, para a filha.)*

Paula! Paula, meu unico thesouro,

Porque me desamparas na velhice?

Não me deixes no mundo solitario

Affrontar a desdita! Deos é justo,

É sabio, e bom; não quererá levar-te,

Vir arrancar-te do meu seio, filha!

Deos sabe as provações que d'hora em hora

Me envia sempre; poupar-me-ha só essa.

Filha, o que valem mundanaes escarneos?

Vêem-te feia? Perola na concha,

Não lhes seduzes avidos sentidos!

Que importa esse abandono, se o teu genio,

Se o genio iguala Deos! Olha, mal sabes

Que transe o meu espirito atribula,

Que duvida me cerca? E eu não succumbo!

A divina Theoria ao mar, aos ventos

Impavida se arroja, e leva em prôa

As ribas do futuro imprescrutavel.

E dizem que não são de invenção minha

Os Autos que escrevi, com que divirto

El-rei e a Côrte! os nossos pobres Autos!  
Já viste dor maior? E eu não succumbo.  
Dizem que eu desterrei tambem meu filho,  
Que o mandei para a India! receiando  
Que me offuscasse a luz do seu engenho!  
Oh não ha dôr igual! E eu não succumbo.  
O que dirão agora esses malvados,  
Raça abjecta de tonsurados bonzos,  
Se virem que tambem me desamparas,  
E professas a regra de um mosteiro?

*(Ouve-se bater levemente á porta.)*

## SCENA II

Os mesmos, e depois AYRES ROSADO

PAULA, *attenta*:

A voz de Ayres Rosado!

GIL VICENTE:

O escudeiro



De fraca moradia? Ayres Rosado,  
 Esse que infindas gargalhadas tira,  
 Quando entra n'algum Auto? (*Corre á porta*)

AYRES ROSADO, *confuso*:

Aqui, por cert

Não suspeitae o que me trouxe á pressa,  
 Em horas tão remotas?

GIL VICENTE:

Caso grave?

Tu o dirás, se não descubro o fito.

AYRES ROSADO:

Dizem-me que celebraes  
 Um Auto novo ante El-rei...  
 Obra que é ouro de lei,  
 Um assombro, e muito mais!  
 Um auto em que rompeis forte

Contra o bando tonsurado,  
Que assim vos tem afastado  
Ha tanto tempo da corte.  
Desaffrontae vosso engenho!  
Alegrei-me quando o soube,  
E tanto, que em mim não coube;  
Por isso agora aqui venho...  
Para vêr se entro na farça,  
Ao menos como comparsa...

## GIL VICENTE:

Oh! bravo, Ayres Rosado! inda és o mesmo,  
Esse histrião nocturno, que deu nome  
Á minha farça de *Quem tem farellos?*  
Em ti conheço o mesmo enthuziasmo,  
Esse ardor que nos salva. A idade cansa;  
As intrigas da corte me fatigam;  
E a miseria por fim! Não sou o mesmo.  
Em vez d'aquelles sonhos deslumbrantes,  
Em que eu via transfigurar-me a gloria,  
Tenho insultos, opprobrio por ameaça.

Dos thesouros da minha phantasia  
Só tenho a mão mirrada da indigencia;  
A si me estreita! que intimos nós sômos.  
Mataram-me, apagando em mim o fogo  
Da ardente inspiração! Ah, não se esgotam  
As fontes de um abysmo que se agita  
Dentro d'esta cabeça. Eu quero, um dia,  
Confundil-os! vis barbaros! negarem-me  
Os Autos que são meus? darem a gloria  
Aos estrangeiros, quando ella é só minha!  
(*Cae pensativo.*)

PAULA, abraçando-o:

Se vos apraz, senhor... Meu pae, falemos  
Sobre cousas que tragam menos magoa.

GIL VICENTE:

Esta febre do odio mais me anima,  
É o rancor a inspiração que tenho!  
Mas estas cousas doem-te, é verdade,  
Não quero contristar-te!...

PAULA, *interrompendo* :

Só agora,  
Ayres, vejo os soberbos rendilhados  
Do vosso gabinardo.

AYRES, *sorrindo, por se ver todo roto* :

Não sabia  
Que estava tão mal trapido!  
Bofé, que me vi comido  
Dos cães n'uma mouraria.

PAULA :

Como assim?

AYRES :

D'esta maneira :  
Logo pelo lusco-fusco,  
Enfio o tabardo e busco

As tavernas da Ribeira;  
Ouvi lá uma noticia  
Que a Mestre Gil muito int'ressa;  
Por becos, a toda a pressa,  
Vim, n'hora menos propicia.  
Verdade é—do que atalha,  
Diz o ditado, rodêa;  
Foi peor que uma alcatêa  
De lobos a tal cainçalha.  
Aos gritos acudio logo  
Alma de perro judeu,  
Ai tantas, tantas me deu,  
Que fugi, ferindo fogo...

GIL VICENTE:

É noticia, já vejo, de alta monta,  
Que em tamanha aventura te ha metido?

AYRES, *perplexo*:

Mensageiro...

GIL VICENTE, *suspense*:

Da India?

AYRES:

Que ha trazido...

GIL VICENTE:

Ah! novas de meu filho?

AYRES:

E boas novas,

Praza a Deos, sejam ellas! É um velho  
Já trôpego e cansado o mensageiro;  
Na taverna da Tia Brazia espera.

GIL:

Eu vou! (*Saem ambos.*)

PAULA :

Não sei que atroz presentimento...

## SCENA III

PAULA VICENTE

Novas de um pobre irmão! Meu Deos, afflige-me  
 Um presagio funesto! O amor da gloria  
 Desviou-o tão cedo para longe;  
 Gil pensou de nobilitar-se em armas!  
 Conhecera em criança o atroz martyrio,  
 A dor de um pae fazendo rir a corte,  
 Quando ás vezes o coração sangrava  
 Na pressão da agonia! Se soubesse  
 Que attribuem á inveja a sua ida  
 Para a India... como isso lhe custara!  
 Pobre irmão, não previu o infame golpe...  
 Levado pela força do destino,  
 Pelo impulso que arrasta aos grandes feitos...  
 Meu pae sem vir! (*Abre a janella, prescruta na  
 curidão da noite, por alguns instantes.*)

## SCENA IV

PAULA e o MENSAGEIRO, entrando desapercibido.

O MENSAGEIRO:

Com as novas do Galeão da India,  
Lisboa a estas horas tumultua;  
Novos louros a e' róa lusa cingem,  
Emquanto o povo chora humilde os filhos  
Que pela patria lá morreram. Hoje,  
A nobreza hade rir, vendo mais joias  
Para desbaratar nos seus banquetes...  
Oh meu Deos! onde está tua justiça?  
Não me souberam da partida! Morto  
Talvez me julguem sob o meu opprobrio?  
Não podia morrer; quero vingar-me!  
Venho desconhecido! que a deshonra,  
Os annos, as batalhas transfiguram...

(Paula dá com o desconhecido; elle interroga:)

Móra aqui Mestre Gil? esse, que os Autos  
Faz a El-Rei, meu senhor?



PAULA, *timida*:

Bem vindo...

MENSAGEIRO:

Trago.

Novas da India...

SCENA V

Os mesmos e GIL VICENTE.

GIL VICENTE, *entrando*:

Novas de meu filho?

MENSAGEIRO:

Mas ruins novas! nunca as eu trouxera...

Jurei cumprir este legado santo.

GIL VICENTE:

Falae, senhor! O coração pressente. (*Esconde o rosto banhado de lagrimas no seio do desconhecido.*)

PAULA, recebendo do desconhecido uma cruzinha de ouro:

É ella! a mesma cruz... Minha mãe deu-lh'a  
No dia da partida. Morto! morto  
Na flor da idade...

GIL VICENTE:

É morto já meu filho?  
Dizei-me o vosso nome! Consolae-me,  
Uma palavra só!

O MENSAGEIRO:

Que dor tão viva!  
Se vos digo o meu nome, se o descubro,  
Vou tornar mais acerbás vossas dores!  
Sou Briteiros!

GIL VICENTE, *recuando*:

Briteiros? o fidalgo  
A quem roubaram sua filha? Oh, nada  
Me ha feito o bom fidalgo! Como fostes  
Na vossa idade militar nas Indias?

O MESSAGEIRO, *olhando em roda*:

É essa a minha dor, o meu segredo,  
O que me alenta a vida! E descobril-o!  
Quero soffrer convosco; vós de certo,  
Sabeis o que é amor de pae. Tão linda...  
Doido por minha filha, Alda crescia,  
Eu sorria ao lembrar-me que ella, em breve,  
Seria o esplendor da nossa corte!  
E quanto mais a amava, mais tristeza  
Desvanecia as rosas do seu rosto.  
De uma vez, dei com ella penserosa,  
A chorar distrahida. Oh! ninguem pode  
Dar ao anjo que chora algum consolo,  
Quando o ralam saudades de alem mundo.

Veiu acordar-me d'este sonho ethereo  
Gargalhada infernal! ouvi dizerem  
Que a filha de Briteiros se... Não posso!  
Eu, ultimo, que soube da fugida,  
Busquei-a em toda a parte; nos andrajos  
Da miseria escondi minha vergonha,  
Para entrar nos prostibulos. Que inferno!  
Era impossivel encontral-a. Louco,  
Comecei a descrever da Providencia:  
Busquei a morte, mas a morte obscura.  
Não queria que o tredo algoz se risse  
Do velho pae, do fanatismo da honra!  
Resolvi embarcar-me para a India,  
Tinha sede de sangue! Lá, anciado  
Lançava-me aos recontros, mas a morte  
De mim fugia com escarneo fero.  
Que desespero eterno este ludibrio!  
Nunca a ponta de hervada seta soube  
Dar-me essa morte suspirada tanto;  
Um dia, era no ardor de uma batalha,  
A meu lado um mancebo se atirava  
Aos perigos da luta. Perguntei-lhe:

«Porque buscas a morte?» — Pela gloria . . .  
«E de que serve a gloria?» — É um mysterio  
Sabido só por mim, sabe-o na corte  
Velho fidalgo, sabe-o só Briteiros. —  
Penetraram-me então essas palavras;  
Conheci-o, dizendo o meu nome. Era  
Gil Vicente, o enamorado de Alda!  
Negando a mão de minha filha, eu tinha  
Ultrajado o poeta; era o seu crime  
O ser pobre e do povo! Fôra á India  
Nobilitar-se em armas, pois queria  
Vir de futuro a merecel-a. Punge-me  
O remorso; eu bem sei que fui malvado  
Dando-me a conhecer! contei-lhe tudo,  
Descobri-lhe a ruina da donzella . . .  
Sem verter uma lagrima somente  
Deu-me essa cruz:— Se á patria regressares  
Levae-a a minha mãe! — E deu consigo  
No sorvedouro da sinistra brecha.  
Um instante depois, vi-o em terra  
Cair banhado no seu proprio sangue.

GIL VICENTE, *erguendo-se*:

O meu filho! Morrer servindo a patria...

*(Emudecem todos ouvindo umas pancadas  
lentas na porta do fundo.)*

Oh! quem bate aí fóra?

UMA VOZ:

Abri! Depressa,

Da parte de El-Rei venho!

GIL VICENTE:

E El-Rei que manda?

A VOZ:

Mesmo hoje ireis a um serão da corte!

GIL VICENTE :

Para um serão da corte? El-rei me chama  
Para fazel-o rir! Oh, quanto alegres  
E joviaes não são minhas chacotas,  
Quando este coração com dor estala.

*(Sae arrebatadamente.)*

---

---

NA TAVERNA DA TIA BRAZIA

---

Vista de interior no gosto dos quadros da escola flamenca. Cobas e tomas dispostos em ranque. Lapidario de ferro suspenso das traves delumadas. Mesa oblonga e archibancos. É noite.

---

SCENA I

AYRES ROSADO, comendo e bebendo descuidado; a TIA BRAZIA, encostada á meza, a vel-o comer com satisfação.

A TIA BRAZIA, *á parte*:

Quero-lhe como a um filho. Com vinte annos,  
E a envelhecer na crapula tão cedo!  
A palidez realça a feição meiga,  
Os olhos brilham vivos, rodeados  
De uma tão roxa cinta macerada.  
Uma alma transviada de demonio  
Com apparencia de anjo! tem o encanto,  
A perdição no olhar... (*Alto.*) És assim, Ayres?



*(Batendo-lhe no hombro:)*

Dize-me como um velho que apparece  
 Fóra de horas aqui, todo emouçado,  
 Se tornou teu amigo? Mete medo  
 Aquella magra, esqualida figura!  
 Não tens pavor? estúpida alegria  
 Debalde lhe allumia a fronte escura.  
 Benzo-me sempre que elle vem contigo!

AYRES:

Não sei porque! Amigo como os outros:  
 Mais, talvez? uma força irresistivel  
 Me arrasta para elle; anda calado  
 Em rasão de bem longas agonias.

*(Ouce-se fóra na rua uma voz cantando:)*

«E um Gil, um Gil, um Gil...  
 Um que não tem ceitel,  
 Que faz os Aitos a El-Rey!  
 Aito cuido que dizia,  
 Aito cuido que é,  
 Mas não já Aito, bofé,

Como os Aitos que fazia  
Quando elle tinha com quê. »

A TIA BRAZIA :

Bravo! Ayres! Tanto ha que te conheço,  
Hoje, a primeira vez, em ti descubro  
Que inda tens compaixão. Para que havias  
Ser tu sempre tão mau? Ninguem te ensina  
A ser malvado. N'essa tua idade  
Nem isso é natural! Perverso? Como  
Podes sel-o, se tu tens sido amado?

AYRES :

Perverso! assim me chamas, tia Brazia;  
Tenho rasão de o ser. Tu alentaste  
A minha infancia disvellada, affavel;  
Verdade! Mas não sei de quem sou filho!  
Todos me insultam só por este crime.  
Minha mãe me lançou á vida, tendo  
Por mim, talvez, a mesma indiferença  
Com que vendeu seu corpo. (*Bebe.*)

A TIA BRAZIA :

Ayres, blasphemias,

Maldizes tua mãe. Era uma santa!

Quem te ensinou no mundo essa impiedade?

AYRES :

Era uma santa minha mãe! Por certo,

Extatica de amor me ha concebido,

Sine mácula! Enojam-me estas cousas.

*(Vae para sair, combaleando, e tropeça em um  
Embuçado que entra.)*

## SCENA II

Os mesmos e um EMBUÇADO.

O EMBUÇADO :

Como que vens fugindo da justiça?

Nem adiante dos olhos vês um palmo!

AYRES, *equilibrando-se*:

Quando o mar está banzeiro,  
E em tempo de cerração,  
A balrôa o galeão...

O EMBUÇADO:

Se a gavea não traz gageiro.

AYRES, *mudando de tom*:

Eu já te estava conhecendo! Basta  
Dom Embuçado; a voz... todo esse...

O EMBUÇADO:

Dize,

Então quem sou?

AYRES:

Quem has-de ser? Não podes  
Disfarçar-te ante quem já te conhece

Como as palmas das mãos. És mestre Inigo,  
 Soldado velho que voltou da India,  
 Que desancou por lá basta mourisma...  
 Que trouxe muitas cicatrizes...

O EMBUÇADO:

Eil-o,

Todo a teus pés rendido! Mas que fazes  
 Por noite velha aqui? Por horas mortas?  
 E solitario?

AYRES:

Acaso não te lembras  
 Com que officio eu entrei n'aquella farça  
 De Mestre Gil Vicente?

O EMBUÇADO:

Não sabia,

Pois já fizeste algum papel de Diabo?

AYRES:

De Diabo não; peor, de namorado;

E agora para nós, muito em segredo,  
 Ante El-Rei e a corte, brevemente,  
 Lá no convento de Thomar se leva  
 Um Auto! qual não fez Juan de la Encina,  
 Nem viu em sua corte o Padre Santo!  
 Auto, em que Mestre Gil se desaggrava  
 Dos que abocanham sua fama!

\* O EMBUÇADO:

Admira,

Ayres, que homens estupidos, malévolos  
 Guerrêem tanto esse bom engenho.  
 Querem tirar-lhe a gloria dos seus Autos  
 E dal-a aos estrangeiros! Elle deve  
 Não dar ouvidos a tal gente infame...

AYRES:

Falas como um Doutor de Salamanca,  
 Honrado mestre Inigo. Se te ouvisse,  
 Dera-te Gil Vicente bem do imo  
 Do coração um apertado abraço.

Não é esse o dictério que o magôa,  
 Nem o que os frades adiposos dizem:  
 Que seja hereje, e os judeus proteja,  
 Inimigo de nossa fé...

O EMBUÇADO:

Que cousa  
 Poderão inventar que mais lhe dôa?

AYRES:

Tu da historia não sabes a metade.  
 Tem chegado a tal ponto o baixo arrojo  
 Dos tonsurados nonnos, pois espalham  
 Á bocca cheia, haver elle mandado  
 Para a India um seu filho, um que offuscava  
 A gloria ao pae n'este mister da scena.

O EMBUÇADO, dando-se a conhecer involuntariamente  
 por Gil Vicente:

E o nome d'esse filho?

AYRES :

É Gil Vicente;

E dizem que, inda moço, compuzera  
 Comedia intitulado dos *Cativos*;  
 Mas tal inveja o pae tomara d'elle  
 Que para a India o embarcou . . .

O EMBUÇADO, *com dor* :

Tu, Ayres,

Tu crês n'essa impiedade? n'esse insulto  
 Á dor lenta de um pae que o amava tanto?

*(Reprime uma imprecação colerica.)*

Olha! eu tambem o conheci! amava-o  
 Como se ama a um rapaz de esp'ranças;  
 A sua alma sonhava só com gloria,  
 A sua aspiração era o futuro!  
 A inspiração ardente o devorava;  
 Quiz espaço mais largo para o vôo.  
 Na verdade, compoz uma comedia,  
 Era sublime! o seu retrato, feito



Com o fulgor de esplendoroso genio!  
Mas vendo o pae n'uma miseria extrema,  
Rindo na cõrte, nos serões, ás vezes  
Quando o peitõ sangrava lacerado  
De pungentes desgostos...

*(Interrompe-se por momentos.)*

Insoffrido

N'um desespero atroz, descreu de tudo,  
Destruindo nas chammas de um brazeiro  
A flor primeira de sua alma! Nunca  
Em seus labios se viu mais um só riso;  
Sempre opprimido por sinistra ideia,  
Andava afflicto, distrahido, como  
Quem pensa n'um amor quasi impossivel.  
O pae em vão o consolava. E elle  
Lançava-se em seus braços, com soluços,  
Intercortada a voz, banhado em pranto:  
« Quero a eschola das armas no Oriente! »  
Não pôde o pae contrariar o impulso;  
Nem da vontade inabalavel soube  
Jámais a causa...

A TIA BRAZIA, *á parte*:

A causa d'isso? ai antes

A não soubéra eu, que assim me ha feito  
Derramar tantas lagrimas.

O EMBUÇADO, *continuando*:

Partira

A final o mancebo para a India,  
Para onde o chamava a gloria, a morte!

AYRES, *sobresaltado*:

E tu déste essa nova ao pae?

### SCENA III

Os mesmos e MESTRE INIGO.

A TIA BRAZIA, *desatando uma risada estridula ao ver entrar o vulto com quem se confundira o Embuçado*:

O acaso

Ajuda Mestre Gil sempre em seus Autos.

(Ayres conhece o logro; vê que está diante de Mestre  
Gil Vicente e fica vacillante.)

MESTRE INIGO:

Vejo-te, Ayres, de medo suffocado?

AYRES:

Pois não tomei por ti este...

MESTRE INIGO:

Quem?

A TIA BRAZIA:

Ápage!

É mecór Gil Vicente!

MESTRE INIGO *recua*. Para si:

Não faz conta

Que veja aqui o nosso honrado Plauto

Briteiros disfarçado nos andrajos  
De um histrião de becos! (*Leva Ayres.*)

Boa noite!

AYRES, *querendo detel-o:*

Não bebes?

MESTRE INIGO:

Nas tavernas da Ribeira.

(*Saem*)

#### SCENA IV

A tia BRAZIA e GIL VICENTE

A TIA BRAZIA:

Muitieira-mã vos traga a esta casa;  
Sois vós só quem, pisando altos brocados,  
Se lembra inda de mim! E até n'esse Auto  
Tão falado das *Fadas*, feita bruxa,  
Ante El-rei me levastes... Mas se os frades  
Um dia me queimarem, como querem  
Fazer o que já se usa nas Hespanhas!

GIL VICENTE :

Não temas a sorte escura,  
Pois entraste no meu Acto  
Sómente como apparato  
De rhetorica figura!  
Os frades? se não fosse eu,  
Que descobri os seus planos,  
Teriam em poucos annos  
Queimado muito judeu...

A TIA BRAZIA :

Basta; sois perdoado. Á vossa espera  
Aqui tinha guardado um môlho verde,  
Capaz, tão bom que está, de pôr em risco  
O preceito do mais austero monge!

GIL VICENTE :

Vejâmos isso... (*Come, a tia Brazia concerta.*)

A TIA BRAZIA :

Que receio tenho!

Talvez caro pagueis vossos motejos;  
Os abbades são fortes, elles podem...

GIL VICENTE :

Não temo essa tormenta! o que succede  
É não ter nem ceitil; isso que importa?  
A corja infame dos imundos bonzos  
Afasta-me da corte e a cada instante  
Do animo de El-rei! Vis, como ennuchos!  
Não ouviste quanto Ayres disse ha pouco?

A TIA BRAZIA :

Eu suspeitava tudo.

GIL VICENTE :

Tu não sabes

D'essa historia a metade! Ha poucos dias

Por convite de El-rei fui ao palacio,  
Deos sabe que vontade me levava!

A TIA BRAZIA, *com interesse*:

Contae-me o succedido.

GIL VICENTE:

Foi bem triste

Este serão da corte. Ressumbrava  
Monachal gravidade em cada rosto!  
Na sala de armas, no espaldar, cercado  
De escrúpulos divinos e de monges  
Estava El-rei repotreado, mudo.  
Tinha na fronte a sombra de uma ideia  
Sanguinaria, violenta, que vãs phrases  
Dos aulicos abjectos lisongeam;  
Querem Inquisição em nossos reinos!  
Estava triste El-rei: para alegral-o  
Mandou chamar-me. Fui; mal haja a sorte!  
Antes porém de apparecer na sala  
Entre os pannos de raz, alguns instantes,  
Me demorei ali...

A TIA BRAZIA :

O que diriam?

GIL VICENTE :

Ouvi falar de mim e dos meus Autos,  
E o que mais doía, do meu filho!

A TIA BRAZIA :

E quem falava assim?

GIL VICENTE :

Era Frei Mendo...

A TIA BRAZIA :

O Confessor de El-rei? que se fazia  
Ermitão de dezerta capellinha,  
Aonde em romarias e promessas  
Ia a mulher de um certo Pero Marques?



GIL VICENTE :

Todo elle!

A TIA BRAZIA :

Conheço o maninello!

GIL VICENTE :

O malvado dizia que eu mandára  
Para a India o meu filho, desterrado!  
Que elle excedia a luz do meu engenho.

*(Com ar onctuoso, imitando o monge.)*

« Era esse Gil, a flor das esperanças,  
« Poeta e apaixonado pela gloria!  
« Era bom afastal o para longe;  
« Tornal-o obscuro, e ignorado o nome!  
« Com o pretexto de ir servir a patria  
« Lançal-o aos riscos do combate; ao menos  
« Era um rival que não fazia sombra!»  
Eis que os pannos de raz se encrespam, saio,  
Já não podia estar mais tempo occulto!

A TIA BRAZIA:

Quem dizia essas cousas?

GIL VICENTE:

Quem? Frei Mendo.

A TIA BRAZIA:

O bom frade! foi elle, o assassino,  
Causador da ruina de um fidalgo?  
Pois nunca vos falaram de Briteiros?

GIL VICENTE:

Esse velho fidalgo...

A TIA BRAZIA:

O desgraçado  
Tinha uma filha: a unica lembrança,  
De um passado feliz. Se elle a amava!  
Eu, aia de Briteiros, confidente

Escutava os segredos de Dona Alda!  
Que puros que elles eram. Foi no templo,  
Que Gil, teu filho, a viu, a vez primeira  
Ali! Ah, como os anjos saberiam,  
Guardar esses mais intimos segredos,  
Que em furtivos olhares se trocavam.  
Condoí-me da sina do mancebo,  
Tinha diante de si o impossivel!  
Eu protegi-o sempre; elle era pobre,  
E Briteiros de certo não queria  
Manchar seus pergaminhos. N'este anceo  
Resolveu-se a partir o enamorado;  
A India, a India, eschola da nobreza...  
Fôra Dona Alda que lhe dera alegre  
A ultima esperanza! (*Contempla Gil Vicente.*)

Como chora

O coração de um pae quando emmudece.

(*Mudando de tom e interrompendo-se:*)

Ouvi passos agora?

GIL VICENTE:

Não! prosegue.

## A TIA BRAZIA :

Nunca mais soube a candida donzella  
 Novas do seu guerreiro. Anno, após anno,  
 Tantos galeões da India carregados  
 Das ricas joias do encantado Oriente :  
 Só para ella, e sempre, desesperança.  
 Oh quem vencera aquelle atroz presagio!  
 Galanteador donzel officioso  
 Procurou requestal-a, e uma carta  
 Fingiu, vinda da India: dava morto  
 O generoso amante. Assim foi facil  
 Illudir cruelmente uma alma pura!  
 Nem me fazia já mais confidencias.  
 Quando deu pela falta da menina,  
 Não podendo encontral-a, nem ao menos  
 Quem fosse o ronbador, o bom fidalgo  
 Desesperado, louco de vergonha,  
 Não mais ninguem o viu. Tambem disseram  
 Que o tal galanteador o assassinara ;  
 E nunca mais ouvi falar-se d'elle.

*(Ouve-se a distancia a voz obafada de Ayres Rosado.)*

Fizeram-na abortar tantos terrores.  
 Para trazel-a á vida era preciso  
 Matar o filho! a ultima desgraça.  
 Não quiz sobreviver á sua affronta,  
 Deu a vida á criança, a esse filho  
 Que nunca pensou n'ella, e a insulta!

(*A este tempo vem a entrar mestre Inigo, e com seus  
 sentidos a pouca distancia da porta; Ayres Rosado for-  
 ceja por erguel-o.*)

## SCENA V

Os mesmos, MESTRE INIGO, e AYRES ROSADO.

AYRES ROSADO :

És fraco bebedor; nem já sustentas  
 O espumante, o generoso! Vamos...

A TIA BRAZIA, *para Gil Vicenté:*

Mudemos de conversa.

INIGO, *á parte*:

Tenho o fio  
Do labyrintho escuro da vingança.

AYRES, *alto, para mestre Inigo*:

Estás sem côr; esmaecido, como  
Se saíesses da cova? Vinho! Vinho!

A TIA BRAZIA:

Como acabou o tal serão do passo?  
Mas os pannos de raz? Que se dizia?

GIL VICENTE:

Que haviam de dizer? Dizem-no sempre:  
Que os Autos são de Juan de la Encina,  
E não sei mais de quantas *Confrarias*.  
Que eu matei o meu filho! N'este instante  
Ergui o reposteiro; enfiado, hirto.

Gélido appareci, clamando: «Apello  
 Para vós, Rei senhor!» El-rei tranquillo  
 Volveu com dôr: «Tereis em mim amparo.»  
 Depois, como abalado, com sorriso,  
 Disse para Frei Mendo; «Dae-lhe thema  
 Sobre o qual phantasie alegre farça...»

A TIA BBAZIA:

E o thema que vos deram?

GIL VICENTE:

O dictado:

*Eu antes quero asno que me leve,  
 Do que um cavallo que derrube.*

A TIA BRAZIA:

Sinto

Vosso triumpho já.

AYRES, *para a bruxa:*

E eu n'esta farça

Tenho o papel de *Pero Marques*, esse  
Que levava a mulher á capellinha  
Do piedoso *Ermitão*. (*Para Gil Vicente*)

Lembra-me agora,  
Quem fará de *Ermitão*?

GIL VICENTE:

Não tenho ainda  
Quem desempenhe parte tão difficil..

AYRES:

Conheço uma magnifica figura,  
Que a faz á maravilha! (*Mestre Inigo levanta a ca-  
beça vagarosamente, como quem espera que o indigitem.*)

GIL VICENTE:

Quem!

MESTRE INIGO:

Eu mesmo.

AYRES, *de parte, a Inigo*:

Pódes pois vêr a farça, que na corte



Se leva brevemente. Nunca os monges,  
Nem soberbos abbades enfiaram  
Capuz tão bem talhado! Quero ver-te  
Como te saes em um serão da corte.

MESTRE INIGO, *tomando o papel:*

Eu vou! (*Para si*) O meu algoz por fim descubra  
O Confessor de El-Rei! Frei Mendo! Alda,  
Alda, que vezes quiz dizer teu nome,  
Mas a sêde cruenta da vingança  
Me embaraçava a voz. Eu posso em breve  
Depôr a vida, que me peza tanto;  
Devo esconder meu concentrado odio,  
Ajudar mestre Gil na desaffronta,  
Depois... Meu Deos, alegra-me a justiça!

(*Vem para Gil Vicente, saúda-o respeitosamente e  
silencio, ficando por alguns momentos indecisos, como se  
conhecessem.*)

---

# O SERÃO DA CORTE

---

Sala contigua á quadra do Capitulo no Convento de Thomar, d'onde  
se vê encasamento o que se passa lá dentro.

D'aqui saem as figuras do Acto

---

## SCENA I

GIL VICENTE e PAULA

GIL VICENTE:

A arte, a arte! o alento que me inspira!  
Oh minha filha, eu disfarcei o golpe...  
Quero vel-os a rirem-se, insensatos,  
Sem saberem que riem de si mesmos!  
Como elles hão de interromper, corridos,  
As gargalhadas, logo que se acharem  
Amarrados ao potro do sarcasmo.  
Que excellente arma para combatel-os!  
O papel de *Ermitão* é um triumpho.

Os goliardos vis, não suspeitavam  
 Que os buscava de frente. Quantas vezes  
 Anciado provoquei audaz o repto;  
 Miseros! applaudiam-me na corte,  
 Nos serões do palacio; e em segredo  
 Negavam-me os meus Autos! Chega a hora  
 D'um duello tremendo, a todo o transe,  
 Vida ou morte! O ridiculo é minha arma,  
 Heide enterral-os...

PAULA:

Que allusões encerra  
 Esta figura do *Ermitão*? Por certo...

GIL VICENTE:

É segredo só meu...

PAULA:

Então quem hade  
 Descobrir onde vae ferir o golpe?

Se o hãode conhecer? Quando transido,  
 Por vêr-se hediondo como o eu retrato,  
 Em desespero se estorcer, o infame  
 A si mesmo atraição? Assim, julgando  
 Ser tempo ainda de salvar-se, hesita...  
 Não sabe se hade disfarçar a raiva,  
 E applaudindo comprovar seus crimes!  
 É então que pertendo derrubal-o,  
 Dar-lhe o golpe final. Paula! esta farça  
 É o mais alto esforço de meu estro,  
 Meu hymno de triumpho, ao ver no inferno  
 Do ridiculo entrar meus inimigos.  
 Se me custa deixar a obra sentida  
 Por ouvidos profanos! Não importa,  
 É d'este sacrificio que depende  
 A vingança terrivel. (*Mudando de tom.*)

Ayres chega!

Vem as outras figuras ao ensaio.

(*Corre para elles.*)

## SCENA II

Os mesmos, AYRES ROSADO, JOANA, OS JUDEUS  
CASAMENTEIROS, etc.

AYRES, *rindo-se*:

Não entram d'esta vez na vossa farça  
Deoses, nem Diabos da Mythologia,  
Inda quê, para nós, esta *Inez P'reira*,  
E *Leonor Vaz* nada a dever lhes fiquem.  
Eu nasci para isto. Aqui vos trago  
*Latão*, *Vidal*, judeus casamenteiros,  
Tambem os *Bailadores* do noivado.  
O *Ermitão*? Não sei d'esta figura  
Do *Ermitão*... Ou lá, oh mestre Inigo,  
Estás aí? Entraes no fim do Auto.  
Se quizeres bem podes... (*Faz-lhe signal de beber*)

GIL VICENTE:

Bravo, Ayres!

Cumpriste o meu empenho! Vamos, filha,

Fazes de *Inez Pereira*; eu por mim finjo  
De *Braz da Mota*...

PAULA :

O escudeiro ?

AYRES :

Morre

De *Arzilla* a sete legoas de distancia.

PAULA :

Quem faz de *Pero Marquez*?

AYRES :

Pois quem pôde,

A não ser eu, fazer do gracioso?

(*Olha para Gil Vicente.*)

GIL VICENTE :

Façâmos outro ensaio aqui! não tarda  
Que a sala do Capitulo se abra,  
E El-rei não pôde estar á nossa espera.

(*Dispõe as figuras.*)

Vâmos! Finge-se agora que *Inez P'reira*,  
 Filha de uma mulher de baixa sorte,  
 Muito phantasiosa, está lavrando  
 Em casa, em quanto a mãe foi ouvir missa.

PAULA, *representando*:

E ella deve dizer:  
 « Renego d'este lavar  
 « E do primeiro que o uzou;  
 « Oh diabo que eu o dou,  
 « Que tão mau é d'aturar. »

GIL VICENTE, *interrompendo*:

E ella no seu falar,  
 Diz que é n'aquella casa,  
 « Como panella sem asa,  
 « Que está sempre n'um logar.  
 « Que é em vida mais que morta,  
 « Que não é coruja ou corujo,  
 « Nem tambem um caramujo,

«Que não sae senão á porta.»  
N'isto a mãe chega da missa  
E vae-lhe louvar a obra;  
Mas fica como uma cobra  
Logo que vê tal priguica.

PAULA:

E ella responde agora:  
«Praza a Deos que algum quebranto  
«Me tire do cativeiro.»  
Começa com alto espanto  
A altercar furiosa.  
Chama-lhe a mãe priguicosa,  
Dizendo, que uma tal fama  
Nenhum marido lhe chama.

GIL VICENTE, *para Joana*:

Agora entras tu Joana;  
Fazes de *Lianor Vaz*;  
E afflicta me contarás



Essa aventura profana :  
D'um Clerigo no olival,  
Que te derrubou em baixo  
Para saber se eras macho,  
E isto sem ser por mal!  
Depois dizes para *Inez* :  
Em nome do Anjo bento,  
Eu vos trago um casamento  
Que agrada a todas nós tres?

PAULA, *em tom de farça* :

Porém não heide casar  
Senão com home' avisado;  
Ainda que pobre e pellado,  
Seja discreto em falar.

JOANA :

Eu vos trago um bom marido,  
Rico, honrado e conhecido,  
Diz que em camiza vos quer.

PAULA:

Primeiro eu irei saber  
Se é parvo, se é sabido?

GIL VICENTE, *para Joana*:

N'essa carta que aí vem  
Mostrarás o seu amor,  
E a discrição que elle tem.

PAULA, *finje lêr. Ri-se*:

Viste mais parvo villão?  
Eu nunca tal cousa vi,  
Nem tanto fôra de mão!

GIL VICENTE:

Diz a mãe de *Inez* de banda:  
«Tonca-te, se cá vier  
«Pois que para cazar anda,  
«Que esta é boa occasião.»

AYRES, *com ár estupido*:

Eil-o que entra *Pero Marques*  
Com toda a sua simpleza,  
Fala da sua riqueza;  
A mãe os deixa sosinhos...  
Mas *Pero* quer-se ir embora,  
Teme o que dizem visinhos.  
*Inez* já não quer casar  
Senão com homem discreto  
Que saiba tocar viola,  
Cantar, bailar e folgar;  
Em fim homem consummado,  
Especie de Ayres Rosado.

GIL VICENTE:

Entram *Lotão e Vidal*  
Os judeus casamenteiros,  
E tocam nos seus pandeiros  
Com graça mui natural.  
Vem da festa os *Bailadores*,

Trazem toda a sua frota,  
Eis que chega *Braz da Mota*  
Outro noivo, outros amores.  
Ali casam-no com ella,  
Já trata mal a mulher,  
E não a deixa sequer  
Tomar o sol á janella.

## PAULA:

Tal é o thema da farça! (*Para Joana*)  
A sete legoas de Arzilla,  
Ferido como uma garça,  
Cae esse que te quizilla.  
Para me dares consolo  
*Pero Marques* aqui trazes,  
E o casamento aqui fazes  
Outra vez com esse tollo.  
Ha muita festa, e então  
No meio d'essa alegria  
Prometto ir em Romaria  
Á capella do *Ermitão*.

GIL VICENTE :

O *Ermitão* onde está?  
 Oh que presagios sinistros!  
 Já ouço soar os sistros...  
 Será El-rei que virá?

(*Corre-se ao fundo um reposteiro que deixa ver parte de um estrado alcatifado, e el-rei que se assenta em seu espaldar; em volta escabellos, frades e varios personagens.*)

## SCENA III

Os mesmos. — Vista da Sala do Capitulo ao fundo.

GIL VICENTE, vendo entrar Paula e pizar o estrado;  
*observa-a com anciedade :*

Que entusiasmo santo o que a transporta,  
 Oh que bondade ingenua, e graça meiga!  
 Ella soffre bem sei. Estas risadas  
 Háode magoal-a. Filha... quer salvar-me,

Tornar-me inabalavel o triumpho.

Agora entra Joana... (*Para ella.*)

Vê! Cautella!

Não faças outra vez como fizeste

Já nas CORTES DE JUPITER! Caminha.

(*Joanna salta sobre o tablado com um ar decoto; Gil  
ente continúa attento.*)

MESTRE INIGO, *baixo*:

Verêmos, Ayres, quem melhor agora

Desempenha o papel.

AYRES:

Não fales alto,

Deabo! Apósto já que te não lembra's?

MESTRE INIGO:

Tu mentes gorja!

AYRES:

Eu, vilão? nunca

Te daria um papel tão importante.

Uma parte como essa!

MESTRE INIGO:

Já te esqueces?

Quem foi que me metteu n'estes apertos.

AYRES:

É verdade! Fui eu. Mas não havia

quem de Ermitão fizesse. *(Gil Vicente vê Ayres distraído e empurra-o á pressa para o tablado.)*

Ayres, tu perdes-me.

*(Ouem-se risadas surdas dentro; Gil Vicente e mestre Inigo pensativo.)*

GIL VICENTE, para si:

Não sei o que me faz lembrar este homem!

Parece que debaixo d'este aspecto

Ha uma occulta e energica agonia.

*(Como tendo uma ideia subita.)*

Briteiros... Se o fidalgo disfarçado  
Um momento procura, o mais solenne,  
Para ajuste final! Ali Frei Mendonça!  
Se elle, em vez de fazer de Ermitão, clama,  
E vae aos pés de El-rei pedir justiça!

(*Entre para a Sala do Capitulo. — Vozes de applauso. — Volta, e empurre para dentro o Ermitão. — Sãom risadas estridulas, e vê-se ao fundo passar Ayres Rosado com Inez Pereira ás costas. — Vae-se escurecendo a Sala do Capitulo; as figuras do Auto saem cantando remotamente:)*

«E assim se fazem as cousas.»

GIL VICENTE, encostado-se desfallecido sobre  
um archibanco:

O triumpho me prostra. Estou cansado  
Já de tanto lutar. Oh que ancia horrivel...



## SCENA IV

GIL VICENTE e FREI MENDO

FREI MENDO, *contemplando ao fundo:*

Eil-o, e só! Cumpririam a minha ordem?

É o veneno já que o dilacera?

*Approxima-se e vê Gil Vicente imóvel; a esta palavra — veneno — o poeta encara-o, e esconde o rosto nas mãos.*

Porque occultas assim a honrada fronte  
Da face de Jesus? (*Mostra-lhe um Crucifixo.*)

Oh, não se fuge

De um Cordeiro de amor, que é bom e manso.  
Elle perdôa tantos desvarios!

O Pastor traz a ovelha nos seus hombros  
Perdida do rebanho! Gil Vicente,

De contricção uma palavra ao menos?

Inda podes salvar-te, se quizeres;

Dá-me as tuas Comedias! Um momento  
De compunção esquece annos de culpa!

De que te serve a gloria vã do mundo  
Comparada aos eternos soffrimentos?  
Pelo preço da salvação hesitas?  
Tiveste a tua hora de triumpho,  
Não longe soará tambem a nossa.  
Tu descobriste os planos não sabidos  
Com que tentamos conservar mais pura  
A lei santa de Christo! Hade o castigo  
Seguir-te eternamente: não podemos  
Desviar-te a affeição d'El-rei; mais tarde  
Revolvidos teus ossos no sepulchro,  
Hãode aos ventos do céu lançar-se as cinzas.  
Esses Autos, que são o teu orgulho,  
Serão dilacerados, decompostos,  
Não serão lidos sem licença nossa,  
Hãode ficar sem graça, nem sentido.

GIL VICENTE, *erguendo-se*:

Falas-me como a Job no monturo!  
Nem percebo o que dizes; bem se nota  
Que vens da collação. Ris, desgraçado!

## SCENA V

Os mesmos, AYRES ROSADO, MESTRE INIGO

AYRES, *descuidado, a Inigo* :

O que tens que te faz assim tão triste?  
Desempenhaste lindamente a parte  
Do barbado *Eronitão*... que mais querias?

INIGO :

Ayres, tu ris, tu ris, porque não sabes  
As dores lancinantes que se escondem  
No coração de um pae! Este desgosto  
Já me tem a tal ponto envelhecido!  
Não tenho força já para a vingança...  
Descoltei o malvado! o que perdera  
Alda querida... Em vão tento vingal-a...  
Buro! de longe esse traidor occulta;  
Elle é um padre, e nada o prende ao mundo,  
Não conhece a alegria d'esta vida,

Não tem filhos!.. não sabe o que é perdê-los.  
Mas a morte é tão pouco, e apenas isto  
É quanto juro; e que me não sacia!

AYRES:

Torna o vinho a mim tudo côr de rosa,  
E tu bebendo calças o cothurno!  
Deixa as negras ideias.

INIGO:

Na taverna  
Da tia Brazia, lembras-te? uma noite...

AYRES:

Ah, sim! que até caíste com tam pouco...

INIGO:

Pouco, pouco seria? n'esse instante  
A visão do passado se me abriça,  
A descobrir-me o algoz da pobre filha.

AYRES :

Zombas! que algoz? que filha? tudo contos...

INIGO :

Não conheces da vida a realidade!  
Ficam-te bem, rapaz, todas as chufas;  
Alma baixa, vilão, filho das ervas.

AYRES :

Defende-te essa idade...

INIGO :

Que fazias?

AYRES :

A quem insulta minha mãe, a morte...

INIGO :

E quem é tua mãe? Dize.

AYRES :

Era... minha...

INIGO :

Pois nunca t'o contou a tia Brazia?

Ignoras tudo.

AYRES :

Por Deos, fala!

INIGO :

Queres

Que va cobrir-te as faces de vergonha?

O que te deve a tia Brazia? A velha

Te acolheu desde a infancia, e até hoje

Te deu sempre agasalho, e tu não pensas!

Santa mulher da via amargurada...

AYRES :

Fala, dize o que sabes.

INIGO:

Tu perguntas  
Por tua mãe, ou pela tia Brazia?

AYRES:

Inferno!

INIGO:

É tu sem nunca vêres isto.

AYRES:

Mas diz!

INIGO:

Ayres! aquella tia Brazia  
Era a Aia de minha filha, e soube  
Quem era tua mãe... Eu vejo, eu vejo  
Aqui o algoz d'ella.

AYRES:

Quem.

INIGO:

Frei Mendo.

(O Monge, avança para o velho, tirando um punhal debaixo do habito; Ayres põe-se diante e arranca-lh'o da mão, desciando com a outra o capuz.)

AYRES:

Sob um capuz te escondes, Dom Brearte?

Para que abandonaste essa pobre Alda?

No noivado do tumulo te espera...

(Vae para cravar-lhe o punhal no peito; mas Gil Vicente se aproxima, detendo-lhe o braço.)

FREI MENDO:

E tu que eras meu filho!..

GIL VICENTE:

Ayres, deixai-o;

Hade o perdão doer-lhe como a morte.



## SCENA VI

Os mesmos e um MENSAGEIRO

MENSAGEIRO:

A mecer Gil Vicente El-rei o chama.

GIL VICENTE:

E que demanda El-rei?

MENSAGEIRO:

Quer conferir-vos

As palmas do triumpho, vinde!

GIL VICENTE:

É tarde!..

## SCENA VII

AYRES, INIGO e FREI MENDO

Mas nunca é tarde a hora da vingança.

FREI MENDO, *á parte*:

Ir-se d'aqui agora GilVicente,  
Quem podia salvar-me! Nem ao menos  
Um inimigo que me dê amparo.

AYRES:

Dizes que eu sou teu filho, filho d'Alda?  
Foi para desarmar-me. (*Lança o punhal fóra.*)

FREI MENDO:

Oh quanto horrivel  
É vêr a morte vir das mãos de um filho!

BRITEIROS, *mostrando-se como era*:

Não te assuste o medonho parricidio!

A mim, a mim a hora de justiça.  
 Ai quantos annos esperei de balde,  
 Mas quem porfia mata sempre caça!  
 Lobo cervical empolga hoje a raposa  
 Apesar dos ardís. Alda, minha Alda,  
 Alegra-te da campa no sudario,  
 Dom Brearte vae morto de saudades...  
 Demorêmos o golpe; eu quero, quero  
 Saborear o desejado trago...

*(Frei Mendo confrange-se para fugir-lhe, desprende-se  
 Briteiros segue-o.)*

AYRES, *seguido:*

Deixemol-os a sós. Oh, ninguem ouse  
 Perturbar o destino que se cumpre.  
 Sintovo zes e musicas lá dentro,  
 Chega El-rei, junto d'elle Gil Vicente!

*(Sae.)*

SCENA VIII

DOM JOÃO III, GIL VICENTE, os Fidalgos da corte

## DOM JOÃO III :

Lembra-me, Gil Vicente, d'esse tempo  
Dos serões tão falados, que animaste  
Com tuas graças faceis, repentinas.  
El-rei Dom Manoel era faustoso,  
Não havia consorcio de princeza,  
Nem donzeis que se armassem cavalleiros,  
Nem galeão partindo para a India,  
Que te não convidasse para um Auto.  
Tambem abrilhantaste o meu reinado!  
Quando a peste grassou, tu nos seguiste  
E distrahiste os animos quebrados;  
Os teus Autos então nos deram vida,  
Deram-nos riso, e o riso traz coragem!  
Estás velho e cansado; ainda o fogo  
Da inspiração te anima inteiro e vivo.  
Escreve-me outra vez de *Pero Marques!*  
Eu quero dar-te um premio dos teus feitos,  
Pede, fala, tens tudo o que quizeres...

VOZES, *dentro*:

Um assassino! O assassino! Agarra...

GIL VICENTE, *á parte*

Morto... acaso Briteiros se ha vingado?

(*Ruido. El-rei e Gil Vicente voltam-se para verem.*)

*Vista ao fundo de uma Igreja. Briteiros segura-se ás grades, procurando azylllo, Ayres defende-o da multidão:*

A TIA FRAZIA, *d'entre a turba*:

A justiça de Deos não mede o tempo!

Vêde! o padre que aí está morto por terra

Perdeu a filha d'esse bom fidalgo.

VOZES:

Santa mulher! A Bruxa! Polresinha.

EL-REI, *aproximando-se*:

O que são essas vozes? Quem foi morto?

GIL VICENTE, *seguido-o*:

O vosso Confessor...

EL-REI:

Morto Frei Mendo?..

GIL VICENTE:

Por ter perdido a filha de Briteiros...

Senhor! de tudo quanto quereis dar-me,

Só peço a liberdade para o velho.

DOM JOÃO III, *hesitando*:

Isso dou; mas de mim não tens mais nada;  
É quanto pedes, para mim é tudo.

*(Sae a multidão; Bruteiros tambem parte. O rei não chama o poeta.)*

GIL VICENTE, *só*:

Heide ser pobre até ao fim da vida;  
Mas tenha um dia o coração alegre.

---

POETA POR DESGRAÇA

DRAMA



## FIGURAS

PEDRO GABÇÃO  
DONA MARIA SALEMA  
PADRE ANTONIO DELPHIM  
DR. SEQUEIRA  
THEOTONIO G. DE CARVALHO  
CORONEL MAC-BEAN

LADY MAC-BEAN  
JULIO DE SAND  
UMA CRIANÇA  
CARCEREIRO  
AGUASIS

Em Lisboa, no tempo do Marquez de Pombal.

Em 1772.

## ACTO PRIMEIRO

---

Um quarto pobre mobilado ao gosto do seculo XVIII. — A um lado uma poltrona proximo de uma porta que dá para o interior da casa; ao outro uma mesa com papeis e livros, junto da porta de uma alcova. — Porta ao fundo e janellas lateraes. É dia.

---

### SCENA I

GARÇÃO e JULIO DE SAND

GARÇÃO :

Eu vivo mergulhado na miseria,  
Rodeado de filhos! sem, ás vezes,  
Ter n'esta casa com que mate a fome  
Ás crianças que choram! Passo a vida  
Em funda obscuridade trabalhando;  
Mas do trabalho insano apenas sinto  
Os espinhos, que a flor levou-a o vento  
Da desabrida angustia. É um trabalho  
Para o futuro — um livro! — Oh nem teria  
Em mim já forças para resignar-me,

Se eu não tivesse uma mulher heroica  
 Que não sabe queixar-se! Ella tem medo  
 De me fazer soffrer; e esconde as lagrimas,  
 Para não perturbar essa alegria  
 Infantil dos meus filhos! N'esta casa  
 Reina santa alegria; rimos sempre  
 Só para não entristecer os outros.  
 Ninguem advinha assim nossa indigencia.  
 A que trago estas cousas? Não repares...  
 Dize que ideia tambem hoje turba  
 Tua alegria habitual? Entraste  
 Tão melancolico, enfiado!...

JULIO, *com indecisão*:

Venho...

Pedir o vosso auxilio.

GABÇÃO:

Um pae te escuta.

JULIO:

Talvez que o sabereis... eu amo a filha  
 Do Coronel Mac-Bean.

GARÇÃO:

Queres que fale

Ao Coronel? É bom e honrado amigo;

Eu posso convencel-o...

JULIO:

Vem já tarde:

Negou-me o Coronel a mão da filha!

GARÇÃO:

Mas do que disse pode arrepender-se;

Era a unica filha! Elle por certo

Quer fazer a ventura dos amores.

*(Julio deixa pender a cabeça com ar triste.)*

Que tristeza tão intima te punge?

Fala, dize o que has feito! Um pae te escuta,

*(Toma-lhe uma das mãos.)*

JULIO:

Um não tornou o meu amor mais vivo;

Venci tantas perigos para vel-a!  
Quando tudo dormia, quantas noites  
Falavamos de amor, a sós, e a mêdo,  
Tendo o céo estrellado, silencioso  
Por unico docel; e a fresca brisa  
Por nossa confidente! No delirio  
De mil aspirações, que nos fugiam,  
Já de tanto sonhar doirados sonhos,  
Já de cansados, uma vez, caímos!  
Do seu jardim a tapetada relva  
De thalamo aromatico servira.  
Mas, da ira do pae quero salvar-a!  
Ah, como? Se ella vae ser mãe em breve!  
Hoje escreveu-me, e pede instantemente  
Ao meu amor que a salve da ruina.  
Quem me pode valer?

GARÇÃO:

Sómente a honra!

JULIO:

Meu tio!

GABÇÃO:

Tens com que passar a vida  
Em muito honrada, mas feliz pobreza!  
Portanto escreve para que abandone  
A casa de seu pae!

JULIO:

Inda hoje mesmo?

GABÇÃO:

Como quizeres! Falo e justifico  
Ao Coronel a fuga, e espero ainda  
Congrassal-o depois com sua filha.  
Será para mim esse um dia alegre!

JULIO:

Ai, tenho a mente tão preocupada,  
Que nem posso ligar duas palavras;  
Meu tio, dae-me a norma de uma carta,  
Se vos não custa! E vou já entregal-a;  
Não ha tempo a perder, só d'este modo

Tiro-a das mãos do pae crú, irascível.

(*Garção levanta-se da poltrona e dirige-se á mesa onde escreve.*)

## SCENA II

Os mesmos e o PADRE DELPHIM

O PADRE DELPHIM, *com jovialidade*:

Oh Garção! Da-me cá um grande abraço!  
 Esqueceu-me hontem dar-te boas novas  
 Com que por certo folgarás? Não penses  
 Que do Marquez te trago algum despacho,  
 Pois que lê a respeito de poetas  
 Pela cartilha de Platão, que os punha  
 Bem longe da Republica.

GARÇÃO :

Então, dize  
 Padre Antonio Delphim! Vejo-te alegre,  
 D'uma alegria doida...

PADRE DELPHIM, *suspense*:

Vê se advinhas!

(*Tira a caixa do rapé.*)

Uma pitada; assim talvez decifres  
Mais depressa o enigma. É um Outeiro  
Em Chellas ámanhã, com luminarias  
Na eleição da abbadeça! Como sempre,  
Levo a minha rabecca; finalmente  
Vás tu, e vão da Arcadia outros poetas  
Glosar os motes vindos do mirante.  
Hade ser um diluvio de poesia.  
Hão de chover sonetos com mais pompa  
Do que na elevação da Estatua Equestre.

GABÇÃO:

Um Outeiro poetico!

PADRE DELPHIM:

Um torneio

Em que a poesia exalta a formosura!



Oh! se amanhã não haverão bons motes!  
Até a filha do Marquez de Alorna,  
A quem Filinto denomina Alcipe,  
Uma decima musa para muitos,  
(Cá para mim é uma das tres graças!)  
Hade ganhar triumpho glorioso  
Sobre os nossos poetas! Já de rimas  
Fui arranjando largo sortimento,  
Para fugir da inspiração do acaso!  
Ella que é tão bonita... bem conheço  
Que tu me não extranhas estas cousas  
Cá na bocca do padre... Mas eu vejo  
Que estás triste! Garção, diz que mysterio  
Ou que dor tens na vida, que a escondes  
Do amigo mais intimo?

GARÇÃO:

Falaste-me

Agora em Dona Leonor de Almeida,  
A filha do senhor Marquez de Alorna;  
Não sabes, meu Delphim, quando me lembra  
D'essa familia a desgraçada sorte,

Quanto a meus olhos não se avulta o crime  
Do ministro de El-rei?

PADRE DELPHIM, *compungido* :

Só por suspeitas

Do fatal attentado! tantos golpes!  
É bem certo o que dizem, que o ministro  
Tem cabellos no coração. Li hontem  
Uma Epistola tua, regalou-me!  
É a *Fala do Duque de Coimbra*,  
Querendo os portuguezes levantar-lhe  
Estatua pelo justo e bom governo,  
O que não consentiu! Ali descubro  
Delicada allusão com que fustigas  
A vaidade do busto do Ministro.  
Mas se elle chega a lèr aquelles versos!

GARÇÃO:

Antes não os tivesse escripto. Aonde  
Leste a Epistola? eu dei a conhecer a carta  
Ao Coronel Mac-Bean; é meu amigo,  
Não me pode trahir.

PADRE DELPHIM:

Nem tambem pode  
Fazer mal o Marquez por que escreveste  
N'um momento feliz.

GARÇÃO:

Vieste a tempo...  
Meu sobrinho... Falemos em segredo.

*(Retiram-se para um lado da scena e falam alguns instantes.)*

O PADRE DELPHIM, atalhando:

Oh não penses mais n'isso. Quero eu mesmo  
Abençoar do santo amor os laços;  
Heide eu mesmo casal-os! eu os trouxe  
Ambos ao collo, quando pequeninos!  
Eu vou tratar de tudo agora... *(Para Julio)*

Vamos!

*(Garção aproxima-se do sobrinho e entrega-lhe a carta que tinha fechado insensivelmente.)*

SCENA III

GARÇÃO, sentado na poltrona, abatido pela doença;

DONA MARIA, entrando.

D. MARIA, *afflicta*:

Elle sem vir!... Demora-se hoje tanto!

Não reparaste que o Doutor Sequeira

Não vem já com aquella assiduidade?

Será por que te julga com melhoras?

Não?

GARÇÃO:

A melhor!..

D. MARIA:

Meu Deos! pois não me falas.

Ah! sentes-te outra vez encommoado?

GARÇÃO:

Para que assim te affliges? D'esse modo

Aggravas mais o acerbo soffrimento  
 Que vae minando o espirito. O corpo...  
 Basta ouvir a chorar com fome os filhos,  
 Ou vel-os para o céo erguerem olhos  
 Sem saberem queixar-se, e adormecerem...  
 Vêr eu assim a carne d'esta carne!  
 Nem me quero lembrar d'isto. Distrae-me,  
 Não me deixes pensar tanto na vida.  
 Mulher, deixa-me ouvir tuas palavras,  
 Presentir a esperança n'um teu riso;  
 Choras? Por que não fazes o que peço?

D. MARIA, *á parte*:

Que lhe posso eu dizer que o não afflija? (*Alto.*)  
 Aqui tens os teus livros. Algum d'elles  
 Te dê consolações que em mim não tenho.  
 (*Lança mão de um livro.*)

GARÇÃO:

Abre ao acaso!

D. MARIA:

~O livro dos teus versos.

«Epistola ao Doutor Evangelista.» (*Lendo.*)

GARÇÃO, *á parte*:

E logo n'essa pagina! não lêas.

D. MARIA, *lendo descuidada*:

«Mas de poeta, amigo, só me restam

«Desastres e miserias, filhos rotos.»

GARÇÃO:

Filhos rotos! — Soltando essa verdade,

Soffria tanto, mais talvez que nunca,

Mas tinha uma esperança. Confiava

Na integridade do Marquez. Tu choras...

Acabemos com isto assim, não lêas;

D. MARIA:

Que vida!

GARÇÃO:

Por que te entristeces tanto?

D. MARIA, *sobresaltada*:Não ouviste chorar? Pobre criança,  
Acordaria já?

GARÇÃO:

Descança.

D. MARIA:

Eu tremo;

Para o não vêr chorar adormeci-o,  
Talvez que o somno o alimente. E dorme!  
Contemplei-o n'esse extasi innocente,  
Brando sorriso lhe animava a face,  
Onde tenue esperança se debuxa.  
Julgava-me feliz tendo-o a meu lado,  
E não tirava os olhos do seu berço.  
Por um como poder de extranho encanto  
Adormeci ao lado do meu filho;

Sentia o respirar debil, cansado,  
E escutava o segredo indefinido,  
Que os seraphins, que o somno seu lhe guardam,  
Com sua alma, e a sós, confidenciam.  
Sonho terrivel de repente enubla  
A celeste visão. Affigurou-se-me  
Ouvir de subito eccoar em casa  
O nome do Marquez; depois entrarem,  
E insultarem-te os homens da Justiça,  
E de mim separarem-te e dos filhos...  
Eu sem saber para onde te levavam!  
Foi então que acordei, porque sentia  
O innocente chorando. Que loucura?  
A criança dormia a somno solto.  
Já viste um sonho assim, mais caprichoso?  
Como ajuntei o nome do Ministro  
A tanta desventura que em nós peza?  
O Ministro não é já teu amigo?...

GARÇÃO:

Já meu amigo? dizes tu...



D. MARIA :

Não ouves

Chamar por mim? acordaria agora?

GARÇÃO, *escutando*:

Não é elle! Receias que desperte.

D. MARIA :

Pois se não tenho que lhe dar! não temos

Um pedaço de pão... Não sentes passos?

Será elle que vem? não tendo força

Para chamar por mim... alevantou-se.

Eu sem ter que lhe dar!

GARÇÃO :

Oh não te afflijas.

D. MARIA, *asserennando-se* :

É o Doutor Sequeira!

SCENA IV

Os mesmos e o DOUTOR SEQUEIRA, entrando

GARÇÃO:

Oh Doutor!

DR. SEQUEIRA, *sorrindo*:

Sempre

Ri com vontade agora! Quem havia  
Eu encontrar? Aquelle bom patusco  
Padre Antonio Delphim!

D. MARIA, *chegando uma cadeira*:

O Padre Antonio?

DR. SEQUEIRA:

Encontrei-o; e disse que aqui vinha.  
Nunca vi bom humor como o d'este homem!  
Nada o molesta, tudo o regosija,  
Anda sempre contente. É companhia (*reparando.*)  
Muito precisa n'esta caza.

GARÇÃO :

Ha tempo,  
 Não vem passar a noute á Fonte Santa.

DR. SEQUEIRA :

O mais bonito é que o vi, eu mesmo,  
 De rabeça escondida sob a capa.  
 D'onde viria elle? Ora imaginem:  
 De uma boda de noivos, onde fôra  
 Cantar modas francezas em duetto  
 Eguaes ás de *L'Abbé*, de quem se ria  
 O bom do Tolentino. (*Pucha a boceta.*)

Uma pitada.

(*Para Garção.*)

Se a Horacio o rapé não fosse extranho,  
 Dedicara por certo o Venusino  
 Á nova pythonissa a melhor Ode.

GARÇÃO, tomando a pitada:

Se extranho lhe não fosse? Já Filinto

Demonstrou ter anunciado o vate

O uso da pitada n'este verso:

*Et omnis copia narium*, — que se encontra,

Como o Doutor já viu, na Ode quinze

Que vem no livro...

DR. SEQUEIRA, *atalhando*:

Sim, livro segundo.

Até, Garção, com melhor côr o acho!

E o caldo das Farinhas de Sam Bento?..

D. MARIA:

Tem-no tomado sempre ás mesmas horas;

É tempo agora. (*Sae.*)

DR. SEQUEIRA, *vendo o relógio*:

Sim, póde trazel-o,

É a melhor occasião.

## SCENA V

GARÇÃO e o DOUTOR SEQUEIRA

DR. SEQUEIRA :

Amigo,  
Tenciono escrever-lhe outra receita ;  
Talvez a ultima, oxalá? caminha  
Com melhoras notaveis. Mas cautella,  
Que o tempo, o tempo não está de graças.

GARÇÃO, *apprehensivo* :

Oh diga-me, Doutor, não tem falado  
Ao coronel Mac-Bean? não apparece  
Por cá ha tanto tempo!

DR. SEQUEIRA :

Se elle sabe  
Que o amigo carece de uma esmola!

Não é por isso que me não procura!  
Longe de mim pensar...

DR. SEQUEIRA:

Não o conhece!

Mas falar mal do proximo não quero;

É do Evangelho! (*Ergue-se.*) Vâmos á receita.

(*Caminha para a meza e enquanto escreve a receita  
e ás escondidas debaixo do papel alguns dobrões.*)

## SCENA VI

Os mesmos e D. MARIA, trazendo o caldo.

D. MARIA:

Quem me dera aqui vér o padre Antonio!

Queria perguntar que lhe fizemos?

Não apparece n'esta casa.

DR. SEQUEIRA :

O homem  
 Anda agora em ensaios com o Talaia;  
 Quer ir improvisar n'aquelle Outeiro  
 Do abbadeçado em Chellas.

GARÇÃO :

Que me conta!

DR. SEQUEIRA :

E o melhor é que aspira a um presente...

## SCENA VII

Os mesmos e o PADRE DELPHIM

PADRE DELPHIM, *atalhando*:

E tenho cá meus visos de certeza  
 De ter bom doce.

D. MARIA, *surpresa*:

O senhor Padre Antonio!

Graças a Deos, que a final se mostra.

PADRE DELPHIM:

Não pensei que o Garção era doente!  
De manhã encontrei Doutor Sequeira  
Foi quem m'o disse; e disse-me igualmente,  
Que á minha calva fez bastos sonetos,  
E decimas tambem!

DR. SEQUEIRA:

Que bom assumpto!

O PADRE DELPHIM:

E que assumpto melhor do que esta calva,  
A reverenda calva! Uma pitada.

DR. SEQUEIRA, *batendo na boceta*:

Quem me dera, Delphim, a tua vida!



Quando eu gostava mais d'esta conversa,  
 É que me lembra uma doente... (*Ri-se*) Padre  
 Adeos! (*Indo a sair, detem-no á parte o Padre*  
*Delphim.*)

PADRE DELPHIM:

Mas quem é essa tal doente?  
 Tão apressado estás!

DR. SEQUEIRA:

Não é segredo,  
 É Lady Mac-Bean, que...

PADRE DELPHIM, *interrompendo*:

Tenho entendido.

DR. SEQUEIRA, *saindo*:

Não sei quem tanto diz a este padre.

PADRE DELPHIM, *matteamente,*  
Adeos, Adeos! (*Dona Maria sai levando o caldo.*)

## SCENA VIII

PADRE DELPHIM e GARÇÃO

GARÇÃO:

Ai meu Delphim, não sabes

Em que estado me deixa esta doença!  
Vêr Maria a meu lado silenciosa,  
Toda banhada em lagrimas, e em roda  
Os tristes filhos a gritar com fome!  
Por não poder também chorar, sorria;  
Mas que riso era aquelle! era o resumo  
Das blasphemias que impelle a dor aos lábios.  
Ai, nunca duvidei da Providencia!  
Se eu ao Marquez thuribular soubesse,  
Poderia contar com melhor sorte;  
Sei que elle espera a occasião sinistra  
Para estender por sobre mim seu braço...

PADRE DELPHIM:

Porque? então...

GARÇÃO:

Suppõe que eu ando unido  
A um partido que feroz combate!

PADRE DELPHIM:

O varão justo, que a vareda trilha  
Da constante virtude, não receia,  
Não teme o sobreceño dos tyrannos.  
Ri-te com isso! Vae fazendo versos  
Á minha calva, e não te importe o mundo.

GARÇÃO:

Já que de versos me falaste, tira  
Dois sonetos d'aquelle bolso...

PADRE DELPHIM:

Feitos

Talvez á minha calva? Estimo vel-os.

GARÇÃO:

Esses levou-os o Doutor Sequeira.

PADRE DELPHIM, *trazendo-os*:

Encontrei-os.

GARÇÃO:

Entrega, este soneto  
A Theotónio Gomes de Carvalho.  
Um dobrão de seis mil e quatro centos  
Aí lhe peço...

PADRE DELPHIM:

Eu vou já procural-o.

GARÇÃO, *continuando*:

Pois bem vê, n'esta casa...

Ha-de acudir-te.

A quem queres que leve o outro soneto ?

GARÇÃO :

A Francisco José Freire; aí peço

Um bote de tabaco.

PADRE DELPHIM :

Eu volto em breve.

(*Sae.*)

## SCENA IX

GARÇÃO e D. MARIA

GARÇÃO, *distrahido* :

Como hoje se alevanta o sol esplendido !

Com elle a vida, a agitação que anima

A cidade opulenta que na passadagem  
Por um tremendo cataclismo, e se ergue  
Como o Lazaro morto ao *surge et ambulo!*  
Ella ergueu-se risonha, como Diana  
Do banho; como a phenix que renasce!  
É donzella gentil, namoradeira,  
Veiu á beira do Tejo debruçar-se,  
Abrir o seu regaço aos estrangeiros.  
O sol vem levantando-se brilhante,  
E com elle a grandeza d'este emporio.

(*Entra D. Maria desapercebida.*)

Eu sinto uma voz intima a dizer-me  
Que eu nada verei d'isto. Pois a morte...  
Se não fosse o refugio da desgraça?

D. MARIA :

Porque estás a scismar sempre na vida?

GARÇÃO :

Na vida? E ha quem chame a isto vida!

*Uma voz chamando de dentro :*

## SCENA X

Os mesmos e uma CRIANÇA

D. MARIA :

É sem ter que lhe dar! É' elle.

GARÇÃO :

O filho!

D. MARIA :

Ah, se o padre Delphim viesse, ao menos...

A CRIANÇA, *indo para a mãe* :

Já não gosta de mim? Papá... um beijo.

GARÇÃO, *beijando* :

Pobre filho.

D. MARIA :

Se o padre Antonio viesse!

Por ventura trará algum dinheiro?

GARÇÃO :

Confia inda uma vez na Providencia.

A CRIANÇA :

Não vâmos almoçar? é já tão tarde.

D. MARIA :

E' verdade! tão tarde já. Não sabes?

Vem connosco almoçar o senhor Padre;

Vae tu brincar enquanto elle não chega.

CRIANÇA, *tirando-se d'entre os braços do pae, vae para  
a meza:*

Eu quero ir escrever. Eu já escrevo

O seu nome, papá...

GARÇÃO, *indo a abraçal-o:*

Ah, filho, filho!



A CRIANÇA, *recoltendo os papeis bole com o dinheiro que  
aí deixara o Doutor:*

Aonde está a penna?

GARÇÃO, *vendo o dinheiro:*

A Providencia!

D. MARIA, *tomando o dinheiro:*

O Doutor cá deixou este dinheiro!  
Esquecer-se-hia? Mas guardal-o, quando...  
Quando este filho... eu vou matar-lhe a fome!

GARÇÃO:

Mas a honra? De tal opprobrio agora  
Só o padre Delphim póde livrar-me.  
(*Sae D. Maria com a criança. Mudando de tom:*)  
Algum novo desastre!

SCENA XI

GARÇÃO e LADY MAC-BEAN

LADY MAC-BEAN:

Involuntario.

GARÇÃO, *admirado*:

Lady Mac-Bean aqui!

LADY MAC-BEAN:

Para salvá-o!

Ainda é tempo.

GARÇÃO:

Mas de que? Salvar-me!

LADY MAC-BEAN:

Sim! dos ferros de El-rei.

GARÇÃO:

E quem aos ferros  
De El-rei me entrega?

LADY MAC-BEAN:

Oh sim, meu Pae!

GARÇÃO:

Não creio!

Velho amigo...

LADY MAC-BEAN:

Pelo Marquez comprado.

GARÇÃO:

Impossível!

LADY MAC-BEAN:

O golpe o certifique!

GARÇÃO:

Em que offendi o Coronel?

LADY MAC-BEAN:

Não pôde

Lembrar-se da villeza a que-não desce!

GARÇÃO:

Perseguem-me!

LADY MAC-BEAN:

Dos homens a justiça.

GARÇÃO:

Para que heide temel-a, se conservo

A consciencia firme.

LADY MAC-BEAN:

Fuja! é tempo.

GARÇÃO :

E os filhos?

LADY MAC-BEAN :

Aproxima-se a justiça!

GARÇÃO :

Estão francas, abertas minhas portas!

LADY MAC-BEAN :

Sois innocente, mas sai depressa.

GARÇÃO :

Eu innocente? O crime que me imputam?...

Fugir! Mas para onde, se vós mesmo

Me daes por innocente!

LADY MAC-BEAN :

Instante horrivel!

Hesitae? é matar-me. (*Corre á janella*)

É tempo ainda!

Meu Pae vem para aqui a dirigir-se,

Com elle officises de alta justiça...

Fugi!

GARÇÃO:

Seria o eu fugir da honra!

## SCENA XII

Os mesmos, CORONEL MAC-BEAN, AGUASIS

CORONEL, *para a filha*:

Tu aqui!

LADY MAC-BEAN:

Aqui só para salva-o!

O CORONEL:

É certo o que eu pensava!

LADY MAC-BEAN:

É baixo o insulto!

Bem sei o ajuste do Marquez; a magoa  
Será quando souber que é illudido,  
Que serve de instrumento do Ministro  
N'uma vingança pessoal.

O CORONEL:

Retire-se.

*(Aos Aguasis.)*

Levem-me esse homem preso. Ordem expressa  
Dada pelo senhor Marquez!

## SCENA XIII

GARÇÃO, os AGUASIS e D. MARIA

GARÇÃO:

Se ao menos,  
Theotonio Gomes, ou Delphim viessem!

D. MARIA, *apparecendo*:

Um instante!

UM AGUASIL:

Aqui nada de demoras;  
Ha ordem de marchar!

GABÇÃO, *para a mulher*:

Traz o meu filho.

D. MARIA, *indo buscar o filho*:

Soltou-se em breve um sonho tão funesto!

UM AGUASIL:

Vamos d'aqui! Nós não queremos choros;  
A caminho! Não temos despedidas,  
Temos que andar, o Limoeiro é longe;  
Se quer á força!....



GARÇÃO, *deixando-se levar*:

Acabem de matar-me.

*D. Maria, alguns instantes depois traz o filhinho pela  
mão até ao meio da scena*

A CRIANÇA:

Aonde está o meu papá?

D. MARIA:

Levaram-no.

---

ACTO SEGUNDO

---

Um carcere no Limoeiro. — Grade ao fundo. — A um lado  
uma enxerga sobre a qual está o poeta recostado.

Um carcereiro varrendo. É dia.

---

SCENA I

DONA MARIA e THEOTONIO GOMES, das grades

DONA MARIA, *olhando para dentro*:

Elle dorme.

THEOTONIO GOMES:

Talvez que inda se possa  
Remediar tudo.

D. MARIA:

Mas qual é o crime?

THEOTONIO GOMES :

Falam todos de — uns versos que feriram  
 O orgulho do Marquez. Como era baixo  
 Prender o poeta por um tal motivo,  
 Contam que a mando seu urdira a intriga  
 O Coronel Mac-Bean.

D. MARIA :

Esteve ha tempo  
 O Coronel jogando em nossa casa.

THEOTONIO GOMES :

Não se lhe pode hoje falar. — Saiâmos;  
 Vamos pedir a El-rei a liberdade  
 Do seu marido, do infeliz poeta.

O CARCEREIRO, *deixando de varrer, e fitando o preso  
 que parece adormecido:*

Eu penso agora no que tenho feito

Soffrer a este pobre! E sem ter bocca  
Para queixar-se dos meus duros modos.  
A principio deixava vir meu filho  
Fazer-lhe companhia, distrabil-o;  
Gostava d'elle tanto, pois lembrava-lhe  
Os seus que estão gemendo na miseria.  
Muitos fidalgos querem vêr o preso,  
Mas ninguem entra; é ordem que me deram.  
Depois de tantos annos d'este officio,  
É o primeiro de quem tenho pena.  
Muitos homens aqui gritam, ameaçam,  
Amaldiçoando a hora em que nasceram.  
Este infeliz, não sei como se chama,  
Sempre calado, e de cabeça baixa,  
Só diz: Minha mulher, meus pobres filhos!  
Escreve, escreve ás vezes. E quem sabe  
Se tem n'aquillo ainda uma esperança!  
Esperança? De que? E o meu agouro?  
Será elle o primeiro a sair vivo  
D'esta escura masmorra? Se elle ouvisse?

## SCENA II

Os mesmos, e THEOTONIO GOMES, das grades

THEOTONIO GOMES:

Deixas-me entrar para falar ao preso?

O CARCEREIRO:

Mas se o sabem, senhor!

THEOTONIO GOMES:

Toma esta bolsa,  
E não deixas de ser por isso honrado!

O CARCEREIRO, *aceitando*:

E se o disserem ao senhor Ministro?

THEOTONIO GOMES:

Nada reccies. Abre a porta; vamos.

Mas o preso inda dorme!

THEOTONIO :

Não importa.

GARÇÃO, *levantando a cabeça*:

Meus pobres filhos! a miseria! é tudo  
Que me resta da vida.

THEOTONIO, *entrando*:

Atroz verdade.

A constante virtude em si conheço!  
Amigo! não carece de conforto...

GARÇÃO :

Meu bemfeitor, aqui! É isto um sonho  
Da louca, tresvaliada phantasia?  
Sinto o calor das suas mãos benignas;

A placidez das falas que consolam!  
Um abraço! Meu Deus; não tenho força...

THEOTONIO:

Como está demudado do que era;  
A palidez lhe desfigura o rosto!  
Como estes oito mezes lhe minaram  
Uma existencia a todos tão querida!

GARÇÃO:

Noites e noites de contínua insomnia;  
Tristes recordações me hão macerado  
O rosto, o fraco espirito alquebrando!  
A toda a hora uma visão me assusta...  
Parece que de longe estou ouvindo  
Gemidos de uma esposa, rodeada  
Das crianças rotinhas e com fome,  
E sem vêrem seu pae. Sei que os amigos  
Dedicados, trabalham quanto podem,  
Mas dos ferros de el-rei não me libertam.

Nada conseguirão, pois que o Ministro  
É implacavel sempre na vingança.  
Nem dos mais infelizes sou; Gonzaga  
Lá foi morrer pelos prezidios d' Africa,  
E devo eu revoltar-me contra a sorte?

THEOTONIO :

Como está macilento ! Não parece  
Aquelle bom Garção, cantor da calva  
De Delphim?

GARÇÃO :

Como está o padre Antonio?

THEOTONIO :

O mesmo sempre. Elle advinhou logo  
O nó da intriga, esse odio do Ministro.  
Hontem falou com o Marquez ; não soube  
O que disseram lá ; certo é que o padre  
Veiu sorrindo. Tenho confiança



No valimento do Diniz, e agora  
Vou falar ao Ministro, adeos!

O CARCEREIRO, *saúdo tambem:*

Calluda!

### SCENA III

GARÇÃO:

Quem me havia dizer, quando sonhava  
Na gloria e no futuro, que viria  
Findar a vida em fétida masmorra!  
Não ha golpe que desarmado encontre  
Impassivel philosopho; elle sabe  
Resignar-se calado! Mas eu tenho,  
Senhor, um coração que a dor retalha.  
É de força chorar, e já não posso...  
É redobrado soffrimento! Horrivel!  
Senhor, as santas lagrimas nos destes,  
Porque as tiras na hora da agonia?

*(Fica alguns instantes silencioso; depois levanta-se na  
enzerga e continúa:)*

Tira a abelha das venenosas flôres  
Suave mel que o paladar enleva;  
Eu das bôas acções — dos filhos de Eva  
Só cõlho insultos, tiro dissabores!

Torna o trovão que infunde mil terrores  
Serenos o ár, do céo dissipa a treva;  
Eu com obras em que a alma se me eleva  
Mudo amigos em meus perseguidores.

Quem sabe aonde para o soffrimento!  
Deos é bom, Deos é pae, elle conhece  
Porque me envia a mim tão dura prova.

Em mim a força exhausta desfallece,  
Só me vem dar alivio um pensamento:  
É que ao menos descançarei na cova.

Meu Deos, que sina! é um inferno a vida,  
Porque outra provação quereis que eu passe?  
Estendestes a mão, tocando o corpo,  
Não esqueci os vossos beneficios!

Consentistes que torturassem a alma,  
Confiei na misericórdia vossa.  
Se é possível, Senhor, rasgue-se a folha  
Do livro do futuro onde escrevestes  
Tantas tribulações. Vêde, sou fraco;  
O lampejo da vida em mim se extingue!  
Não posso lutar mais; sinto desejos  
De cuspir a irrisão e o sarcasmo  
Sobre esta sociedade tumultuosa,  
Que enfia a toga de juiz a um lobo,  
Um assassino, que sob ella esconde  
O crime hediondo; que do lar me priva;  
Que ás trevas da enxovia me arremessa,  
Pela unica lei de um rancor baixo!  
Esqueceu a justiça, apesinhou-a,  
Para assim commetter a atrocidade  
Contra mim só, que estava desarmado,  
Contra mim que soffri calado tudo,  
Para vêr se deixava illeza a honra!  
Eu possuia esse unico thezouro,  
Herança dos meus filhos! Que mais tinha  
Que podesse deixar? Isso roubaram!

SCENA IV

GARÇÃO e DONA MARIA

D. MARIA:

Alfim ninguém me impede de abraçal-o!  
Quero entrar. Aqui trago esta licença.

CARCEREIRO, *abrindo a grade*:

Se é ordem superior...

GARÇÃO, *á parte*:

Quem me procura?  
Ninguém conheço; a vista não me ajuda.

D. MARIA, *indo para o abraçar*:

Em que estado eu encontro o meu marido!

GARÇÃO:

Dona Maria! és tu?

D. MARIA:

A boa nova

Venho trazer-te; brevemente chega

Alvará de soltura. Fui eu mesmo

Pedir a el-rei a tua liberdade.

GARÇÃO:

O Ministro?...

D. MARIA:

A palavra de el-rei...

GARÇÃO:

Nada

Vence o odio que me jurou vingança.

Onde estão os meus filhos?

D. MARIA:

Quiz trazel-os

Mas, tão rotinhos... que nem me atrevia...  
Adormeci-os para vir sem medo.  
Perguntam sempre pelo pae; não sabes  
Como custa a trazel-os n'este engano....

GARÇÃO :

Os desgostos corroem-me a existencia!  
Presinto que de nada me aproveita  
Esse perdão de el-rei. Perdão? dizia  
Mas de que culpa? Isto acaba cedo.  
Não sentes estas mãos como estão frias?  
O coração não bate.

D. MARIA :

Crê e espera!

SCENA V

Os mesmos, THEOTONIO GOMES e o DR. SEQUEIRA

THEOTONIO :

Conseguimos por fim vêr um amigo.

DR. SEQUEIRA :

Um amigo, depois de longa ausencia ;  
Mas vel-o assim ! Desculpe-me estas lagrimas.

THEOTONIO GOMES, *entrando na prisão* :

A origem d'este odio do Ministro  
É ridicula farça, que se muda  
Talvez n'alta tragedia de cothurno.

DR. SEQUEIRA, *proximo do prezo* :

Já o padre Delphin me disse o caso ;  
Custa a crêr.

GARÇÃO :

Por onde anda o padre Antonio ?

THEOTONIO GOMES :

Sempre no paço. Está continuamente  
A pedir ao Marquez. . .

D. MARIA :

Se não fosse elle,

Os filhinhos...

DR. SEQUEIRA, *tomando o pulso ao poeta, depois de lhe  
vêr pender a cabeça:*

Garção? Garção! Não fala;

Tão frio!... Morto o infeliz poeta!

THEOTONIO :

Doutor Sequeira!

GARÇÃO, *caído lentamente:*

Levem-na consigo.

SCENA VI

Os mesmos e o PADRE DELPHIM



PADRE DELPHIM :

Morto, morto o Garção?

THEOTONIO GOMES :

Chega já tarde...

DR. SEQUEIRA :

O perdão?

THEOTONIO GOMES :

Sim.

PADRE DELPHIM :

Eu não o trago ainda;  
Não faltaram instancias, tudo embalde;  
Estava inabalavel!

D. MARIA :

Que destino!

THEOTONIO, *levando-a* :

Vamos d'aquí falar com o Ministro.

## SCENA VII

PADRE DELPHIM, DR. SEQUEIRA

DR. SEQUEIRA :

Veja, padre, como esta nossa terra  
Galardôa o talento! A maior parte  
Da Arcadia teve um premio similhante.  
Quero falar, não posso! não sei mesmo  
Que dôr extranha o coração tortura.  
Eis aí despenhada na miseria  
Uma familia, victima de um odio.  
Eu heide dar publicidade á — FALA  
DO DUQUE DE COIMBRA ; e os vindouros  
Hãode julgar mais nobre esta vingança.

## SCENA VIII

Os mesmos e o CORONEL MAC-BEAN

CORONEL MAC-BEAN :

Venho aqui por mandado do Ministro!  
 A Ordem de soltura trago ao poeta;  
 Esteve lá chorando a pobre esposa,  
 Não sei que disse, quiz porem que eu fosse  
 O portador... Ninguém acceita? Morto...

PADRE DELPHIM:

Coronel Mac-Bean! para que insulta  
 Na morte aquelle que prezára em vida?  
 Respeite este logar sagrado. Saia!

O CORONEL MAC-BEAN:

Fui algoz, sem saber, do meu amigo!  
 Ah queria salvar a minha honra,  
 Não comprehendí dedicação tamanha!  
 Fil-o expirar nos ferros. O Ministro  
 Fez de mim instrumento da vingança.  
 Sou infame! O que devo fazer?

*(Entram Julio de Saul e Lady Mac-Bean, e ficam silenciosos.)*

## O PADRE DELPHIM :

Cumpra

A vontade final do desgraçado ;  
Congratule-se, abrace aquella filha,  
E fica para sempre perdoado.  
Que heroismo da honra e da virtude !

*(O Coronel volta-se e dá com sua filha; abraça-a com o  
noivo chorando.)*

DR. SEQUEIRA, vindo á bocca da scena e levantando do  
chão o Alvará:

Só quando o Marquez soube que o poeta  
Estava morto... Ah, se eu pudesse rir-me!..  
É que lhe manda a Ordem de soltura.

---

# VERTIGEM DO INFINITO

POEMA

Silêncio de uma noite estrelada e silenciosa. Vigília.

O POETA:

Que noite! oh erma alampada,  
 Oh muda confidente!  
 Á tua luz tão palida  
 Esta alma geme, sente.

Pois como a mariposa  
 O brilho teu não ama?  
 Assim a alma se abraza  
 Do amor na eterna chamma!  
 Eil-as! milhões de estrellas  
 Bordando a immensidade;  
 Oh quem, sósinho ao vel-as,  
 Scismar, sentir não hade?

Levadas mansamente  
Na onda que as envia,  
Vaga no espaço a mente  
Suspensa na harmonia.  
Quem sabe os mil segredos  
Das lubricas esferas?  
Ou lér a côr das eras  
No musgo dos fragnedos?  
O pensamento altivo  
Se eleva a Deos, não pára!  
Domina a tempestade,  
Escuta o côro extranho  
De espiritos rebeldes!  
Vê despenhar-se a rocha  
Ferida pelo raio;  
E a flor que desabroxa  
Á luz do sol de maio.  
Ouve o cedro que verga,  
E o vento que bafurda,  
E a onça que se alverga  
Na furna escura, surda.  
Escuta o mar que ruge

Na voz de ao longe e ao perto,  
E a chuva que restruge,  
E a mudez do deserto.  
E vê baquear em terra  
Os idolos das gentes;  
E o clarim que aterra  
Os esquadrões frementes;  
E vôa a toda a parte  
No raio d'essa luz;  
Dá forma ao sonho — é a Arte,  
A vida em si traduz!  
Só elle se remonta,  
Pescruta o fundo abysmo,  
Abrange a immensidade,  
Afunda-se no vacuo;  
Aspira e a eterna sede  
É aguia que o devora!  
Que importa a argila fragil?  
Não ser eu mais do que homem,  
A quem persegue a neve,  
A rispida nortada,  
A duvida, a agonia!



Que noite! oh erma alampada,  
Oh muda confidente!  
Á tua luz tão palida  
Esta alma geme, sente.

---

As nuvens poisam sobre  
O pincaro do monte;  
Estreita-se o horizonte  
E a noite tudo cobre.

Mergulho-me nas trevas  
Da noite e absorto scismo!  
E ás bordas do abysmo  
Oh alma, mais te elevas?

Ai contra Deus meu braço,  
Meu braço é fraco e inerme;  
Fulmina o ignoto verme,  
Ajax, pois te ameaço.

Não sei dizer que sinto  
Ao vel-a orar contricta,  
Assim *bianco vestita*  
Do templo no recinto:

« Que amor oh lua, anhelas?  
« Teu brilho porque o alastras,  
« Do templo entre as pilastras,  
« Nas gothicas janellas?

« Eu n'alma reconcentro  
« Do templo as harmonias,  
« Que, amor, de lá me envias,  
« Que envias lá de dentro.»

Fique-te a dor apenas,  
As lagrimas estanca,  
Nuvem ligeira e branca,  
Véo tenue que me acenas.

De Deos se o nome nego,  
A minha pobre vida

É nau que anda perdida  
Do mar no escuro pégo.

A face empalidece!  
Porque? moça e menina  
Ao vir do sol me ensina  
Do Deos de amor a prece!

### Psalmo do incredulo

Oh, quem és tu, a cuja vista os montes  
Nos fundamentos duros estremecem,  
Que te invocam por Deos?  
Que trazes sob os pés redemoínhos  
De nuvens de um palor caliginoso,  
Nas azas de escarcéos?

Que das narinas fumo espesso de ira,  
De indignação exalas, e na bocca  
Tens vulcão que incendêa?

Cuja voz são trovões que o mundo atrôam,  
Cujos olhos é relampago frequente,  
Que pelo ar voltêa?

São tuas settas raios que se cruzam  
Nos espaços, fendendo com assombro  
Horriavelmente os céos?

Alegra-te, oh mortal! o teu repouso  
Não o perturba o estrépito medonho,  
Não existe esse Deus!

---

Sim, o meu Deus é outro! eu o contemplo  
No fundo da minha alma quando exulta,  
E sinto-o todo amor!

No canto da avesinha, ao vir do dia,  
No ciciar da brisa, ao fim da tarde  
Eu te adoro Senhor?

Nos perfumes da flor que o prado esmalta,  
No deslizar da fonte que suspira,  
Contemplo o teu poder!

No orvalho matinal, no ardor da sesta,  
 E no quebrar da vaga que o sol doira  
 Apprendo mais a crêr!

Tempestade nocturna e violenta. Rimbombam a espaços os trovões. Escuridão absoluta.

MEPHISTOPHELES, *apparece*:

Que mais queres de mim? não te hei rasgado  
 O véo do templo? Pede! O que?

O POETA:

Mais mundos!

MEPHISTOPHELES:

Arrebatado em espirito, até onde  
 Não tens ido? Tocaste na Arca santa,  
 E o sagrado terror não te fulmina!  
 Revelei-te a Arte nua em seus encantos,  
 Não te deu ella o beijo mais divino?  
 Queres agora a purpura do genio?  
 A tunica inconsutil onde jogam  
 O teu porvir a duvida, a desgraça?

Não! só quero o amor, o amor sómente.

## MEPHISTOPHELES:

Tu que és rei na altivez da intelligencia,  
 Igual a Deos, e creador! me evocas  
 Do bárathro sombrio a teu serviço,  
 Quando podes fazer surgir do abysmo  
 De fecunda e vistosa phantasia  
 Um typo ideal, o teu amor! Poeta,  
 Cae sobre ti da inspiração o orvalho;  
 Deixa que as cordas da harpa mysteriosa  
 Percorra o teu delirio. Cae em terra,  
 Louco adorando a criação brilhante,  
 Como diante da estatua o artista grego.  
 Hade o mundo imitar-te! achar um nune  
 Em ti, ao vêr uma alma mais perfeita.  
 Já te amostrei Helena, Dido, Sapho,  
 Almas errantas, soltas, confundidas  
 Na penumbra do mundo antigo. Enlaça

Com o cinto das graças, com poesia,  
Amor, a leda infancia e a belleza,  
Que Deos hade invejar a tua obra.

## O POETA :

Faltas ao pacto nosso!

(ouve-se uma gargalhada fria.)

## MEPHISTOPHELES :

Insaciavel,

A sêde do infinito te devora!  
Prazeres, a sciencia do passado,  
A visão do futuro, o absoluto  
Ante os teus olhos pávidos puz tudo.  
Queria que caíndo me adorasses!  
Hoje cansado da existencia aêria,  
Saturado do esplendido banquete,  
Onde tu és o abutre e o cordeiro,  
Revoltas-te! Descrês da minha força,  
Desprezas-me, como uma vã chimera!

Ah! como o pacto nosso aqui recordas,  
Eu rompo as cataractas do empyreo,  
Mergulho-te na enchente da poesia,  
Que me pedes?

O POETA:

Não sei! O que te peço?...

Oh deixa os pobres reis vergar ao pezo  
Dos diademas de ouro que os apertam;  
Aos bravos, deixa aos bravos seus triumphos,  
Aos sacerdotes o altar, o embuste,  
Aos deoses os terrores, o inferno,  
O estertor, e o ranger de dentes...  
Não quero nada d'isso! Que o califa  
Embalado nos sonhos do propheta  
Beba a volupia das huris nos braços!  
E aos cortezãos devassos as entranhas  
Retalhe o amfião de pérfidos amores!  
Para mim — só a mulher! Eu quero...  
O real, o real: o vêl-a, como



Na primeira manhã do paraíso,  
 Temerosa, falando face a face  
 Á divindade angusta! presentindo  
 O regosijo immenso em que antevira  
 No futuro a pro genie indefinida,  
 Na cadeia dos seres, elevar-se  
 Até ao céo d'onde ha caído, e unir-se  
 De novo a Deós! Quero só isto.

MEPHISTOPHELES:

É muito.

O POETA:

Eu quero erguer-lhe o véo d'essa candura,  
 Mas não é para mim! beber-lhe o riso,  
 Trespassar-me de olhar mais eloquente,  
 Extasiar-me com falas pequeninas,  
 Fazel-a ideal, e dal-a á humanidade.  
 Prometheu! Prometheu! mal pode a argila  
 Palpitar sem o fogo que se rouba,  
 Embora a algema dura me una á rocha,  
 Á carne, com que o verbo se faz homem!

Erga-se esta aguia, que me roe faminta  
Sobre o gélido leito de granito.

tempestade rebenta com mais ruído — O furacão imita cores de finados, e a luz  
vermelha de um corisco e alampada se apaga. As trevas viscosas

MEPHISTOPHELES :

Dou-te tudo. Consumme-se este pacto!  
Quantos annos me dás da curta vida?  
Bem vês, é muito!

O POETA :

Eu dou-te o que me resta.

Ouve-se o concerto alegre dos espiritos diabolicos.

## II

Mephistophales leva o Poeta para mostrar-lhe Frederica, uma donzella pura, arrebatadora  
para elle amar.

## MEPHISTOPHELES :

Se a visses á janella  
Cuidando em seu bordado!  
Pudesses, como eu, vê-la  
De traz do cortinado!

Se a visses pensativa  
Com a mão firmada ao rosto,  
Ingenua sensitiva  
Que é languida ao sol posto!

Quando modula ás vezes  
Uma aria favorita...  
Se um dia em muitos mezes  
É palida e afflicta!

E os anéis dispersos  
Do nítido cabelo?  
O seio, o mais que em versos  
Não podes tu dizel-o?...

Se visses isto tudo  
N'um hymeneo de graças,  
Ficáras talvez mudo,  
Mas olhas, ris e passas.

E quando meio occulta  
Com magico recato,  
No véo a mão lhe avulta  
A maciando o gato?

Ou quando ao vir da aurora,  
Em alva toalha envolta,  
Ao espelho se namora,  
E olhar lascivo solta?

O POETA:

Eu amo-a muito, muito,  
E então n'estes momentos

A mim mesmo pergunto  
Quaes são meus pensamentos?

MEPHISTOPHELES:

E se á janella, triste,  
Vem pôr sua gaiola?  
Se vem deitar alpiste  
No comedouro á rola?

O POETA:

Ai rôla! quem pudesse  
Gosar os teus carinhos;  
Que a vida me parece  
Um thalamo de espinhos!

MEPHISTOPHELES, *mostrando-a*:

Cativa a pobre arrulha,  
Com peito a angustias dado;  
E a dona move a agulha  
No fôido bandado!

O POETA, vendo *Frederica*:

Eu vêjo-a sempre esquivada  
A angelica vizinha;  
Ai dor! a alma é cativa  
Talvez como a avesinha.

Vem descendo a noite lentamente.

O POETA, a *Mephistopheles*:

O cyclope do dia  
No espaço a luz entorna,  
Como um martello espalha  
Faiscas da bigorna.

Da noite na mortalha  
Se envolve moribundo,  
Thuribulo que arde,  
E em trevas deixa o mundo.

•

E quando o sol á tarde  
Dardeja alem na serra,  
Parece o ingente dedo,  
Que impõe silencio á terra!

Esta hora é do segredo  
Que as trevas me vem dar;  
Tambem é da ardentia,  
Se está sereno o mar!

Amor, melancholia  
Me inspira sempre esta hora;  
Pois que a costura n'ella  
Deixaes tambem senhora...

E vindes á janella  
Radiante de candura,  
Como a primeira estrella  
Do céo em noite escura.

Mephistophales leva o Poeta, e mostra-lhe Frederica, costurando distrahi-

O seu gato branco junto d'ella.

O POETA :

Quando á tarde te assentas á janella

A costurar,

Sobre a cassa a mãosinha, alva como ella,

Deixas mirar.

Como brinca o teu gato! é gosto vê-lo

Brincar assim :

Se do regaço teu cae o novello,

Com frenesim,

Elle o toma e o lança pela esteira;

Depois... com dor

Cuido, ao vê-lo brincar d'essa maneira,

Vêr nosso amor :

Porque abrazado n'esta ardente sêde,

Pedem meus ais

A gota de agua! a rir me dizes — vêde —

E escondes mais.



As gato de Frederica

O POETA:

Gosto de vê-lo, com fingido somno  
Todo ás caricias que lhe faço alheio;  
Vê-lo deitar-se, como em abandono,  
Sobre meu collo e conchegar-se ao seio.

Gosto de vê-lo no jardim correndo  
Leve apoz ave que fugiu de vê-lo,  
Quando deitado ao sol que vem nascendo  
Lambe, amacia o variegado pello.

Sempre brincando quando o sol é nado,  
Não pára ao menos quando o sol definha,  
Dando lições de amor sobre o telhado,  
Lá no casal da magica visinha.

Mephistophelus leva o Poeta ao circo de Frederica, que o espera ansiosa.

O POETA, *entrando no quarto e vendo-a:*

Que noite e que sitio! nas horas remotas  
Do vago silencio, do meigo luar,  
Nem d'Ossian a virgem nas praias ignotas,  
De formas mais alvas que a espuma do mar...

Dormia tranquilla,		E vinha tingil-a
Sonhando talvez;		Mortal palidez!

O vento, de subito, as nuvens espessas  
Da face da lua dispersa no céo!  
Eu vi-a! Lembraram-me as nossas promessas  
Ao vêr alvos seios a arfar sob o véo.

Sorrindo n'essa hora		Tão longa demora,
Dizia tambem:		Tão tarde! não vem?

Não quiz acordal-a! quem ha que desperte  
Um anjo esquecido dos céos por amor?  
Mas eis se alevanta, vae languida, inerte,  
Cendal branco e longo lhe occulta o palor!

E as formas? nas dobras do véo transparente  
 Destacam-se, ostentam-me incertos perfis!  
 Vae linda, ao piano sentar-se indolente,  
 Dedilha frenetica; a nota amor diz.

Tremescentos sons vagam		Minha alma embriagada
Nas mudas soidões:		Fataes tentações.

Fascina-me o abysmo! que importa? a meu lado  
 Se auréola angelica a vem defender!  
 Sentada ao piano percorre o teclado,  
 E os sons, hora e sitio me fazem perder.

Nos braços a aperto,		Mas novo concerto
Magnetico ardor!		Se escuta, é de amor!

Que noite ligeira! rebenta-me a corda  
 Cantando o delirio da ingenua vestal!  
 Aperto-a nos braços, somnambula acorda,  
 Sorri-se... e em meus braços se inclina a final.

O POETA, *recebendo um beijo de Frederica:*

Mulher! porque amas tanto? quem te obriga  
 A depôr a meus pés tua innocencia?  
 És a flor que se esvae toda em perfumes,  
 E que ao calor da sesta se emmurchece;  
 Não me beijes assim! eu sou de neve,  
 Sou idolo de bronze, altar sangrento,  
 O holocausto sagrado não me abranda!  
 Sou olympico nume e tu Seméle...  
 Tenho medo de amar-te! é impossivel.  
 Inferno! pois que sinto? o que me agita,  
 Vendo-te a mim tão candida enlaçada,  
 Como hera ao fraguado? Se entendesses  
 Que mysterios confusos ha cá dentro  
 Esta brutal frieza perdoáras:

Turva-te, espelho do sereno lago,  
 Esvae-te aroma da purpurea rosa;  
 Abraza-te indiscreta mariposa,  
 Na luz funerea do brandão aziago.

Esvaéce-te, oh sonho aério, vago!  
 Que val, que importa amor? esta alma anciosa  
 Paira absorta na onda harmoniosa,  
 E tem da lyra em cada nota o affago.

Do puro Ideal é ella a confidente,  
 De Deos as obras a egualar se atreve,  
 Dá vida á Galathea, a estatua sente.

Fôste a illusão de hora! hora tão breve...  
 Fôste a vertigem de estonteada mente;  
 Meu fogo destruiu-te — eras de neve.

MEPHISTOPHELES, *apparecendo e interrompendo  
 o segredo:*

Poeta! se na tua mente formas  
 Typos do bello, tens no imo d'alma  
 Tanto amor para dar-lhes, tanto fogo!  
 Oh salva essa donzella! uma palavra,  
 Nem isso? um beijo só que ao céo a eleve.  
 Não lhe acceitas o osculo mavioso?

Don-te de Hamlet a mascara, afivela-a,  
Deixa sonhar Ophelia em seu delirio!  
Tu que sabes crear, imita um dia  
O riso de Don Juan, venho ensinar-t'o.

GOETHE, *volta a face á donzella, para responder a Mephistopheles. Frederica julga-se desprezada e desfalece:*

Deixa-me! és tu culpado do assassinio.  
Dêste-me azas tão frageis para erguer-me,  
Ao reinontar-me, achei-me solitario  
Na solidão do espaço. Ia subindo,  
Fez-me a luz baquear na espessa treva.  
Perscruto o abysmo sempre, e lá no fundo  
Sempre o nada a final! Fôste malvado  
Deixando-me tocar ousado o pomo  
Vedado da sciencia. Cada instante  
Que avanço ou retrocedo — só e triste  
Me encontro em toda a parte.

MEPHISTOPHELES, *rindo*:

É esse o enigma;

Passaste, e ao achal-o indecifrável,

Las andando e devorou-te a Sphinge.

Succumbes, pobre athleta,

A dor teu peito esmaga?

Mas diz voz solta e vaga:

Levanta-te, és poeta.

FIM.

# INDEX

---

<i>Preliminar.</i> . . . . .	v — VIII
A Sombra do Propheta. . . . .	1-38
Samyaza . . . . .	11-21-29
Infancia de Homero. . . . .	39-50
Arabesco de uma janella gothica. . . . .	51-56
O Bravo de Uiraçába . . . . .	57-146
I Tentação no deserto . . . . .	61
II Os piratas do largo. . . . .	79
III Descolorida. . . . .	117
IV Noite escura da alma . . . . .	133
Auto por desaffronta. . . . .	147-226
I As Novas da India. . . . .	149
II Na taverna da Tia Brazia. . . . .	169
III O serão da Corte . . . . .	197
Poeta por desgraça. . . . .	227-287
I Acto . . . . .	229
II Acto . . . . .	268
Vertigem do Infinito. . . . .	289-316